



PRISCILA MENEZES GONÇALVES

**ENTRE A IMAGEM E O IMAGINÁRIO: UMA PERCEPÇÃO
SEMIÓTICA DAS IMAGENS FOTOGRÁFICAS DO LIVRO
*EXPLORATION EN GUYANE BRÉSILIE***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Senso em Comunicação na Universidade Federal de Roraima, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr Maurício Elias Zouein

Boa Vista
2021



Dissertação de autoria de PRISCILA MENEZES GONÇALVES, intitulada “ENTRE A IMAGEM E O IMAGINÁRIO: UMA PERCEPÇÃO SEMIÓTICA DAS IMAGENS FOTOGRÁFICAS DO LIVRO *EXPLORATION EN GUYANE BRÉSILIE*” apresentada como requisito parcial par a obtenção do grau de Mestre em Comunicação da Universidade Federal de Roraima, em 15 de abril de 2021, defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinada:

Professor Dr Maurício Elias Zouein -Orientador Comunicação/ Pós-Graduação PPGCOM (UFRR)

Professora Dra. Lisiane Machado Aguiar / Pós-Graduação PPGCOM (UFRR)

Professor Dr. Luiz Carlos Assis Iasbeck / Comunicação/ Pós-Graduação em Comunicação Organizacional (UNB)

Boa Vista
2021

Para Amanda, Pedro e meus dois bebês
que não nasceram.

Agradecimentos

Como um espírito em evolução eu sou grata a Deus. Nosso criador, nosso pai maior, agradeço por mais uma oportunidade de existência e tudo que estou aprendendo neste plano. Sou grata a Jesus nosso guia, exemplo máximo na terra do amor incondicional, caridade e fé. Sou grata ao meu anjo da guarda que sempre me intuiu e me deu força para eu não desistir, mesmo nos momentos mais difíceis. Sou grata aos meus pais: Ercílio e Marília por terem se unido, recebendo-me como filha, e até hoje se dedicarem com tanto amor, generosidade, abnegação e carinho a mim e aos meus filhos. Obrigada por todo apoio neste projeto! Sou grata pelos meus filhos Amanda, Pedro e meus dois bebês que não nasceram. Eles me ensinam, diariamente, a escola do amor, da doação e da coragem. Este projeto fiz por mim e por vocês, pois dia poderão entender o valor desta dedicação.

Sou grata aos meus irmãos: Anselmo e Alisson e minha cunhada Elaine pelo amor e paciência. Sou grata a minha companheira de jornada doméstica Michelly pela dedicação aos meus filhos, minha casa, a mim e todo apoio incondicional que recebi desde o princípio deste projeto. Com sua ajuda foi possível realizar este sonho! Obrigada!

Sou grata ao meu orientador Maurício Elias Zouein por, desde o princípio, ainda nos tempos da faculdade, ter acreditado em mim, no meu potencial e dividir com tanta generosidade seus saberes e aprendizados. Sua palavra amiga sempre me deu força para continuar quando eu esmoreci. Sou grata ao Prof. Dr. Luiz Iasbeck pela generosidade, conhecimento e acolhida desde os tempos de faculdade. Sou Grata Prof. Dra. Lisiane pelo conhecimento dividido nas aulas, orientações e carinho. Vocês três são inspiração para mim! Agradeço a todos os professores que passaram pela minha vida escolar e acadêmica. Queridos mestres, meu carinho e gratidão por todo tempo e conhecimentos dedicados a mim! Agradeço em especial aos meus professores do PPGCOM: Maurício, Lisiane, Leila, Vângela, Luis, Gustavo e Vilso. Sou grata as amigas que ficaram em minha vida: Laura, Jana, Kelly e Léo.

Sou grata aos meus colegas de mestrado pelo companheirismo, carinho, generosidade e apoio em toda esta jornada! Cyneida, Luciene, Soninha, Aquilas, Marcos, Pabblo, Taffinis, Raphael e Berto. Sucesso a todos!

Even what is called an "instantaneous photograph," taken with a camera, is a composite of the effects of intervals of exposure more numerous by far than the sands of the sea. (CP 2.441)

Charles Sanders Peirce

RESUMO

A presente dissertação tem como objeto de estudo as Imagens Fotográficas de três páginas da obra octagenária *Exploration en Guyane Brésilienne*, do médico e expedicionário Hamilton Rice. O livro tem como enredo a viagem ao Valle do Rio Branco entre 1924/25 na região que hoje é o Estado de Roraima. Para entender a relação da Imagem e do Imaginário construído a partir dela buscamos elementos científicos na teoria de Jean Paul Sartre, para então analisarmos as Imagens Fotográficas por meio de uma percepção semiótica baseada em Charles Sanders Peirce. Os índices, ícones e símbolos projetados em nossa mente a partir das Imagens Fotográficas da obra são fruto da nossa consciência imaginante e a mesma é produzida por meio das nossas experiências, essências e vivências que, por conseguinte, determinam como percebemos o objeto semiótico (dinâmico e imediato) que, por sua vez, coloca numa relação triádica o interpretante e o signo.

Palavras-Chave: Imagens Fotográficas; Imaginário; Semiótica; Vale do Rio Branco.

ABSTRATC

The present dissertation has as object of study the Photographic Images of three pages of the octagenarian work *Exploration en Guyane Brésilienne*, by the physician and expeditionary Hamilton Rice. The book has as its plot the trip to the Valle do Rio Branco between 1924/25 in the region that today is the State of Roraima. In order to understand the relationship between the Image and the Imaginary constructed from it, we seek scientific elements in the theory of Jean Paul Sartre, and then analyze the Photographic Images through a semiotic perception based on Charles Sanders Peirce. The indexes, icons and symbols projected in our mind from the Photographic Images of the work are the result of our imaginative consciousness and it is produced through our experiences, essences and experiences that, consequently, they determine how we perceive the semiotic object (dynamic and immediate) which, in turn, places the interpretant and the sign in a triadic relationship.

Key words: Imaginary; Photographic Images; Rio Branco Valley; Semiotics;

RÉSUMÉ

La présente thèse a pour objet d'étude les Images Photographiques de trois pages de l'oeuvre octagénnaire *Exploration en Guyane Brésilienne*, du médecin et expéditionnaire Hamilton Rice. Le livre a pour intrigue le voyage à la Valle do Rio Branco entre 1924/25 dans la région qui est aujourd'hui l'État de Roraima. Afin de comprendre le rapport entre l'image et l'imaginaire construit à partir de celle-ci, nous cherchons des éléments scientifiques dans la théorie de Jean Paul Sartre, puis analysons les images photographiques à travers une perception sémiotique basée sur Charles Sanders Peirce. Les index, icônes et symboles projetés dans notre esprit à partir des images photographiques de l'oeuvre sont le résultat de notre conscience imaginative et il est produit à travers nos expériences, essences et expériences qui, par conséquent, ils déterminent la façon dont nous percevons l'objet sémiotique (dynamique et immédiat) qui, à son tour, place l'interprétant et le signe dans une relation triadique.

Mots clés: Images photographiques; Imaginaire; Sémiotique; Vallée du Rio Branco.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01 - Eleanor Elkins Widener.....	15
Imagem 02 - Hospital Nossa Senhora de Fátima.....	27
Imagem 03 - Casal Santos.....	33
Imagem 04 - Albert Stevens.....	36
Imagem 05 - Capa da revista <i>The National Geographic</i>	37
Imagem 06 - <i>Exploration en Guyane Brésilienne</i>	74
Imagem 07 - Família de fazendeiro e jovem com violão na rede.....	79
Imagem 08 - Composição de imagens da Página PL CVII.....	81
Imagem 09 - Índios da Tribo Makú e Maiongongue.....	83
Imagem 10 - Menina brasileira.....	91
Imagem 11 - Índios Maiogongue.....	93
Imagem 12 - Integrantes de uma família de fazendeiros.....	94
Imagem 13 - Índios Xirianas em frente a maloca.....	96
Imagem 14 - Canoa içada por homens na costa alta do Pura.....	98
Imagem 15 - Crianças Macús reunidas.....	99

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Triângulo de Ogden-Richards.....	58
Gráfico 02 – Tripod.....	58
Gráfico 03 – Representação da estrutura do signo.....	59
Gráfico 04 – Representação da Tríade Peirceana do signo.....	60
Gráfico 05 – Representação das três fases de análise.....	61
Gráfico 06 – Representação das 9 subclasses das 3 tricotomias de Peirce.....	66
Gráfico 07 – Estrutura do Signo.....	69

SUMÁRIO

LISTA DE IMAGENS.....	9
LISTA DE GRÁFICOS.....	10
INTRODUÇÃO.....	12
1. HAMILTON RICE EM BUSCA DO EL DOURADO.....	14
1.1 SÉC XX UM TEMPO PARA DITADORES E EXPLORADORES.....	18
1.2 A AMAZÔNIA MÍTICA.....	21
1.2.1 O Vale do Rio Branco.....	24
1.3 O GEÓGRAFO EM BUSCA DO EL DOURADO.....	28
1.3.1 Novas tecnologias na terra de Makunaima.....	29
1.4 OS FOTÓGRAFOS DE RICE.....	31
1.4.1 Silvino Santos o fotógrafo da Amazônia.....	32
1.4.2 Albert W. Stevens o olhar exótico.....	35
2. A IMAGEM NAS OBRAS DE SARTRE.....	39
2.1 A IMAGINAÇÃO.....	41
2.2 A CONCEPÇÃO SARTREANA DO IMAGINÁRIO.....	43
2.3 O IMAGINÁRIO.....	45
2.3.1 Função e vida imaginária.....	47
2.3.1.1 A função de símbolo e a relação com o pensar e o perceber.....	49
2.3.1.2 O objeto irreal.....	51
2.3.1.3 Os comportamentos diante do irreal.....	53
3. MÉTODO SEMIÓTICO.....	55
3.1 REPRESENTAMEN.....	61
3.2 OBJETO SEMIÓTICO.....	63
3.2.1 Objeto Imediato.....	64
3.2.2 Objeto dinâmico.....	64
3.3 INTERPRETANTE.....	65
3.4 AS TRÍADES PEIRCEANAS.....	66
3.4.1 Legissignos.....	66
3.4.2 Símbolo.....	67

3.4.3 Argumento.....	68
3.5 - REPRESENTAÇÃO DO SIGNO.....	68
3.5.1 Fundamento do signo.....	70
3.5.2 Legissigno.....	70
3.5.3 O objeto semiótico.....	70
3.5.4 O Interpretante	71
4 ANÁLISE.....	73
4.1 SIGNO/ REPRESENTAMEN.....	73
4.2 OBJETO SEMIÓTICO.....	76
4.2.1 Objeto dinâmico	77
4.2.2 Objetos imediato.....	84
4.3 INTERPRETANTE.....	86
4.3.1 Interpretante imediato	86
4.3.2 Interpretante dinâmico	87
4.3.3 Interpretante final.....	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	103
ANEXO	107

INTRODUÇÃO

Nosso primeiro contato com imagens fotográficas (doravante **IF**) foi na infância. Curiosa sempre gostei de produzir e posar para as lentes dos meus pais. Aos 14 anos comecei a apresentar comerciais de TV e ter experiências com vídeos. Depois na juventude, aos 20, decidi aprender as técnicas da fotografia. Participara de um curso em Boa Vista e, em seguida, em São Paulo numa das escolas do Senac. Ali pude sentir a emoção de fotografar com câmeras profissionais e revelar artesanalmente cada imagem produzida. Foi uma emoção que jamais esquecerei: ver as imagens surgirem quando o papel fotográfico era mergulhado na solução denominada revelador, e logo após passar pela interrupção, fixação, lavagem e secagem. Experiência parecida a juventude de hoje, talvez, não tenha mais acesso.

Desde então buscamos nos aproximar, conhecer, compreender a produção de **IF** e o que elas representam seja neste ou nos tempos de outrora. Desejo que ao folhear estas páginas o leitor desperte sentimentos e emoções, provavelmente diferentes dos meus, e que por esta mesma razão são tão válidos e representativos.

No primeiro capítulo entramos no universo da obra pesquisada *Explorantion en Guyane Brésilienne*, do autor Hamilton Rice (imagem em anexo) e o momento histórico. Procuramos mostrar o que acontecia no mundo, no Brasil, no Amazonas e no Vale do Rio Branco no período da expedição nos anos de 1924/25. Para perceber uma **IF** além de nos aprofundarmos na teoria da imagem a nossa preocupação era nos aproximar da cultura, economia, história, sociedade da época. Neste trecho leitor vai descobrir nuances da vida de Rice, do povo amazônida, moradores do Vale do Rio Branco entre índios e não-índios, e, também as principais motivações da viagem da Rice pela região. Destacamos ainda os primórdios da fotografia, ferramenta esta que propicia as **IF**, e mostramos quem foram os fotógrafos de Rice.

No capítulo seguinte fizemos uma viagem ao século XX, na obra de Jean Paul Sarte, *L'Imaginaire*, onde buscamos elementos científicos que nos mostrassem como as imagens são criadas, produzidas e representadas em nossa mente. Entender este processo teórico propiciaria uma base firme para a construção de uma posterior análise. Refletir o quanto a representações geradas pela nossa mente podem resultar na constituição de novos sentidos e significados foi essencial neste caminho.

O terceiro capítulo é dedicado a metodologia que nos guiou neste caminho científico: o método semiótico. O mesmo nos propiciou a bagagem para análise das **IF** e entender de onde

partiríamos e onde podemos chegar. E são os indícios (índices), semelhanças (ícones) e leis, regras (símbolos) nos proporcionam uma percepção científica e não meramente um olhar descritivo das **IF**. A semiótica nos leva a percurso lógico, porém ao mesmo tempo subjetivo, pois cada um de nós temos percepções diferentes em consideração às nossas essências, experiências e vivências.

No capítulo quatro delineamos nosso objeto em estudo: as **IF** pertencentes à páginas da obra primária em edição francesa. Explicamos detalhes sobre o livro, o objeto semiótico, o porquê das três páginas escolhidas com **IF** com índios e não- índios, objetos dinâmicos, e os interpretantes resultantes deste processo. Nas considerações especificamos cada **IF** escolhida: representações, contrastes, vantagens, descobertas, o lado oculto.

A motivação inicial da pesquisa foi descobrir como índios e não- índios do Vale do Rio Branco representavam os povos da região, neste período, na obra de Hamilton Rice? Partindo deste surgiram outros problemas. O espaço dedicado as **IF** de pessoas foi equilibrado entre índios e não-índios? Que impressões dos Índios e não-índios o autor traz como contribuição para a análise? Como perceber as **IF** da época sem ter vivido neste período?

Neste sentido, as percepções e reflexões trazidas à tona podem colaborar com a construção do nosso imaginário presente sobre os povos da região sejam eles índios e não-índios, quais elementos nos unem, o que nos separa e o que de fato é essencial. As **IF** se apresentam como **IF** dentro da página de um livro. Ao passo que o conteúdo representa um instante, ao mesmo tempo representam uma época.

1. HAMILTON RICE EM BUSCA DO EL DOURADO

Alexander Hamilton Rice Jr. (1875/1956), nasceu na cidade de Boston, em Massachusetts, EUA. Além de ter descendência direta de um dos pioneiros do *Mayflower*¹, era filho de família abastada e de prestígio, cujo avô, de quem herdou o nome, foi um eminente político no estado em que Rice nasceu.

Formou-se em medicina na Universidade de Harvard (1902), onde apesar de ter construído uma carreira sólida, tanto como professor/ pesquisador, quanto conferencista na área médica, Rice destacou-se de fato quando “(...) desenvolveu pesquisas na área da geografia física, especializou-se no estudo de rios, incluindo os da bacia Amazônica, do Hudson e do Alaska. Rice tornou-se um estudioso respeitado em hidrologia.” (SOUZA 2012, p. 20) O expedicionário americano ficou conhecido por ter espírito aventureiro e colecionado inúmeras viagens à regiões inóspitas no Brasil.

Dr. Rice was as much at home in the elegant swirl of Newport society as in the steaming jungles of Brazil. He was often in the company of such titled notables as the Duke and Duchess of Windsor, but he repeatedly gave up the life for rugged explorations, in one of which he fought a running four-day battle against cannibals. (New York Times 24 de julho de 1956, p. 25)²

Depois de trabalhar em Paris, durante a primeira guerra mundial, Rice estudou por três anos em Londres, na *Royal Geographic Society*, e, então voltou aos EUA onde casou-se por duas vezes (Imagem 01). “Em 1915, com a rica Eleanor Widener³, sobrevivente do naufrágio do Titanic, e após seu falecimento em 1949, casou-se com Dorothy Farrington Upham⁴”. (SOUZA 2012, p. 20). É interessante ressaltar que foi com a primeira esposa que Rice dividiu fortuna e a fez acompanhar em parte de suas viagens. Ainda, segundo o autor, a primeira esposa de Rice foi a grande incentivadora de suas expedições e estudos.

Com este lastro científico fundou, em 1929, o Institute for Geographical Exploration, em Harvard, sendo seu presidente até sua extinção, em 1952. Portadores de fortuna pessoal, Rice e a esposa Eleanor foram os grandes apoiadores das atividades do Instituto. (SOUZA, 2012, p. 20)

¹ Embarcação que transportou peregrinos da Inglaterra para os Estados Unidos da América.

² O Dr. Rice sentia-se tão à vontade no elegante redemoinho da sociedade de Newport quanto nas selvas fumegantes do Brasil. Ele costumava estar na companhia de notáveis nobres como o duque e a duquesa de Windsor, mas repetidamente desistia da vida por explorações acidentadas, em uma das quais travou uma batalha contínua de quatro dias contra os canibais. (tradução da autora)

³ Eleanor Elkins Widener (1862 -1937), filha de um dos magnatas dos transportes da Filadélfia.

⁴ (1889 - 1969)

Imagem 01 - Eleanor Elkins Widener.



Imagem fotográfica: *Eleanor Elkins Widener Rice*. Filha do magnata William Lukens Elkins (1832-1903), casou-se com George Dunton Widener (1861-1912) em 1883. Na época o casamento uniu duas das maiores fortunas de Pensilvânia (EUA)". Eleanor e George estavam em Paris a procura de um chef para o Ritz Carlton da Filadélfia (de propriedade da família). No retorno aos Estados Unidos da América decidiram embarcar no *RMS Titanic*. Da família somente Eleanor sobreviveu. Em seguida doou a soma de, aos valores de 2021, cerca de setenta milhões de dólares para a Universidade de Harvard montar a biblioteca "Harry Elkins Widener". Durante a inauguração (1915) conheceu o professor Alexander Hamilton Rice Jr. Com quem casou-se no mesmo ano. Impressão fotográfica: Gramatura do papel: 120g., dimensão 9cm x 11,5cm, cor: Sépia. Legenda no verso da fotografia: "Mrs. Geo Widner(sic) Photo by Histed". Fonte: *WorthPoint Corporation*.

No cenário pós-guerra foi que o explorador planejou a viagem ao Brasil (1924/25). Como membro da *American Geographical Society-AGS* Rice aliou-se a Universidade de *Harvard* na organização da Expedição à Guiana Brasileira. A intenção foi avaliar aspectos geográficos da localidade, visto que os antigos mapas sul-americanos apontavam o setor oeste desta região como uma área desconhecida (BARBOSA, 2010). Como meta, tanto da viagem quanto da *AGS*, foi mapear a América Latina e depois o restante do mundo. Ou seja, a viagem de Rice decorreu de uma necessidade pós primeira guerra mundial e o desejo de ocupação e conquista de territórios.

AGS continued to serve national interests and further general geographical exploration and research following the First World War. The Millionth Map of Hispanic America, a project to study and map first Latin America and then the entire world at a scale of 1:1,000,000, was one of its most important efforts. Mapping lasted from 1920 through WWII and resulted in 107 extremely detailed maps of Latin America widely used throughout the world. (American Geographical Society, c2019)⁵.

No plano de viagem a Guiana Brasileira, Rice (1937, p. 9) expressou seus objetivos de explorar e cartografar o Rio Branco; realizar pesquisa e experimentação sobre aparelhos de telegrafia sem fio; utilizar o hidroplano para realizar fotografias; efetuar um estudo geológico da área, e estudos antropológicos, etnológicos e sanitários da região. As viagens exploratórias tinham forte caráter em registrar e estudar estes locais por onde passava, tanto é que Rice sempre investiu em tecnologia para fotografias e filmagens. Para a expedição...

(...) de 1924/25, levou consigo um hidravião, o Eleanor 2º; adotou a tecnologia de rádio de ondas curtas e filmava suas atividades. As expedições que liderava contavam com especialistas em botânica, zoologia, astronomia, geografia e medicina. (Maxwell, 2009)⁶

Os resultados das pesquisas durante a expedição incluindo as imagens fotográficas (doravante **IF**) compõem a obra *Exploration en Guyane Brésilienne*, edição francesa publicada há mais de meio século, em 1937. A primeira edição da obra foi editada em inglês, em 1928, com o título *Exploration in Brazilian Guyana*. Cinquenta anos depois, em 1978, a edição foi lançada no Brasil: *Exploração na Guiana Brasileira*, pela editora Itatiaia.

⁵A *AGS* continuou a servir os interesses nacionais e a exploração e pesquisa geográfica geral após a Primeira Guerra Mundial. O Millionth Map of Hispanic America, um projeto para estudar e mapear a primeira América Latina e depois o mundo inteiro em uma escala de 1: 1.000.000, foi um dos seus esforços mais importantes. O mapeamento durou de 1920 até a Segunda Guerra Mundial e resultou em 107 mapas extremamente detalhados da América Latina amplamente utilizados em todo o mundo (tradução nossa). American Geographical Society, *AGS*. História. c2019. Disponível em <https://americangeo.org/about-us/history/>. Acesso em 10 de jul. 2019.

⁶Folha de São Paulo. Kenneth Maxwell (Tradução de Paulo Migliacci). São Paulo, quinta-feira, 10 de setembro de 2009. Acesso em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz1009200906.htm>

O livro selecionado para nossa pesquisa foi a edição francesa. Possui 22,5cm x 5cm x 28,5cm, tem composição em capa dura verde musgo e letras em baixo relevo verde escuro. A gramatura do papel 200 g, na tonalidade branca, porém com o envelhecimento do papel a tonalidade se modifica para um tom amarelado. O prefácio, que foi escrito por Dr. Raoul Blanchard⁷ (1877-1965), professor da Universidade de Grenoble e da Universidade de Harvard expressa toda satisfação e alegria da obra ter sido traduzida para o francês:

Je suis heureux de présenter au public français l'éminente contribution à l'étude d'une des plus difficiles régions du monde que nous a apportée mon collègue et ami le professeur. A. Hamilton Rice. Une version en avait été publiée en anglais en 1928; le docteur Rice a tenu à ce qu'elle fut complétée, traduite em français et magnifiquement illustrée. C'est là une attention qui ira au coeur de tout Français⁸. (RICE, 1937, p. 5)

Além da apresentação feita pelo geógrafo e explorador Hamilton Rice, há dois mapas/diagramas explicativos sobre a região e dois mapas dos rios percorridos. Entre as páginas 22 e 83 segue-se a descrição do diário de bordo do explorador. Além dos mapas existe um glossário com termos utilizados no texto. A partir da página 94, apresentam-se 94 **IF** aéreas da natureza roraimense retratadas em matas, florestas, rios, da Vila de Boa Vista⁹, serras, cachoeiras, aldeias. As fotografias medem 15cm x 20cm e possuem tons de cinza, porém, por estarem em papel comum, ao invés de fotográfico, a ação do tempo tende a amarelar as páginas e com elas as imagens editadas. As 81 **IF** finais são de índios e não-índios da região e possuem tamanhos que variam de 8cm x 13cm, 8cm x 10cm, 6cm x 9cm.

A viagem de Hamilton Rice a Guiana Brasileira teve destaque no Jornal The New York Times de julho de 1925, com título EXPLORER RICE BACK; SAW WHITE INDIANS¹⁰. Segundo a publicação esta já era a sétima viagem do explorador à América do Sul.

Dr. Alexander Hamilton Rice, who returned yesterday on the Cunarder Mauretania from his seventh expedition into the heart of South America, looked bronzed and well in spite of the hardships he had encountered in the forests and navigating unexplored rivers in Brazil. He was accompanied by Mrs. Rice who came from Rio de Janeiro to New York a few weeks ago and rejoined her husband at Lisbon when he arrived there

⁷ Blanchard foi o criador da geografia alpina francesa, fundando a *Revue de géographie alpine*, que publicou as primeiras obras nos Alpes franceses. Fonte: <https://www.encyclopedia.com/people/science-and-technology/geography-biographies/raoul-blanchard>. Acesso em 29 de Junho de 2019.

⁸ Estou muito feliz em apresentar a publicação em francês que é uma eminente contribuição aos estudos de uma das regiões mais difíceis do mundo trazidas pelo meu colega e amigo o professor Alexander Hamilton Rice. Uma versão que já foi publicada em inglês em 1928, o doutor Rice melhorou o que já estava completo, traduzindo em francês e magnificamente ilustrada. É uma atenção que ficará para sempre no coração de toda França. (tradução nossa).

⁹ Em 1925 era Vila de Boa Vista do Rio Branco. Na segunda metade do Séc. XX passava ser Município de Boa Vista, capital do estado de Roraima

¹⁰ EXPLORER RICE BACK; SAW WHITE INDIANS. Encyclopedia Titanica, 2004. (New York Times, Saturday 11th July 1925). Disponível em: <https://www.encyclopedia-titanica.org/explorer-rice-back-saw-white-indians.html>. Acesso em 02 de fevereiro de 2021.

from Mannhaus on the Amazon. Dr. Rice told of the discovery of a tribe of white Indians at the headwaters of the Parima River who spoke a language entirely their own and ate cocaine as a relish for their diet of wild plantains. Owing to the difficulty in conversing with the Indians, which was chiefly by signs, he had been unable to discover where they obtained the drug. Between the two World Wars he organized and led seven expeditions into the jungles of South America. He surveyed and mapped half a million square miles of unexplored territory, established hospitals for Indians of Brazil and conducted research in tropical diseases. His scientific work won him honors from Italy, England, France and Spain. (New York Times 11 de julho de 1925, p. 06)¹¹

Na oportunidade Rice destacou terem encontrado uma tribo de índios de pele branca no alto Rio Branco. O médico/explorador realizou extensas viagens realizadas a América do Sul, à época uma região inexplorada e temida por conta dos índios selvagens da região, animais ferozes e as doenças tropicais. Por isso teve seu trabalho reconhecido não só nos EUA.

Depois das longas viagens ao hemisfério sul Rice viveu com sua segunda esposa até os últimos dias na propriedade do casal, em Miramar, EUA. Segundo o jornal New Times de julho de 1956, ele tinha 80 anos, estava doente quando veio a falecer em casa de causas naturais.

1.1 SÉC XX UM TEMPO PARA DITADORES E EXPLORADORES

Para entendermos um pouco mais sobre a história, economia e cultura do tempo da expedição de Rice, vamos trazer os principais fatos que ocorreram naquela época. O primeiro quarto do século XX foi cenário de grandes acontecimentos e mudanças, pois o mundo vivia um período crítico e sentia os reflexos da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) declarada pela Tríplice Aliança (Alemanha, Áustria, Império Otomano e Itália) a Tríplice Entente (Rússia, Grã-Bretanha e França). A primeira guerra teve como principais causas: disputas imperialistas

¹¹ Dr. Alexander Hamilton Rice, que retornou ontem no Cunarder Mauretania, de sua sétima expedição ao coração da América do Sul, parecia bronzeado e bem, apesar das dificuldades que havia encontrado nas florestas e navegado por rios inexplorados no Brasil. Ele foi acompanhado pela Sra. Rice, que veio do Rio de Janeiro para Nova York há algumas semanas e se juntou ao marido em Lisboa quando chegou lá de Manaus, na Amazônia. Rice contou sobre a descoberta de uma tribo de índios brancos nas cabeceiras do rio Parima, que falava uma língua inteiramente própria e comia cocaína como um prazer por sua dieta de bananas silvestres. Devido à dificuldade de conversar com os índios, principalmente por meio de sinais, ele não conseguiu descobrir de onde tiraram a droga. Entre as duas guerras mundiais, ele organizou e liderou sete expedições nas selvas da América do Sul. Ele pesquisou e mapeou meio milhão de milhas quadradas de território inexplorado, estabeleceu hospitais para índios do Brasil e conduziu pesquisas em doenças tropicais. Seu trabalho científico lhe rendeu honras da Itália, Inglaterra, França e Espanha. (tradução nossa).

por territórios, nacionalismo, alianças militares e a corrida armamentista. E foi neste cenário pós-guerra que a expedição de Hamilton Rice foi planejada.

No período da expedição, na Alemanha ganhava destaque o cabo reformado do exército, Adolf Hitler¹² (1889-1945). Hitler foi preso em Munique, acusado de traição pelo estado Alemão. Durante o cárcere Hitler treinava com os detentos seu poder de oratória (ALTAMAN, 2010).

Assim como Hitler outros ditadores como Benito Mussolini¹³ (1883-1945) na Itália estavam em evidência na época e eram conhecidos por influenciar multidões com discursos radicais de ódio contra judeus, imigrantes, mulheres, etc.

Na Alemanha e na Itália o principal meio de comunicação utilizado para persuadir o povo era o rádio. O rádio resultou da união de três tecnologias: o telégrafo, o telefone sem fio e as ondas de transmissão.

Contra os ditadores havia grupos de resistência. Na Alemanha intelectuais críticos alemães se reuniam para estudar sobre a influência dos meios de comunicação de massa na sociedade e criticavam duramente o nazismo. Foi assim que fundaram em 24, a Escola de Frankfurt¹⁴. Com a II Guerra Mundial, eles saíram de Frankfurt, na Alemanha, para se refugiar nos Estados Unidos, voltando apenas na década de 50, após a queda de Hitler e o fim do nazismo.

No campo das artes foi publicado na França, no período pós-guerra, o primeiro “Manifesto do Surrealismo” por André Breton (1896-1866), escritor, poeta e teórico da corrente. A essência do movimento era que os artistas imprimissem nas obras de arte os sentimentos e instintos humanos, a partir de então, surgisse uma nova linguagem artística.

O Brasil também sofreu influências do “Manifesto Surrealista”. Tanto que no país foi criado, inclusive, o movimento Pau-Brasil, que não aceitava a submissão às propostas defendidas na Europa.

¹² Político alemão nascido na Áustria (1889-1945). Liderou o bloco alemão durante a Segunda Guerra Mundial. Disponível em: sohistoria.com.br/biografias/adolf/ . Acesso em 01 de ago de 2019.

¹³ Foi um político italiano. Líder do Partido Fascista, fundado em 1919, no final da Primeira Guerra Mundial. Disponível em: https://www.ebiografia.com/benito_mussolini/ . Acesso em 01 de ago de 2019.

¹⁴A Escola de Frankfurt consistia em um grupo de intelectuais que na primeira metade do século passado produzia um pensamento conhecido como Teoria Crítica. Dentre eles temos Theodor Adorno, Max Horkheimer, Herbert Marcuse e Walter Benjamim. Disponível em: <https://www.infoescola.com/filosofia/escola-de-frankfurt/> . Acesso em 30 jun. 2019.

O Movimento do Pau-Brasil é um movimento nativista, que defendia a poesia brasileira de exportação. Tal como o pau-brasil foi o primeiro produto brasileiro a ser exportado, Oswald de Andrade desejava que a poesia brasileira se tornasse um produto cultural de exportação; daí a escolha do nome do movimento. (FERNANDES, 2019)

Nos Estados Unidos estava no poder o Partido Republicano fundamentado em defender o conservadorismo, a tradição, o livre comércio, e as liberdades individuais. Na época Calvin Coolidge (1872-1933) assume a presidência após a morte de Warren Harding (1865-1923). As políticas adotadas por Calvin como a expansão de crédito, emitido pelo *Federal Reserve System* – Sistema de Reserva Federal (uma espécie de Banco Central Americano) – resultaram num cenário propício para os investimentos em grandes expedições ao redor do mundo, como a que possibilitou, por exemplo, a viagem de Rice ao Vale do Rio Branco.

Na política brasileira vivia-se um momento de tensão por conta da Revolta Paulista de 1924¹⁵, com a tentativa de depor o então presidente do Brasil, Artur Bernardes (1875-1955), sobretudo porque os militares não aprovavam seu governo. Em 1924 eclodiram revoltas tenentistas em São Paulo (5 de julho), Mato Grosso (12 de julho), Sergipe (13 de julho), Amazonas (23 de julho), Pará (26 de julho) e Rio Grande do Sul (29 de outubro).

A revolta tenentista no Amazonas foi a única com a tomada do poder no Brasil pelos revolucionários. A cidade de Manaus - ficou 1 mês e 5 dias (de 23 de julho a 28 de agosto de 1924) sob o comando do tenente Alfredo Augusto Ribeiro Júnior (1889-1938).

A viagem de Hamilton Rice, que partiu de Manaus em direção ao Vale do Rio Branco, sofreu atraso devido a Revolta. “*L'expédition quitta Manaus le 20 août 1924 après plusieurs semaines d'un retard causé par la révolution qui sévissait alors au Brésil*”¹⁶ (RICE 1937, p.21). Vencido o obstáculo os expedicionários chegaram à Vila de Boa Vista¹⁷, município subordinado ao Estado do Amazonas com “*164 maisons qui abritent une population de 1. 200 âmes*”¹⁸. (RICE 1937, p.25). Ali se instalaram e ficaram acomodados por 6 semanas.

¹⁵ A Revolta de 1924 foi um movimento militar de baixas patentes com alguns objetivos: depor o presidente Artur Bernardes, estabelecer o voto secreto, a justiça gratuita e o ensino público obrigatório. Disponível em: <https://www.cidadeecultura.com/revolta-1924/> . Acesso em: 27 maio 2019.

¹⁶ “A expedição deixou Manaus a 20 de agosto de 1924, após várias semanas de atraso causado pela revolução que afligia o Brasil” (tradução nossa).

¹⁷ Em 9 de julho de 1890, um decreto assinado pelo então governador do Amazonas, Augusto Ximênes de Villeroy, dá à vila que surgiu da fazenda o status de município. Na época, ele fazia parte do Amazonas. Disponível em: <http://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2015/07/conheca-historia-e-curiosidades-que-marcam-os-125-anos-de-boa-vista.html> e acessado em 10 de jul. 2019.

¹⁸ 164 casas que abrigavam uma população de 1.200 pessoas (tradução nossa).

Nada que pudesse impedir o chefe da expedição de seguir em frente. Rice trabalhou, ativamente, durante a primeira guerra como médico civil, e com a entrada dos EUA na guerra como médico militar. Na época ele ficou baseado em Paris, onde inclusive dirigiu o Hospital de Base.

A expedição, então subiu o Rio Negro até chegar ao Rio Branco. O percurso estendeu-se até o Uraricoera finalizando na Serra do Parima. A equipe era composta por 112 integrantes¹⁹. Uma parte da equipe a bordo do vapor fretado “Paraíba”, outra parte em canoas e chalupas; além de tripulantes do Hidroavião que fariam as pioneiras imagens aéreas do então Vale do Rio Branco.

Neste período de grandes viagens ao interior das regiões brasileiras, diversos indígenas sofreram com a ação dos exploradores: “Grande parte das populações indígenas, principalmente do baixo Rio Branco, sofreu perdas significativas, tanto pelo aprisionamento como pelo vigor das doenças trazidas pelos exploradores, como gripe, irritações de pele etc.” (BARBOSA, 2010, p.158).

2.2 A AMAZÔNIA SELVAGEM

Desde o período colonial, quando da chegada dos primeiros europeus à terras brasileiras, a Amazônia sempre fora considerada uma região inóspita, perigosa, inacessível, sendo destinada aos mais destemidos e desbravadores homens. Foram inúmeras expedições com os objetivos de conquistar e demarcar novos territórios:

La région de l'Uraricuera-Parima était pratiquement « terra incognita », car peu de voyageurs l'ont parcourue et aucun n'a essayé de suivre la Parima. En 1787 la commission portugaise de délimitation de frontière, conduite par le gouverneur Lobo de Almada, a remonté l'Uraricuera jusqu'au confluent de l'Uraricapara et plus récemment, en 1882, la Commission VénézuéloBrésilienne, sous la direction du premier lieutenant naval Francisco Xavier Lopez de Araujo, atteignit le même point et remonta l'Uraricapara jusque près de sa source dans la Serra Paracaima²⁰.(RICE 1937, p.10)

¹⁹ Doze não-índios e cem índios

²⁰ A região Uraricuera-Parima era praticamente “terra incógnita”, pois poucos viajantes a percorreram e nenhum tentou seguir o Parima. Em 1787 a comissão portuguesa de delimitação da fronteira, chefiada pelo governador Lobo de Almada, ascendeu o Uraricuera à confluência do Uraricapara e mais recentemente, em 1882, a Comissão Vénézuélo-Brasileira, sob a direção do primeiro tenente naval Francisco Xavier Lopez de Araujo, chegou ao mesmo ponto e subiu o Uraricapara até próximo a sua nascente na Serra Paracaima. (tradução nossa)

Os exploradores tinham objetivos tais como: conhecer as riquezas minerais, fauna, flora e a gente da região entre outros. O ponto de partida para a descoberta desta região foram as conquistas portuguesas, “Uma destas regiões foi a do Vale do Rio Branco, hoje estado de Roraima, situado no extremo norte da Amazônia, que está relacionada diretamente à conquista do rio Negro pelos portugueses no século XVII” (BARBOSA, 2010, p.157).

Após a vinda da comissão portuguesa outras expedições se dispuseram a adentrar na Amazônia. Tais expedições foram citadas na obra de Rice como “precursores”.

Alcançando ou não os objetivos os expedicionários deixaram contribuições à geografia amazônica por conta dos desafios e dimensões continentais. Por exemplo:

Richard Spruce, dans une lettre écrite de Manaus en 1853 à son ami Matthew P. Slater, de Londres, parlant de l'Amazone, dit fort justement : « le plus grand fleuve du monde en traverse la plus grande forêt ». On peut ajouter que ce sont là des traits physiques caractéristiques de la plus grande pénéplaine du monde²¹(RICE, 1937, p. 14).

A característica rústica e inexplorada da Amazônia, com povos, culturas, organização e alimentação tão dispare da realidade que os exploradores conheciam, fascinava ainda mais o mundo com os relatos daqueles que conseguiram retornar.

As ameaças deste universo selvagem eram reais e acometiam não só viajantes como também os nativos. As noites mal dormidas próximo a animais ferozes era rotina para os viajantes... “La nuit fut particulièrement sombre avec des grondements de tonnerre et des éclairs éblouissants, et de temps en temps les hurlements d'un « onça ».”²² (RICE, 1937, p.47). Também existiam momentos de grande tensão entre os animais selvagens e os companheiros de expedição:

Le 5 mars, dans la soirée, pendant que Me Caleb travaillait à la radio, un jararaca-assu (*Lachesis lanceolatus*), la plus venimeuse des vipères au Brésil, s'enroula sur les fils jusqu'à quelques centimètres de sa main; impassible, il trancha la tête du reptile avec un couteau, sans enlever même de ses oreilles l'écouteur, ni interrompre les messages qu'il était en train de transmettre²³.(RICE, 1937, p 54)

²¹ Richard Spruce, em uma carta escrita de Manau em 1853 para seu o amigo Matthew P. Slater, de Londres, falando da Amazônia, diz em voz alta precisamente: "o maior rio do mundo cruza o maior floresta ". Podemos acrescentar que são características físicas características da maior peneplanície do mundo. (tradução nossa)

²² A noite estava particularmente escura, com trovões estrondosos e relâmpagos deslumbrantes e, ocasionalmente, uivos de uma 'onça'. (tradução nossa)

²³. No dia 5 de março, à noite, enquanto Eu Caleb trabalhava no rádio, um jararaca-assu (*Lachesis lanceolatus*), o mais venenoso dos víboras no Brasil, enroladas em fios de alguns centímetros sua mão; impassível, ele cortou a cabeça do réptil com uma faca, sem até mesmo remove o fone de ouvido ou interrompa mensagens que ele estava transmitindo.

Mas o desfecho nem sempre era positivo. A expedição que contava com cerca de 100 índios, que, apesar da experiência e coragem destes homens, alguns acreditaram ter sofrido ações do desconhecido:

Toutes les fois que la chaloupe remonta cette caxoeira, on buta sur des roches, et en mars 1925, en transportant les équipages qui devaient armer les canots du ravitaillement de l'expédition, un malheureux tomba par dessus bord. Il reparut sur l'eau un instant, puis disparut à jamais. Plusieurs jours après, deux jeunes Indiens en canot, à la recherche du corps de leur camarade, chavirèrent au même endroit et périrent. Les gens de la région prétendent qu'un énorme sucuriçu (Eunectes murumus), anaconda ou serpent d'eau, vit dans cette partie de la rivière et a été la cause de ces morts tragiques.²⁴ (RICE, 1937, p.30-31)

No relato de Dionísio estão expressas as características selvagens da região e os riscos naturais que deixavam os viajantes da época receosos, se realmente conseguiram atingir seus objetivos:

Ces régions éloignées, mystérieuses et solitaires, privées de ressources, soumises aux hordes sauvages des Maracanas, des Kirishanas (Shirianas) et d'autres encore, qui les infestent, les solitudes de la Parima, resteront inaccessibles à tout homme civilisé et enfermées dans le mystère qui les a jusqu'ici recouvertes. Il n'est possible actuellement de les atteindre ni par l'Uraricuera, ni par le Mucajahy. L'imprudent qui s'aventurerait à pénétrer ces solitudes inhospitalières avec une véritable expédition paierait cette audace de sa vie, ou serait contraint de revenir sans avoir atteint son objectif.²⁵ (CERQUEIRA, 1937, p.11)

Além de animais ferozes, a Amazônia nos reserva alguns inimigos quase invisíveis como os mosquitos causadores de enfermidades. Um dos maiores pesquisadores da região compreendida entre Roraima e Venezuela, Theodor Koch-Grünberg (1872-1924), teve sua vida ceifada viajando ao encontro da expedição de Rice:

Divers obstacles à Manaus retardèrent le retour de la chaloupe jusqu'au 12 octobre. Le 19 octobre, à Sororoca, hameau à quelque 130 kilomètres en aval de Vista Alegre, parvint la nouvelle de la mort (9 octobre), de Theodor Koch-Grünberg, membre de l'expédition. La chaloupe qui rejoignit Vista Alegre le 20 octobre nous apprit que Koch-Grünberg était mort subitement d'un accès aigu de malária.²⁶ (RICE, 1937, p.24)

²⁴Cada vez que o escaler subia nesta cachoeira, tropeçava em pedras e, em março de 1925, durante o transporte das tripulações que deveriam armar as canoas para os suprimentos da expedição, um infeliz caiu ao mar. Ele reapareceu na água por um momento, depois desapareceu para sempre. Vários dias depois, dois jovens índios em uma canoa, em busca do corpo de seu camarada, viraram no mesmo lugar e morreram. Moradores afirmam que uma enorme sucuriçu (Eunectes murumus), sucuri ou cobra d'água vive nesta parte do rio e foi a causa dessas mortes trágicas. (tradução nossa)

²⁵ Essas regiões remotas, misteriosas e solitárias, desprovidas de recursos, submetidas às hordas selvagens dos Maracaná, Kirishanas (Shirianas) e outras ainda, que as infestam, as solidões de Parima, permanecerão inacessíveis a qualquer homem civilizado e encerradas no mistério que até agora os cobriu. Atualmente não é possível alcançá-los nem pelos Uraricuera nem pelos Mucajahy. O imprudente que se aventurasse a penetrar nessas solidões inóspitas com uma verdadeira expedição pagaria com vida essa ousadia, ou seria forçado a voltar sem ter alcançado seu objetivo. (tradução nossa)

²⁶ Vários obstáculos em Manaus atrasaram o retorno do barco até 12 de outubro. No dia 19 de outubro, em Sororoca, povoado a cerca de 130 quilômetros a jusante de Vista Alegre, chegou a notícia do falecimento (9 de outubro) de Theodor Koch-Grünberg, integrante da expedição. O barco que desembarcou no Vista Alegre em 20 de outubro nos disse que Koch-Grünberg morrera repentinamente de um ataque agudo de malária. (tradução nossa)

O etnólogo alemão, que percorreu antes mesmo de Rice toda a fronteira tríplice entre Venezuela, Brasil e Guiana entre 1911-13, deixou grandes contribuições no campo da antropologia. Koch-Grünberg descreveu com maestria a cultura dos povos de toda a área fronteiriça, abordando com informações detalhadas que expressavam a real imagem do modo de vida dos indígenas da região. O resultado desta pesquisa foi a obra alemã *Von Roraima zum Orinoco* com 5 volumes que foram editados em Berlim e, traduzidos depois para o Espanhol e ter resultado no primeiro documentário filmado no Vale do Rio Branco:

A documentação fotográfica foi anexada na obra escrita. Além disto, esta expedição rendeu um filme de curta duração (± 12 minutos) produzido na região do rio Surumu, demonstrando atividades diárias realizadas pelos índios. Este pequeno documentário de 1911 é o primeiro registro cinematográfico local abordando diferentes aspectos dos povos existentes no que é hoje o estado de Roraima (provavelmente um dos primeiros deste gênero em toda a América do Sul). Foi telecinado pela I.W.F. alemã. (BARBOSA 2010, p.260)

Ao fim Rice (1937, p. 83) confirma todas as dificuldades de navegação e especificamente sobre o Rio Parima, o mais temido pelos desbravadores da época, “Je ne crois pas qu'il existe une rivière pareille en Amérique du sud”²⁷.

1.2.1 O Vale do Rio Branco

Região amazônica de vastas riquezas naturais, o Vale do Rio Branco²⁸, passou a ser explorado pelos viajantes ainda no séc. XVII. Entre as primeiras viagens está a de Pedro Teixeira (1570 ou 1587-1641):

O primeiro registro sobre a região do Rio Branco deve ser creditado ao jesuíta Christobal de Acuña, cronista da expedição de Pedro Teixeira (1637-39) ao longo do rio Amazonas e principais tributários. Em sua crônica (Nuevo descubrimiento del gran rio de las Amazonas), Acuña relata que uma parte da expedição adentrou pelo rio Negro sugerindo, pelo texto exposto, que tenha havido incursões de reconhecimento no baixo curso do Rio Branco, seu maior afluente (ainda sem este nome naquela época). (BARBOSA, 2010, p .157)

Quase um século depois as viagens são realizadas por missionários que encontraram nestas terras as principais etnias existentes até hoje.

Em 1725, quando os missionários carmelitas penetraram pela primeira vez no Rio Branco, eram as férteis paragens deste Rio, dos seus afluentes e as serras e vastas campinas da sua parte superior, habitadas por grande número de tribos e mesmo de poderosas nações indígenas como os Paravianas, Macuxis, Uapixanas e Guayacas que na amenidade do clima, na abundância de pescado e caça de toda esta região,

²⁷Não acredito que exista tal rio na América do Sul. (tradução nossa)

²⁸ Grafia utilizada em 1925.

encontravam fáceis meios de existências e fortes coifficientes de desenvolvimento ethnographico. (ZOUEN 2017, p.23)

Com o intuito de marcar território a corte Portuguesa enviara, anos após, comissões para o reconhecimento da área e, também, para a construção do Forte que garantiria a segurança destas terras.

As incursões portuguesas oficiais tiveram o seu apogeu a partir da segunda metade do século XVIII, juntamente com a construção do Forte São Joaquim em 1775 na confluência dos rios Tacutu e Uraricoera, sendo claramente realizadas com o intuito de reconhecer e delimitar território. (BARBOSA, 2010, p. 158)

Com o passar do tempo e a incursões migratórias de brancos e negros vindos da maior parte do Estado do Amazonas, o Vale recebeu sua primeira Vila.

Foi fundada no século XIX, em 1830, pelo capitão Inácio Lopes de Magalhães. Originou-se de uma das inúmeras fazendas de gado situadas ao longo dos rios que compõem a bacia do rio Branco pertencente à jurisdição da então vila de "São José da Barra do Rio Negro", atual Manaus. Em 1858 a povoação foi elevada a categoria paroquial com a denominação de freguesia de Nossa Senhora do Carmo do Rio Branco e em 9 de julho de 1890 a freguesia foi elevada à categoria de vila, sede de um novo município denominado Boa Vista do Rio Branco, criado pelo então governador da Província do Amazonas, Augusto Ximeno Villerooy. (NEAD/UFRR, 2021)

Em setembro de 1943 a região foi desmembrada do estado de Amazonas e passando a ser chamar Território Federal do Rio Branco. Seu nome mudou para Território de Roraima em 1962, e na Constituição Federal de 1988 passou a ser Estado de Roraima.

Portanto, bem antes de vir a ser Estado de Roraima, o Vale do Rio Branco, recebeu diversas expedições, uma delas foi encomendada pelo então governador do Amazonas Antônio Constantino Nery (1859-1926). À época foi solicitado que o engenheiro militar Alfredo Ernesto Jacques Ourique (1848-1932) registrasse informações oficiais sobre o Vale, e o registro de imagens fotográficas que compõem a primeira edição oficial ficou sob a responsabilidade do fotógrafo Georg Huebner (1862-1935) "O Vale do Rio Branco" título do Álbum/relatório, de 1906, nos fornece detalhes sobre a região e as características dos indígenas que vivem no extremo norte do Amazonas:

Estamos a afirmar que, em outra alguma parte do globo, se encontrará zona em que os elementos ethnographicos estejam dispostos com tanta exuberância e em tão bem equilibradas condições, para facilitar a evolução physica dos seus habitantes, como no alto Valle Rio Branco. Ajuntemos que os índios são vingativos. Assassinam-se entre si, quase sempre a traição. Os bons tratamentos, os bons pagamentos, os actos da humanidade não tem acção sobre eles. Encaram tudo isso como fraqueza da parte do branco. São entretanto, muito sensíveis às demonstrações de força; esse são seu único ponto franco. São sérios. (OURIQUE, 1906, p.23,25)

Por sua vez, a expedição de Rice ao Vale do Rio Branco ocorreu até maio de 1925. Partiu de Manaus navegando pelo Rio Negro, subiu o Rio Branco ao encontro do Uraricoera finalizando a jornada na Serra do Parima.

Durante a navegação fez várias paradas em pequenos lugarejos e aldeias da região. Durante os quase dois meses de estadia na Vila de Boa Vista ficou impressionado com os moradores brancos que lá viviam como mencionou no diário de bordo:

L'influence des Sœurs et des Pères Bénédictins résidant à Boa Vista est réelle dans les relations sociales et familiales, car le degré de moralité est élevé; la population blanche et les « Mamelucos » sont vraiment des civilisés. On le remarque à leurs vêtements, leurs manières, leur amabilité, qualités qui ne sont pas l'apanage habituel des communautés sauvages²⁹.(RICE, 1937, p.26)

No entanto, sobre os índios que avistavam nas comunidades visitadas, o médico expedicionário não demonstrava o mesmo apreço e admiração.

L'Indien, abandonné seul au milieu des solitudes, peut non seulement survivre et se procurer tout ce qui est nécessaire à son existence, se protéger des animaux sauvages, endurer toutes les privations, mais encore affronter et tourner à son avantage toute éventualité qu'un blanc ne saurait surmonter. Toutefois, lorsqu'il faut prendre une simple décision qu'un blanc effectuerait presque automatiquement, l'Indien reste muet, immobile, apathique, sans énergie ni réflexes. Son adaptation à l'ambiance est admirable, mais son initiative et sa capacité d'assimilation s'annihilent de bonne heure. Si on veut jamais faire quelque chose pour les Indiens de l'Amérique du Sud, il faudra les éduquer dès l'enfance, car la période de formation est bien plus précoce chez eux que chez l'enfant des blancs ou des métis³⁰.(RICE, 1937, p.33)

Apesar de atuar durante as expedições como um estudioso da geografia e hidrografia, Rice não deixava de atuar como médico. No ano da expedição foi fundado o Hospital Nossa Senhora de Fátima (Imagem 02)³¹.

²⁹A influência das Irmãs e Padres Beneditinos residentes em Boa Vista é real nas relações sociais e familiares, porque o grau de moralidade é elevado; a população branca e os "mamelucos" são verdadeiramente civilizados. Isso pode ser visto em suas roupas, seus modos, sua simpatia, qualidades que não são prerrogativas usuais de comunidades selvagens. (tradução nossa)

³⁰ O índio, abandonado sozinho em meio à solidão, pode não só sobreviver e obter tudo o que é necessário para sua existência, se proteger dos animais selvagens, suportar todas as privações, mas também enfrentar e tirar proveito de qualquer eventualidade que um branco não possa superar. Porém, quando se trata de tomar uma decisão simples que um homem branco tomaria quase que automaticamente, o índio permanece calado, imóvel, apático, sem energia ou reflexos. Sua adaptação ao meio ambiente é admirável, mas sua iniciativa e capacidade de assimilação são aniquiladas precocemente. Se algum dia quisermos fazer alguma coisa pelos índios da América do Sul, teremos que educá-los desde a infância, porque o estágio é muito mais precoce com eles do que com os filhos de brancos ou mestiços. (tradução nossa)

³¹ No dia 19 de fevereiro de 2015 foi demolido pela Prefeitura de Boa Vista. FOLHA WEB. Diocese manda demolir prédio de 1924. 2015. Disponível em: <https://folhabv.com.br/noticia/Diocesemanda-demolir-predio-de-1924/4709>. Acesso em 09 de jul. de 2019.

Imagem 02 - Hospital Nossa Senhora de Fátima.



Imagem fotográfica: *Hospital Nossa Senhora de Fátima da Vila de Boa Vista* (Rio Branco). O hospital se encontra no centro da Imagem fotográfica. Impressão fotográfica: Gramatura do papel: 90g., dimensão 15cm x 7cm, cor: tons de cinza; sem legenda. Autor desconhecido. Fonte: Acervo particular - Maurício Zouein

O local, com o apoio e trabalho das irmãs católicas, prestou relevantes serviços à população da Boa Vista. Não obstante do atendimento oferecido pelo hospital, durante a expedição dezenas de pacientes buscavam ajuda do médico Rice.

Word that our leader was a physician magically flew before us along the river, and although it was aside from their purpose, Dr. Rice and Dr. Shattuck could hardly refuse the requests for dental, medical and surgical treatment, which was given to Portuguese and natives, alike³². (The National Geographic Magazine, 1926, p. 377)

A Amazônia constantemente foi alvo das expedições de viajantes e estudiosos de várias partes do mundo por conta da vasta riqueza natural e mineral. “Hamilton Rice é um dentre tantos que buscaram a Amazônia atrás de uma quimera, muitas vezes uma sombra que se projetava sobre suas próprias vidas”. (SOUZA, 1999, p. 86)

³² A notícia de que nosso líder era um médico voou magicamente diante de nós ao longo do rio e, embora estivesse fora de seu aspecto, o Dr. Rice e o Dr. Drache dificilmente poderiam recusar os pedidos de tratamento dentário, médico e cirúrgico, que foi dado aos brasileiros e nativos. (tradução nossa)

1.3 O GEÓGRAFO EM BUSCA DO EL DOURADO

Em *Exploration en Guyane Brésilienne* o geógrafo cita alguns percussores que passaram pela região: a Comissão Portuguesa que conduzida pelo governador Lobo D'Almada (1777-1799) em 1787; a Comissão Venezuelo-brasileira, em 1882 sob a direção do primeiro tenente naval Francisco Xavier Lopes de Araujo (1828-1886); Robert Hermann Schomburgk (1804-1865) um alemão a serviço de interesses ingleses em 1838; Theodor Koch-Grünberg (1872-1924) que subiu o Rio Branco e chegou até o Uraricoera entre 1911/12; William Curtis Farabee (1865-1925) que chegou a Vila Boa Vista pelo Rio Branco e tentou transpor o furo meridional, o maracá, de Uraricoera; e mencionou ainda Ciro Dantas um comerciante brasileiro que, com alguns índios Macuxi, chegou até o Aracasa, margem direita do Uraricoera. Rice, como muitos outros expedicionários, eram vistos como exploradores de riquezas:

Hamilton Rice, um aventureiro que pretende repetir na Amazônia as grandes expedições dos ingleses na África de um século atrás [...]. Em 1924, não era nada fácil chegar a uma região que ainda hoje exige muito esforço para ser alcançada. Atualmente, é uma terra de conflitos entre centenas de garimpeiros e alguns povos indígenas miseráveis, mas nos anos 20 era lugar de lendas, onde supostamente estariam as ruínas de uma civilização perdida e muito ouro. (SOUZA, 1999, p.85)

Passados 97 anos da viagem de Rice às terras e rios do Vale do Rio Branco, a exploração mineral se intercala entre legal e ilegal. Muitas vezes ceifando vidas e destruindo a natureza:

Maior reserva indígena do Brasil, a Terra Yanomami tem quase 10 milhões de hectares, que se estendem por Roraima e Amazonas. Cerca de 27 mil indígenas vivem na região, alvo de garimpeiros que invadem a terra em busca da extração ilegal de ouro. A estimativa é que cerca de 20 mil garimpeiros estejam infiltrados no território³³. (G1. globo. Roraima, notícia/2019/11/27)

Na obra de 1937, Rice destaca logo no prefácio seus objetivos de viagem, sem nunca citar uma suposta exploração mineral ou vegetal. Suas metas foram divididas em cinco partes bem detalhadas: 1º) Explorar e cartografar o Rio Branco bem como seus afluentes Uraricoera e Parima, além de utilizar o método - New Navigation ou Claude – Drincourt – com teodolitos de prisma mais eficientes; 2º) Efetuar toda pesquisa e experimentação sobre os aparelhos de telegrafia sem fio; 3º) Utilizar o hidroplano – Curtiss Sea- Gull para os serviços de cartografia, com fotografias aéreas; 4º) Realizar um estudo geológico, principalmente sobre a morfologia da região; 5º) e produzir um estudo antropológico, geológico e sanitário da região.

³³<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2019/11/27/indios-yanomami-denunciam-risco-de-massacre-em-reserva-no-am-e-rr-e-exigem-saida-de-garimpeiros.ghtml>

Já as impressões de Souza (1999) sobre o expedicionário por meio das imagens do filme “No Rastro do El Dourado”, produzido por Silvino Santos (1886-1970), são as de que Rice não alcançara seus objetivos:

No final, num contraponto ao corpo atlético do índio, que a legenda identifica como titã brônzeo, a figura de Rice é a de um homem alquebrado e doente, derrotado como o personagem do romance colombiano. A voragem de José Eutásio Rivera. Em No Rastro do El Dourado a selva devora Rice. (SOUZA, 1999, p. 87)

Ao final das páginas de seu diário de bordo Rice não faz menção se as metas da viagem foram alcançadas ou não, entretanto a edição das obras em inglês e francês nos traz à tona o sentimento que a pesquisa rendeu bons frutos.

1.3.3 Novas tecnologias na terra de Makunaima

A expedição de Hamilton Rice marcou a história de Roraima pela ousadia e o investimento na utilização de três ferramentas tecnológicas importantes: o telegrafo sem fio (TSF), o hidroavião, a filmadora e as câmeras fotográficas – as últimas foram acopladas no hidroplano.

As novas tecnologias trazidas ao Vale do Rio Branco possibilitaram um avanço nas pesquisas e desenvolvimento de métodos científicos que antes não era possível. Rice comentou a importância de dois instrumentos utilizados e ressaltou como a comunicação via TSF facilitou toda trajetória da viagem:

Grâce à l'aéroplane, l'homme est capable de vaincre des obstacles que les conditions terrestres rendaient jadis infranchissables; il peut ainsi acquérir une maîtrise plus grande qu'auparavant sur tout ce qui l'entoure [...] La T. S. F. donne un moyen de communication en tous temps et en tous lieux et permet de déterminer les longitudes en quelque point que ce soit des continents ou des mers”³⁴. (RICE 1937, p. 7)

O hidroavião, equipamento que permitiu as inéditas **IF** aéreas do Vale do Rio Branco, foi inventado pelo engenheiro e aviador de Marselha, Henri Fabre (1882-1984), descendente de uma família de armadores e brilhante acadêmico da Faculdade de Ciências de Marselha. O

³⁴ Graças ao avião, o homem é capaz de superar obstáculos que as condições do solo antes tornavam intransitáveis; ele pode, assim, adquirir maior controle do que antes sobre tudo que o rodeia. O T. S. F. fornece um meio de comunicação em todos os momentos e em todos os lugares e permite determinar as longitudes em qualquer ponto dos continentes ou mares. (tradução nossa)

projeto foi desenvolvido durante quatro anos na *École Supérieure d'Electricité de Paris*, e, após a construção e testes o hidroplano voou pela primeira vez em 28 de março de 1910.

L'appareil parcourut 800 mètres au-dessus de l'étang et se posa sur l'eau, c'était le premier hydravion au monde à avoir décollé de manière autonome, réussi son vol et son amerrissage. Le succès de ce premier vol fut mondial. Ce jour-là, Henri Fabre, alors âgé de 27 ans, devenait l'incontestable inventeur, constructeur et premier pilote de ce nouvel engin volant, l'hydravion³⁵. (Tourisme marseille, 2021)

O hidro aeroplano era uma criação recente no mundo e no Brasil os primeiros voos comerciais só começaram, em 1927, quando a Companhia aérea Condor Syndikat passou a oferecer vôos com o Dornier Wal D-112 conhecido como Atlântico, “Ele foi a primeira aeronave registrada no Brasil. O voo fazia a linha de Porto Alegre para Pelotas e Rio Grande sobrevoando a Lagoa dos Patos, no Rio Grande do Sul” (MUSEU AEROESPACIAL 2020)³⁶.

O **TSF**, criado por Guglielmo Marconi (1874-1937) cientista e inventor italiano, possibilitava que um telégrafo que mandasse mensagens através do ar, ou seja sem o uso de fios. Essa invenção foi o ponto de partida para o rádio. “Em 1897, ele montou uma estação de telégrafo sem fio na Inglaterra, o que lhe rendeu muito dinheiro” (BRITÂNICA DIGITAL LEARNING, 2020)³⁷.

No Brasil a primeira transmissão foi realizada pela Marinha do Brasil, em 1905, no cruzador Barroso durante os dias 26 e 28 de setembro.

O Vale do Rio Branco foi o cenário para a equipe de Rice testar a comunicação ágil daquele novo século: “L'appareil de T. S. F. fut mis en place et Swanson se mit en communication sans aucune difficulté avec Me Caleb, à Boa Vista³⁸”. (RICE, 1937, p.36).

A fotografia completa o trio de inovações utilizadas na expedição de Hamilton Rice. Segundo Kossoy (2002) o comunicado da academia de Ciências de Paris, em 1839, tratava acerca da descoberta de Louis Jacques Mandé Daguerre (1787-1851) sobre as primeiras experiências fotográficas no mundo.

³⁵ A aeronave percorreu 800 metros acima da lagoa e pousou na água, foi o primeiro hidroavião do mundo a decolar de forma autônoma, voando e pousando com sucesso. O sucesso deste primeiro vôo foi mundial. Naquele dia, Henri Fabre, então com 27 anos, tornou-se o indiscutível inventor, construtor e primeiro piloto dessa nova máquina voadora, o hidroavião. (tradução nossa)

³⁶ <https://www2.fab.mil.br/musal/index.php/curiosidades-historicas-item-de-menu>

³⁷ [https://escola.britannica.com.br/artigo/Guglielmo-](https://escola.britannica.com.br/artigo/Guglielmo-Marconi/481834#:~:text=Marconi%20criou%20o%20tel%C3%A9grafo%20sem,que%20lhe%20rendeu%20muito%20dinheiro.&text=Marconi%20recebeu%20o%20Pr%C3%AAmio%20Nobel%20de%20F%C3%ADsica%20em%201909.)

[Marconi/481834#:~:text=Marconi%20criou%20o%20tel%C3%A9grafo%20sem,que%20lhe%20rendeu%20muito%20dinheiro.&text=Marconi%20recebeu%20o%20Pr%C3%AAmio%20Nobel%20de%20F%C3%ADsica%20em%201909.](https://escola.britannica.com.br/artigo/Guglielmo-Marconi/481834#:~:text=Marconi%20criou%20o%20tel%C3%A9grafo%20sem,que%20lhe%20rendeu%20muito%20dinheiro.&text=Marconi%20recebeu%20o%20Pr%C3%AAmio%20Nobel%20de%20F%C3%ADsica%20em%201909.)

³⁸ O aparelho de T. S. F. foi instalado e Swanson se comunicou sem dificuldade com o Sr. Caleb em Boa Vista. (tradução nossa)

As primeiras experiências no Brasil aconteceram em “[...] 1840, Dom Pedro II (1825-1891) aos 14 anos de idade, demonstrava habilidade e interesse pelo equipamento *daguerreotipo*, e adquiriu um, sendo o primeiro brasileiro a manusear uma câmera fotográfica”. (ZOUÉIN, 2012, p. 6)

Em 1924, ano do início da expedição de Hamilton Rice, os equipamentos, naturalmente, já haviam evoluído tecnologicamente ao ponto de serem fixadas câmeras no hidroavião que foi utilizado na expedição.

Foram realizados registros de imagens aéreas e em solo por Albert W. Stevens (1886-1949), além da câmera manuseada pelo fotógrafo Silvino Santos durante a expedição. Entretanto, mesmo com o avanço tecnológico do período é possível imaginar as dificuldades encontradas pelos fotógrafos na expedição:

As imagens fotográficas na Amazônia podem ser pensadas em dois momentos. O primeiro demonstra a dependência da qualidade do estúdio, dos equipamentos que davam suporte à câmera, das claraboias responsáveis pela iluminação, dos cenários pintados com diversas paisagens ou dos tecidos geralmente importados. O segundo momento está relacionado diretamente com o avanço tecnológico do equipamento. À medida que tamanhos e pesos diminuía, o manuseio e deslocamento do equipamento ficava mais fácil, o que dava condições aos fotógrafos de revelar o cotidiano de indígenas e negros que viviam em lugares inóspitos. As pessoas, as cidades, as florestas, os rios, as plantas, os animais e o pôr do sol passaram a serem fotografados por fotógrafos profissionais contratados por governos locais, exploradores, pesquisadores e viajantes. (ZOUÉIN, 2016, p. 69).

Na expedição que passara 9 meses navegando pelos rios do Vale do Rio Branco estavam dois profissionais que realizaram os registros das **IF** e imagens cinematográficas da viagem: Silvino Santos (1886-1970) e Albert W. Stevens (1886-1949). Na obra *Exploration en Guyane Brésilienné* de 1937 percebemos o quanto estes profissionais foram peças chave para o resultado da edição, pois a maior parte da obra é composta por **IF**.

1.4 OS FOTÓGRAFOS DE RICE

A experiência de Silvino Santos na região amazônica e a expertise de Stevens como balonista e oficial do exército americano pode ser percebido na qualidade do acervo fotográfico e cinematográfico da expedição.

Albert Stevens estava na expedição de Rice desde os EUA, e Silvino Santos foi convidado por Rice no Amazonas para que pudesse além de registrar **IF**, produzisse também um documentário cinematográfico sobre a viagem.

Na edição francesa fica claro que a precisão dos mapas foi possível devido as **IF** aéreas da região produzidas por Stevens, “L'aéroplane permet les photographies aériennes, nouvel appoint aux découvertes terrestres et à la cartographie”³⁹. (RICE, 1937, p.7)

Em seu diário de bordo, publicado no livro, Rice exprime as dificuldades, curiosidades, descobertas, sensações e sentimentos experienciados durante a viagem. A opinião do expedicionário sobre as comunidades indígenas e os não-índios da região é marcante.

As **IF** que iremos perceber por meio da análise semiótica foram registradas por Silvino Santos e Albert Stevens. Nelas, as **IF** de Silvino e Stevens, encontramos parte substancial do vigor da obra de Rice.

1.4.1 Silvino Santos o fotógrafo da Amazônia

Silvino (Imagem 03) foi um fotógrafo e cinegrafista luso-brasileiro que enxergou no Brasil o lugar ideal para viver com a família e desenvolver a arte da fotografia. E foi na Amazônia que ele fixou residência:

Depois de uma temporada com a família em Portugal, Silvino regressa a Belém em 1903, mas em 1910 estabeleceu-se em Manaus, cidade que vivia seu grande apogeu e onde também vivia seu irmão Carlos com quem vai trabalhar. Mas em poucos meses já tem seu atelier de fotógrafo numa sala da rua Henrique Martins, bem no centro de Manaus. (SOUZA, 1999, p. 73-74).

Em 1913, Silvino foi a Paris aprender as técnicas de fotografia e cinema nos Estúdios da Pathés-Frères e dos irmãos Lumière (SOUZA, 1999). Já em 1920, Silvino começa a trabalhar com J. G de Araújo⁴⁰(1860-1940) comerciante português que foi grande incentivador, investidor e produtor de longas metragens. Porém, mesmo empreendendo tempo e recursos em busca de conhecimentos e o trabalho árduo no campo da fotografia e do cinema, era realidade a falta de valorização profissional na Amazônia: “Para a sociedade beletrista da época, Silvino

³⁹ O avião permite fotografias aéreas, uma nova adição às descobertas terrestres e à cartografia. (tradução nossa)

⁴⁰ “J. G de Araújo era um empresário de visão moderna membro do comércio, único setor capaz de seguir a modernidade do capitalismo numa economia de senhores extrativistas atrasados [...]”. (SOUZA, 1999, p. 77)

era tido como uma figura excêntrica, que manipulava aquelas máquinas e alguns produtos químicos misteriosos que resultavam em filmes, projetados na casa do comendador J.G de Araújo”. (SOUZA 1999, p. 41)

Imagem 03 – Casal Santos.



Imagem fotográfica: *Silvino Santos e a esposa Ana Maria Schermuly Santos (Anita)*. Na lata que serve de vaso (em cima da mesa) ostenta a marca da “Amazonia Cine-Film”, primeira empresa amazonense produtora cinematográfica. Impressão fotográfica: Gramatura do papel: 90g., dimensão 15,5cm x 9cm, cor: tons de cinza; sem legenda. Autor autorretrato. Fonte: Acervo da Superintendência Cultural do Amazonas

Contudo, o empenho e admiração pela arte sempre foram o norte do cineasta fazendo-o contabilizar uma série de conquistas. “O legado de Silvino é imenso: milhares de imagens fotográficas em negativo de vidro, 83 curtas-metragens, 5 documentários de média metragem e 8 longas-metragens”. (SOUZA, 1999, p. 79).

Em 1921, Silvino começou a filmar o seu primeiro longa-metragem, “No Paíz das Amazonas”, tendo como investidor o empresário Português J. G de Araújo.

No Paiz das amazonas foi produzido pelo comendador J. G de Araújo, um dos mais poderosos comerciantes de Manaus, como propaganda de sua firma a ser apresentada na Exposição de Centenário da Independência, na capital federal em 1922. (SOUZA, 1999, p. 80)

No Rio de Janeiro Silvino ganhou o prêmio principal na Exposição Internacional da Independência, em 1923, com o primeiro longa da sua trajetória profissional. Em seguida, Silvino realiza seu segundo longa-metragem, o documentário “Terra Encantada”, que mostrava a festiva capital federal no ano do centenário da independência (SOUZA, 1999). E foi em 1924 que a parceria com o expedicionário Hamilton Rice começaria como descrito no depoimento de Silvino Santos encontrado no site Cinemateca (2021).

Aqui em Manaus, foram recomendados à casa J. G. Araújo. O dr. Rice falou em mandar vir um cinegrafista da América. O sr. Agesilau mostrou ao dr. Rice e comitiva o filme NO PAÍZ DAS AMAZONAS e ficou assente em ser eu o operador. Reunimo-nos em Boa Vista, Rio Branco, de onde partiu a expedição. Levamos 9 meses de subida até as nascentes do Rio Branco ou Uraricuera

O cineasta contou também como funcionava o processo de produção das imagens no Vale do Rio Branco e a revelação. “Os filmes que eu tinha filmado remetia a Manaus e, no laboratório da casa J. G. Araújo, o nosso companheiro Lira, que era um bom fotógrafo, revelava os filmes. O sr. Agesilau quando me escrevia mandava-me dizer o resultado para eu me guiar”. (CINEMATECA, 2021). Silvino destacou ainda a perda de um material graças a um acidente de navegação.

Na parte de fora do avião foi colocado um dispositivo em ferro onde era colocada a máquina de filmar Bell-Howell... No último ponto navegável (do rio Branco) numa corredeira muito forte a canoa onde ia a máquina de filmar virou e afundou, a máquina que era pesada foi ao fundo, os índios fincaram uma vara no lugar e conseguiram tirar a máquina. (CINEMATECA, 2021)

Silvino utilizou na viagem com Hamilton Rice a nova Kinarri 35mm⁴¹ que, como conta Souza (1999, p. 359), foi a primeira a ser utilizada no Brasil e mais tarde passou a ser a número

⁴¹. Em 12 de setembro de 1917, August Arnold e Robert Richter fundaram a ARRI em uma pequena loja na Tuerkenstrasse em Munique para satisfazer uma variedade eclética de interesses. Em 1924, eles construíram sua primeira câmera, a KINARRI 35. Ela tinha uma forma de corpo de panqueca como a Akeley, com manivelas de 100 pés. Disponível em: <https://www.arri.com/en/company/about-arri/history/history> . Acesso em 30 jun. 2019.

1 do cinema nacional. O negativo utilizado foi o Eastman da Kodak, preto e branco com velocidade e contraste suave. “Os negativos da expedição Rice, o dr. Rice levou para a América e deixou que tirássemos cópias em inglês e português”. (CINEMATECA, 2021). A habilidade de Silvino com a arte da fotografia e as condições amazônicas impressionaram a equipe da expedição.

[...] as condições de filmagens na Amazônia não mudaram, são as mesmas, rigorosas, e os nortes americanos da equipe se assustaram com a capacidade de improvisação de Silvino Santos com seu laboratório de campo, e sua rotina de revelar os negativos às quatro da manhã, quando a água natural estava na temperatura ideal e a noite escura. Ao nascer do sol o negativo já estava pronto, e os teares de secagem podiam ser desmontados e o filme de volta à segurança da lata, por que a emulsão *safety* de celuloide parecia ser o prato predileto de todos os insetos voadores da selva (SOUZA, 1999, p. 359).

Durante a expedição além das centenas de **IF** retratadas por Silvino Santos, ele também produziu o seu terceiro longa- metragem, No Rastro do El Dourado,

Hamilton Rice, o grande personagem desde filme, que se sobrepõem no início à própria natureza , aparecendo majestoso em suas roupas de aventureiro colonial- chapéu de cortiça, roupa cáqui e botas -, aos poucos vai se desmanchando na proporção das dificuldades do terreno e do esfacelamento de suas ilusões. (SOUZA, 1999, p. 86)

1.4.2 Albert W. Stevens o olhar exótico

Quem também registrou as **IF** da Expedição foi Albert Williams Stevens (Imagem 04). Oficial do Exército dos Estados Unidos, balonista e fotógrafo aéreo que tirou a primeira fotografia da curvatura da Terra, em 1930, e as primeiras fotografias da sombra da Lua na Terra durante um eclipse solar, 1932, (BRITANICA, c2019)⁴².

⁴² Fonte: <https://www.britannica.com/biography/Albert-William-Stevens> . Acesso em 30 de junho de 2019.

Imagem 04 – Albert Stevens.

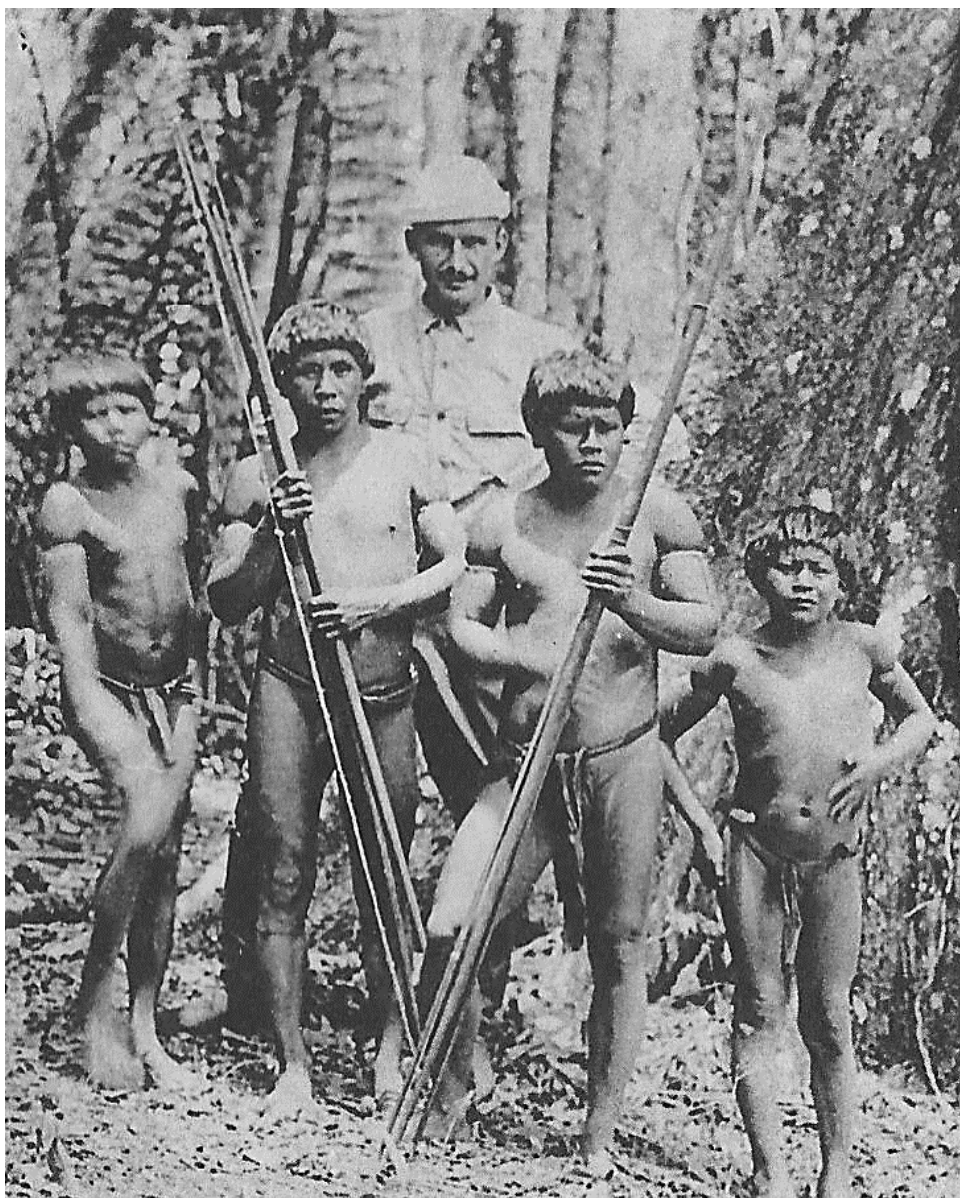


Imagem fotográfica: *Albert Williams Stevens*. Legenda: The Tallest of the Mayongong indians came hardly more than shoulder-high members of the expedition. Impressão fotográfica: Gramatura do papel: 50g, tipo couchê, dimensão 12,5cm x 9,5cm, cor: tons de cinza; Autor: autorretrato. Fonte: *The National Geographic Magazine* April, 1926, p.402. Acervo particular - Maurício Zouein

Stevens veio a convite de Hamilton Rice para a expedição ao Vale do Rio Branco e ficou com a missão de realizar as **IF** aéreas da expedição. Além da câmera que levava consigo, o fotógrafo também tinha um equipamento preso a estrutura do avião.

Do hidroavião foram fotografados, com fidelidade absoluta, rios, ilhas, colinas, florestas, serras, aldeamentos indígenas e outros agrupamentos humanos, possibilitando uma carta geográfica perfeita em suas minúcias, até então desconhecidas dos próprios brasileiros⁴³. (RICE, 1978, p. 12)

⁴³ Informações detalhadas na nota à tradução brasileira assinada por Lacyr Schettino.

Em abril de 1926, a *The National Geographic Magazine*⁴⁴ lançou uma matéria com 87 ilustrações do capitão Stevens. A reportagem com o título *Exploring the Valley of the Amazon in a Hidroplane* é a primeira da edição XLIX (edição 49), número 4, e possui 68 páginas na revista americana. A matéria foi escrita, também, pelo fotógrafo americano.

Imagem 05 – Capa da revista *The National Geographic*.

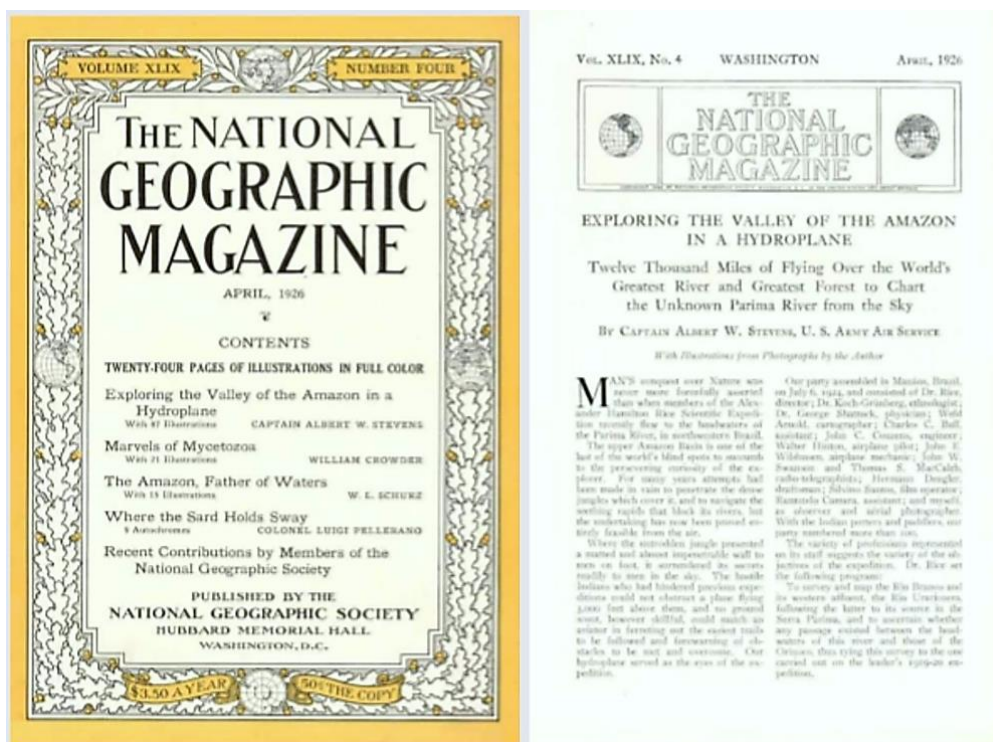


Imagem: Capa da revista *The National Geographic Magazine April, 1926*, e a página 353 onde encontramos a matéria *Exploring the Valley of the Amazon in a Hidroplane*. Impressão: Gramatura do papel: 50g, tipo couchê, dimensão 25cm x 1,5cm x 18cm cor: tons de cinza, tons de verde, Amarelo Zangão. Autor: *National Geographic Society*. The National Geographic. Acervo particular - Maurício Zouein

Stevens conta como foram os dias antes de partirem do Amazonas. A Revolução acontecia a olhos vivos e eles viveram capítulos da história do Brasil mesmo sem esta intenção. “The ummstakable spatter and wistle of bullets in the near- by main street made it plain that the explosions were not harmless firecracks. We were at the ringside of a full- fledged Revolution!⁴⁵” (*The National Geographic Magazine*, 1926, p.358). Logo que partiram do Amazonas Stevens e Hilton embarcaram no hidroavião.

⁴⁴ A National Geographic Society é uma organização global sem fins lucrativos, impulsionada pelo impacto, que amplia os limites da exploração, ampliando a compreensão do mundo e capacitando-nos a gerar soluções para um futuro saudável e mais sustentável para as gerações futuras. A revista foi fundada em 22 de setembro de 1888.

⁴⁵ Os inconfundíveis respingos e assobios de balas na rua principal próxima deixaram claro que as explosões não eram fogos de artifício inofensivos. Estávamos no ringue de uma revolução completa! (tradução nossa)

To take advantage of the cool, steady air and good observation conditions, Hilton e I took off in the Early morning hours, as a rule, flying about 100 miles up the river, taking photographs and sketching as we went⁴⁶. (*The National Geographic Magazine*, 1926, p. 360)

Na reportagem, Stevens conta além de toda trajetória da viagem, as dificuldades com doenças da região, por exemplo:

Disease came closer to holding the expedition than any other obstacle encountered. Despite the best mosquito nets, the use of quinine in doses of 5 drops and the presence of two doctors, many of us contracted fever. Our greatest loss was in the death of Dr Koch-Grunberg, who was struck in early September and died 10 days later in Vista Alegre⁴⁷. (*The National Geographic Magazine*, 1926, p. 377)

O fotografo relatou ainda a beleza dos céus do vale do rio branco, visto bem de perto dentro do hidroavião.

The nights are very beautiful; the air is often so clear that the stars have the sparkle and Snap of our coldest winter nights. The Southern Cross and Milky Way, much in evidence, while directly overhead in November, in the hours just before daylight, is the great constellation of Orion⁴⁸. (*The National Geographic Magazine*, 1926, p. 360)

E em terra firme reportou uma curiosa história quando produziram imagens fotográficas em uma tribo às margens do Rio Branco.

At one camp on the Branco we made a flashlight photograph of one group of Indians while another group looked on. The party "shot" was startled into momentary flight, while the other Indians, who were looking on, laughed uproariously, At another place. however, we came near getting into difhenlty by shooting a flash in a malocca (communal hut). the natives saw the soke billow- ing out of the top of the hut and conclsded that we had set fire to it⁴⁹. (*The National Geographic Magazine*, 1926, p 412)

As imagens fotográficas da expedição, aliadas ao texto do livro e as legendas, estimulam o imaginário e a imaginação de quem as percebe. Procuramos, então, autores que poderiam contribuir com nossa proposta de pesquisa. Encontramos nas obras psicológicas de Sartre algumas respostas para nossas inquietações.

⁴⁶ Para aproveitar o ar fresco e constante e as boas condições de observação, Hilton e eu decolamos nas primeiras horas da manhã, como regra, voando cerca de 160 quilômetros rio acima, tirando fotos e fazendo esboços à medida que avançávamos. (tradução nossa)

⁴⁷ A doença chegou mais perto de prender a expedição do que qualquer outro obstáculo encontrado. apesar das melhores redes mosquiteiras, do uso de quinino em doses de 5 gotas e da presença de dois médicos, muitos de nós contraíam febre. Nossa maior perda foi na morte de Dr Koch-Grunberg, que foi atingido no início de setembro e morreu 10 dias depois, em Vista Alegre. (Tradução nossa).

⁴⁸ As noites são muito bonitas; o ar costuma ser tão claro que as estrelas muito brilho e o brilho de nossas noites mais frias de inverno. A Souththern Cross e a Via Láctea, muito em evidência, enquanto diretamente acima em novembro, nas horas antes do amanhecer, está a grande constelação de Orion (tradução nossa).

⁴⁹ Em um acampamento no Branco, tiramos uma foto com a lanterna de um grupo de índios enquanto outro grupo observava. O "tiro" da festa foi levado a uma fuga momentânea, enquanto os outros índios, que olhavam, riam ruidosamente, De outro lugar. no entanto, quase entramos em dificuldade ao disparar um flash em uma malocca (cabana comunitária). Os nativos viram a fogueira saindo do alto da cabana e concluíram que tínhamos ateadado fogo nela.

2. A IMAGEM NAS OBRAS DE SARTRE

O escritor e filósofo francês, Jean Paul de Sartre (1905-1980), após uma temporada de estudos na Alemanha sobre introdução à filosofia existencialista⁵⁰, retornou à França. Para Sartre a abordagem do conceito de humanismo⁵¹ era focado no desenvolvimento do pensamento humano, vinculado à fenomenologia⁵² e assentado na consciência como centro de suas análises.

A questão da imagem é um tema presente nas reflexões, estudos e considerações a respeito da essência, da consciência, da imaginação e da percepção na teoria sartriana. Conforme o filósofo, a imagem...

(...) é uma afecção do corpo humano; o acaso, a contiguidade, o hábito são as fontes de ligação das imagens, e a lembrança é a afecção material de uma ressurreição do corpo, provocada por causas mecânicas; os transcendentais e as ideias gerais que constituem a experiência vaga são o produto de uma confusão de imagens, de natureza igualmente material. (SARTRE, 2008, p. 14-15)⁵³

Percebe-se que o filósofo estava preocupado com a importância de entender e distinguir a imagem da percepção. Com tal preocupação Sartre (2008) elaborou, além de uma reflexão filosófica, uma psicológica, também cuja inquietação se baseava na aptidão humana em fazer uma divisão radical entre os estados psíquicos, “Estamos num mundo de imagens. Aquelas que tem um correspondente exterior são ditas verdadeiras ou percepções; as outras são chamadas de imagens mentais” (2008, p. 81). Para o filósofo a questão segue vigorosa, uma vez que a imagem dita como verdadeira não tem diferenças reais para a imagem falsa.

Possíveis respostas foram encontradas nos estudos de outros filósofos. Para David Hume (1711-1776), dois séculos antes, imagem e percepção são idênticas em natureza, porém, diferem em intensidade. Hume pontua que as percepções são impressões fortes, e as imagens impressões fracas (SARTRE, 2008). Neste sentido Sartre afirma que esta definição é incompleta, pois discorda que as imagens e percepções podem ter naturezas idênticas e intensidades diferentes. Se as imagens possuem a mesma natureza que a percepção é necessário que as imagens contenham um mínimo de intensidade. E se contém uma determinada intensidade, as confundiremos com as percepções? Sartre (2008) nos traz exemplo da imagem

⁵⁰ Corrente filosófica que prega a liberdade individual do ser humano. O existencialismo nasceu com o filósofo dinamarquês Soren Kierkegaard (1813-1855) que combatia a filosofia especulativa.

⁵¹ Sartre formula o seu princípio de humanismo: o homem primeiro existe; depois se define. O homem existe e é livre para construir-se por meio de suas escolhas.

⁵² É uma matéria que consiste em estudar a essência das coisas e como são percebidas no mundo.

⁵³ *L'imagination* Obra originalmente publicada em 1936. Ano da edição utilizada - 2008

do tiro de um canhão. O som não aparece apenas como um pequeno estalo em nossa mente, e sim com a força que ele tem.

Voltamos, então, a questão da intensidade das sensações. E o porquê temos a tendência de não as confundir. Porém, aí surge uma outra questão. Por vezes nos confundimos com as imagens em nossa mente. Por exemplo: podemos enxergar ao longe um corpo estirado no chão, entretanto, ao nos aproximarmos percebemos que não passa do tronco velho de uma árvore caída. Assim sendo, Sartre defende (2008) que não é possível diferenciar a imagem da percepção apenas pelo quesito intensidade.

Em um outro embate com possíveis respostas encontramos a teoria de Hippolyte Adolphe Taine (1828-1893)⁵⁴. Taine propõem uma discriminação mecânica entre as sensações e as imagens. Para o crítico e historiador existem dois momentos na interpretação das imagens; um afirmativo e outro negativo. Pois, o ato de alguém observar a imagem cria uma relação imediata com os sentidos. Ela se situa muito próxima de nós quando se trata de um som ou de objeto visível. No entanto, estará situada em nosso paladar, olfato, em nossos membros quando corresponder a uma sensação de sabor, odor, dor ou de prazer. Para Sartre (2008) a teoria de Taine busca fazer uma associação mecânica porém, mais flexível e profunda a despeito da discriminação entre imagem e sensação.

O terceiro e último recurso, segundo Sartre, já existia na obra de um precursor quatro séculos antes: Descartes (1596-1650). O filósofo afirmava que a imagem e a sensação são idênticas em natureza, porém que a distinção entre uma e outra se dará por meio de um juízo de espírito, ou seja, a possibilidade de diferenciação seria por meio dos dois mundos: o real e o imaginário. E então voltamos a uma problemática nesta construção, de acordo com o filósofo:

(...) O problema da construção das imagens é idêntico ao da construção do objetivo. A imagem é, entre os dados sensíveis, o que não pode passar para o objetivo. A imagem é a subjetividade. Nunca estivemos tão longe do psicológico: em vez de a natureza da imagem como tal nos ser revelada por uma intuição imediata, é preciso finalmente se dispor, para poder afirmar se um conteúdo é imagem ou percepção, de um sistema de referências infinito (SARTRE, 2008, p. 89)

A questão segundo Sartre ressurgue em relação a racionalização ou a abstração das imagens e da percepção definidas por Emile Meyerson (1839-1933).

A imagem não está a caminho da abstração e da generalização, está a caminho do pensamento[...] A imagem, portanto, é uma percepção repensada e, por mais grosseira

⁵⁴ Crítico e historiador francês, positivista no século XIX, cujo método consistiu em determinar três fatores essenciais para a compreensão do ser humano pela história, a seguir: momento histórico, ambiente e raça.

que possa parecer ainda, racionalizada; já é uma racionalização do dado sensível (2008, p. 89, apud Meyerson, in Nouveau Traité de Psychologie, t. II, p. 594).

No entanto, para Sartre, surgem novas indagações em relação a natureza da imagem e da percepção. Como Meyerson afirmou que a imagem é uma racionalização de um elemento sensível, nos traz a dúvida se o mesmo não ocorre com a percepção. O que os difere? A percepção também não se trata de um ato que envolve o pensamento? Já que a percepção é a imagem pensada e sentida, a imagem então seria uma etapa primeira da percepção? E então por meio da lembrança nós exerceríamos este processo reflexivo de imaginarmos um sujeito ou objeto que um dia foi imagem em nossas mentes. E ora é uma percepção criada por nossa consciência.

As **IF** que iremos analisar mais adiante trata-se de imagens ou de percepções? Imagens no momento da apreensão do instante, e uma percepção futura na mente daqueles que a produziram e experienciaram a cena. E nós, observadores destas **IF**, refletiremos sobre a memória de Roraima percebendo as imagens? Ou produziremos interpretações duvidosas com as percepções que virão outrora em nossas mentes? Indagações primeiras que buscamos trazer à tona durante nossa jornada por este trabalho.

2.1 A IMAGINAÇÃO

Na teoria sartreana da imagem – baseada na obra *L'Imagination* de 1936 – o filósofo explica que tanto a imaginação ou o conhecimento da imagem, só podem ser obtidos por meio do entendimento. É o entendimento, aplicado à impressão material produzida em nosso cérebro, que nos dá a consciência da imagem.

Entender o pensamento sartreano é fundamental para compreendermos o humanismo. Até porque o existencialismo é um humanismo para Sartre, visto que a verdade está na subjetividade, portanto ela tem infinitas possibilidades. O Humanismo corrente também defendida por Sartre tem duas grandes correntes, a saber: a) uma versão moderna de Descartes que diz que o homem nasce com uma essência e que por meio desta essência constrói suas experiências e a sua consciência.; b) e a outra versão defendida, por Sartre que o homem constrói sua essência durante a vida.

Sartre deposita a responsabilidade do Humanismo no homem justo que o Homem é o responsável pelo que faz. Portanto, não podemos falar de uma natureza humana prévia neste

sentido. O homem existe e depois ele se define. Sendo o homem livre a única essência construída ao longo do tempo é a sua liberdade. O homem é o responsável pelo que faz, e por isso tem uma angústia. Uma incompletude.

Como para o filósofo a existência precede a essência, o homem é, portanto, construído. A nossa essência seria construída. A má-fé para Sartre, é depositar em outrem as nossas responsabilidades. Ele desenvolve o pensamento Em Si, usando como exemplo uma fotografia. O Para Si é uma essência que não é construída, portanto, seria o homem: a existência humana. O homem para ele é um projeto, pois temos a capacidade de construirmos a nós mesmos.

Em a *L'imagination* Sartre reflete sobre a natureza material da existência. A existência em si, que é desprovida de um conteúdo sensível, ou seja, uma folha de papel, que possui uma inercia própria. E a existência Para si que seria uma existência com a consciência das coisas do mundo, por exemplo a nossa própria consciência (SARTRE, 2008).

Na referência utilizada pelo autor, a folha de papel, ele explica que podemos contemplar a folha em branco, perceber todas as suas nuances, formato, tamanho. E por meio desta observação podemos inferir que a folha existe como coisa. Como um objeto inerte. No momento em que viramos o rosto e deixamos de observar a folha e fixamos o olhar para um outro objeto como o papel de parede cinza, podemos não mais fixar o papel em branco em cima da mesa, porém a sua existência como imagem imprime um outro sentido em minha consciência. Posso vê-la em minha mente, sei que ela não é o objeto inerte em cima da mesa, mas sei que esta lembrança é real e posso acessá-la sempre que desejar. Segundo.

Eis aí portanto a folha de papel “em imagem” provida das mesmas qualidades que a folha “em pessoa”. Ela é inerte, não existe mais em apenas para a consciência: existe em si, aparece e desaparece a seu critério e não ao critério da consciência; não cessa de existir ao deixar de ser percebida, mas continua tendo, fora da consciência, uma existência de coisa. Essa metafísica, ou melhor, esta ontologia ingênua e a de todo o mundo. (SARTRE, 2008, p. 09).

No entanto, Sartre defende que mesmo nossa consciência reconhecendo uma imagem como coisa, nossa intuição sabe que não é uma coisa. E este pensamento de apresentar a imagem como coisa, e tanto quanto a coisa da qual é imagem, reconhece-se o que Sartre chama de inferioridade metafísica. Ou seja, imagem, seria menos valiosa que a coisa a qual ela é imagem.

A imaginação para Sartre é um processo mental. Ela é um processo da consciência humana, e mais, é um tipo específico de consciência. Imaginação é saber que eu tenho consciência de uma fotografia por exemplo. A imaginação é o conhecimento da imagem.

Compreendendo que a imaginação é o conhecimento admite-se uma forma diferente de pensar com a de outros autores...

Bergson não pensa que a consciência exige necessariamente um correlato, ou, para falar como Husserl, que uma consciência é sempre consciência de alguma coisa. A consciência aparece nele como uma qualidade, um caráter dado quase uma espécie de forma substancial da realidade; ela não pode nascer onde não está, nem começar, nem terminar de ser. (Sartre, 2008, p. 43)

E sobre a fixação destas imagens em nossa consciência Sartre menciona a construção das lembranças e afirma que uma vez percebidas, as imagens se fixam e se alinham na memória.

A formação da lembrança nunca é posterior a percepção, é contemporânea. A medida que a percepção se cria, sua lembrança perfila-se ao lado. A lembrança assim é constituída “é imediatamente perfeita; o tempo nada poderá acrescentar à sua imagem sem desnaturá-la; ele conservará para a memória seu lugar e sua data. A concepção da imagem que Bergson propõe aqui está longe de ser tão diferente quanto ele afirma da concepção empirista: tanto para ele como para Hume, a imagem é um elemento de pensamento exatamente aderente à percepção, apresentando a mesma descontinuidade e a mesma individualidade que esta”. (SARTRE, 2008, p. 46)

Sartre (2008, p. 49) elucida também a teoria de Bergson sobre a possibilidade da existência de imagens que nascem da percepção. E como seria esta dinâmica? Possuímos lembranças que estão em nosso inconsciente, porém quando acessamos estas lembranças passamos a dar vida a elas. Ou seja, aquele dado sensível, passa de um estado no passado para o presente. E evocar nossa lembrança seria exatamente isso, segundo Bergson, torna presente uma imagem passada.

Quando percebemos as **IF** da obra *Exploration en Guyane Bresilienné* estamos observando imagens-quadro da página de um livro. Logo após esta percepção as imagens estarão em nosso inconsciente e poderemos acessá-las, pois as imagens-quadro continuam em nossa memória de acordo com Sartre (2008, p. 48). É fazer o passado estar presente em nossas vidas o tempo todo. Sempre que acessamos nossas memórias. A lembrança da qual a imagem faz parte torna-se capaz de participar do passado, apesar de ser um estado presente.

2. 2 A CONCEPÇÃO SARTRIANA DO IMAGINÁRIO

Sartre busca explicar o imaginário em uma relação direta com a imagem, e desta forma demonstrar que a imagem não é um objeto intencional, mas uma maneira da consciência dispor os objetos mesmos. Ou seja, Sartre defende que a consciência busca o objeto real em momentos

distintos de percepção. Uma que seria a percepção real, e a outra a percepção da imagem criada em nosso imaginário fruto de uma experiência essencial. (SARTRE, 1996)⁵⁵.

Na obra “L’imaginaire”, edição de 1940, Sartre vai além da imaginação. Agora a busca é compreender o imaginário. O filósofo aborda a questão da imagem, a consciência imaginante e as estruturas e formas de aparição desta consciência. “Um trabalho sobre a imagem deve se constituir como uma eidética da imagem, isto é, fixar e descrever a essência dessa estrutura psicológica tal como aparece à intuição reflexiva” (SARTRE, 1996, p.99).

Quando percebo uma **IF** do livro *Exploration en Guyane Bresilienne* entendo que a imagem percebida pelos autores da fotografia são duas: uma imagem real dos sujeitos e objetos que ali estavam presentes e outra imagem que fora criado em sua mente ao perceber a cena, ou seja, fruto da experiência vivida.

Nós, enquanto leitores, também iremos perceber dois tipos de imagens, uma do objeto que é a fotografia em si com tons, cores, formatos, texturas. E outra percepção será criada em no imaginário, fruto de experiências e se encontram com a imagem ali exposta, portanto uma consciência será criada a respeito da cena, oriunda da nossa essência e que tentará perceber a essência daquele momento. Mesmo que isso não seja possível.

Para Sartre a observação da imagem na mente nos coloca numa posição de ser nada. Pois, tudo que está em minha consciência e eu imagino por meio de minha consciência imaginante na verdade não está ali. Eu não posso acessar por via dos meus sentidos, ou sensações, apenas sei que ocupam um espaço sensível em minha mente, porém não posso acessá-los como objetos.

O filósofo explica que o ato da consciência imaginante em perceber um objeto e ter a consciência do mesmo é considerado em ato de segundo grau, pois se posso apreender determinado objeto em minha mente e logo após ter a consciência deste fato é porque é necessário aqui uma reflexão sobre o mesmo. Para Sartre, “É o ato reflexivo que permite o julgamento eu tenho uma imagem” (1996, p.15).

Se eu posso refletir sobre um objeto, mas não posso tocá-lo, não posso senti-lo, tenho duas fases de consciência ao perceber as **IF** do livro de Rice. Na primeira apreensão da imagem eu posso vê-la como objeto real, em uma obra impressa há mais de 80 anos. Posso tocá-la, sentir sua textura, até o cheiro característico de um livro antigo. E então passamos para o segundo ato

⁵⁵ *L’Imaginaire: Psychologie phénoménologique de l’imagination*. Paris: Gallimard, 1940. Ano da edição utilizada - 1996

de minha consciência que é percepção das imagens criadas em minha mente logo após a apreensão desta experiência. A minha essência age aqui como formadora de uma consciência, assim com a essência do Outro irá formar processos reflexivos diferentes dos meus. Qual imagem é a verdadeira? Existe uma imagem real? Ou a percepção da consciência é feita de infinitas possibilidades? Tudo leva a crer que sim. Sartre, em “O Imaginário” nos faz refletir sobre um exemplo da cadeira de palha...

(...) Na realidade, quer que eu perceba, quer que eu imagine a cadeira de palha na qual estou sentado, ela permanece sempre fora da minha consciência. Nos dois casos, ela sempre está ali, no espaço, nesta peça, em frente a escrivaninha. Ora- isso antes de tudo, é que nos ensina a reflexão -, quer eu perceba, quer eu imagine a cadeira, o objeto da minha percepção e o de minha imagem são idênticos: é a cadeira de palha na qual estou sentado (SARTRE, 1996, p. 19)

Se existe duas formas de perceber as imagens, então o que seria a imagem de fato para Sartre? “A palavra imagem não poderia, pois, designar nada mais que a relação da consciência ao objeto; dito de outra forma, é um certo modo que o objeto tem de aparecer a consciência, ou, se preferirmos um certo modo que a consciência tem de se dar um objeto.” (SARTRE, 1996, p.19)

Iremos além. No exemplo do cubo, Sartre (1996) nos conta sobre o fenômeno da quase observação. Quando percebemos um cubo não é possível vê-lo em sua totalidade de uma só vez. Ou seja, o objeto, é percebido de forma fragmentada. Um lado de cada vez. Seria assim também a forma de ver o mundo? Partida em diversos pedaços? Quando percebo as **IF** do livro de Hamilton Rice, por certo, não possuo a capacidade de aprender tudo que envolve aquele momento. O calor, os sons, os odores, as sensações, os sentimentos, movimentos etc. Apreendo o que foi possível retratar na cena. E esta imagem que já vem a mim fragmentada, poderá ainda se fazer intencional em minha mente. Pelo meu desejo, pelas minhas vivências e experiências. Devo apreender o que é vital para mim daquela cena.

2.3 O IMAGINÁRIO

Sartre reflete sobre a imagem como um ato da consciência desde o seu estudo crítico em a Imaginação. Porém, a diferença é que ao invés de perceber a imagem como uma coisa, um quadro, um lugar que está na consciência, agora ele define que a imagem é um ato, em seu estudo científico em *L'Imaginaire*.

Pensar sobre a questão do imaginário nos faz pensar, também, sobre a construção do imaginário social, e por conseguinte as lembranças e memórias. A noção de imagem renova-se

pela própria concepção de intencionalidade, que nos remete a dirigir o olhar para algo especificamente.

A imagem sendo um ato da consciência para Sartre (1996) pertence a um conjunto de elementos reais da síntese consciência, definido como *noese*, e seu correspondente que se aplica ao sentindo que habita, está chamada de *noema*. Estes sentidos *noemáticos* que pertencem a consciência real, cabem em si nada de real. O que há é uma possibilidade de dirigir o olhar para determinados objetos.

Existe uma multiplicidade de atos sintéticos na percepção de uma imagem, entre ele a quase-observação que é para Sartre (1996) uma percepção fragmentada de determinado objeto. Portanto, a percepção ocorre lentamente, de forma repartida como no exemplo já citado acima do cubo. Durante o processo de quase-observação Sartre destaca que existe uma pobreza essencial do objeto. Ou seja, não apreendemos nada com a contemplação da imagem em nossa consciência. Ela já aparece ali pronta e não há nada para acrescentar. Enquanto isso, na percepção podemos nos enganar, tirar ou acrescentar algo na formação desta imagem. Podemos por exemplo ver um homem de costas e perceber erroneamente que se trata de tronco de uma árvore por exemplo.

Em um outro ponto de estudo Sartre (1996) a consciência imaginante coloca seu objeto como um nada. O autor explica que diferente da percepção quando podemos usar nossos sentidos, sensações para apreender o objeto, durante o processo da consciência imaginária o objeto está ausente, existe apenas a imagem dele que é posta para Sartre como nada. Por não haver uma forma de acessá-lo por meio dos sentidos. E, por consequência, Sartre define a consciência imaginante como uma espontaneidade da mente, “[...] ela não coloca nada, não ensina nada, não é um conhecimento” (SARTRE 1996, p.28). A imagem criada em nossa consciência não tem para ele uma função de saber. É sim uma consciência transcendental. O filósofo aponta o aspecto criador da consciência:

A consciência aparece para si mesma como criadora, mas sem colocar como objeto esse caráter criador. É graças a essa qualidade vaga e fugidia que a consciência da imagem não se oferece como um pedaço de maneira que flutua no mar, mas como uma onda entre as ondas. Ela se sente homogênea em relação às outras consciências que a precederam e às quais estão sinteticamente ligadas. (SARTRE, 1996, p. 29),

O que se segue é o estudo do que Sartre (1996) determina como família da imagem. Nesta parte o autor dedica-se a elucidar os mais diversos tipos de objetos do mundo que comumente são classificados como imagem, e qual a relação delas com a imagem da

consciência imaginária. Dentre estes objetos estão a fotografia e a caricatura e como relacionam-se com a consciência imaginária.

Sartre traz o exemplo da lembrança do rosto do amigo Pierre. Primeiramente faz o exercício de imaginar o rosto de Pierre, ou seja, a consciência imaginária formada pelas memórias que possuía do amigo. Pierre está ausente e era preciso acessar nos arquivos imaginários os elementos que fazem pensar nele e ter a imagem dele na mente. Desta forma Pierre existe na imaginação, mas está ausente fisicamente.

Em seguida observamos uma **IF** de Pierre e desta forma acessamos um objeto que projeta em nossa mente diversos conteúdos sintéticos. No momento da apreensão da imagem, o que ela quer nos dizer? Ele estava feliz, triste, surpreso com a fotografia? Quais cores estão mais vibrantes? Qual o enquadramento? A luz é a ideal para aquele momento? Diversos fatores podem ser percebidos pela minha mente, porém a fotografia é estática, sem movimento e não nos passa a totalidade da cena produzida ali.

Por fim, Sartre analisou o rosto de Pierre em uma caricatura. Os riscos e traços marcantes criaram na minha mente uma consciência de exagero, com algumas sensações de alegria, porém, não é de fato o rosto de Pierre. É por meio destas reflexões que o filósofo insere um conceito bastante relevante para compreender os aspectos da consciência imaginante: o *analogon*.

Nos dois primeiros casos, pelo menos, a matéria pode ser percebida por si mesma: não faz parte de sua natureza que ela deva funcionar como matéria de imagem. A foto, enquanto tal, é uma coisa: a partir de sua cor posso tentar determinar seu tempo de exposição, o produto que fez a viragem e a fixou, etc; a caricatura é uma coisa, posso tirar satisfação do estudo das linhas e das cores, sem pensar que essas linhas e essas cores têm em como função representar alguma coisa. (SARTRE, 1996, p. 34)

Ao fazer esta inferência Sartre revela que a consciência imaginante da **IF** e da caricatura são a matéria de imagem e é por meio dela que o objeto existe.

2.3.1 Função e vida imaginária

Sartre defendia o lado controverso da nadificação do mundo que é a espontaneidade da consciência. Sendo assim a vida imaginária para o filósofo seria um ato de criação, imaginação da consciência perante um objeto. Isso por que a vida imaginária não se refere apenas a imagem

como um objeto, mas sim com uma série de imaginações da consciência que estariam ligados a este objeto (1996).

Ao perceber determinadas **IF** de índios ou não-índios da obra *Exploration en Guyane Brésilienne* somos impelidos a utilizar alguns sentidos como: a visão, o tato e o olfato. Observamos todos os detalhes da **IF** e refletimos em nossa consciência tudo aquilo que for apreendido em nós por meio de nossa essência e experiências vividas. Porém, ao passo que não podemos mais ver a determinada **IF** nossa consciência imaginária acessa ao que Sartre chama de nadificação. Ou seja, a espontaneidade que as imagens surgem em nossa mente e nos faz “ver” aquilo que não está mais ao alcance das mãos, dos olhos. Vemos por meio de nossa mente, nossa imaginação.

Neste momento entra em ação nossa consciência imaginária, que traz à lembrança, a memória que captamos da cena. A intencionalidade age por meio da escolha inconsciente do que é importante para nós do momento fotografado. Para Sartre (1996) o objeto dá-se para nossa mente de maneira muito particular, ou seja, quando observamos por meio de uma consciência perceptiva podemos entender o objeto real. E a consciência imaginária que é a que vai lembrar das características do objeto por meio da imaginação.

Quando percebo a **IF** de uma índia com o filho na cintura estou visando o objeto material da fotografia. E a consciência que acesso minutos depois ao deixar de ter acesso ao substrato material é a consciência imaginária. Tenho acesso a um novo objeto fruto da consciência por meio do *analogon* que é objeto material que serve para manifestação do objeto imaginado. O *analogon* pode ser, por exemplo, uma tela de pintura.

A vida imaginária para Sartre dá-se por meio de alguns fatores. O primeiro que ele aborda na obra *L'Imaginaire* é o Saber. E para conhecer a imagem o filósofo expõe sua definição da mesma:

A imagem é definida por sua intenção. A intenção é o que faz com que a imagem de Pierre seja consciência de Pierre. Se tomamos essa intenção em sua origem, isto é, quando jorra de nossa espontaneidade, ela já implica, por mais nua e despojada que supusermos, um certo saber: é por hipótese, o conhecimento desse Pierre. [...] Mas a intenção não se limita, na imagem, a visar Pierre de um modo indeterminado: ela visa o louro, grande, com um nariz achatado ou aquino, etc.. Portanto, é preciso que ela se carregue de conhecimentos, que atravesse uma certa camada de consciência que poderíamos chamar a camada do saber. De maneira que, na consciência imaginante, pode-se apenas distinguir por abstração o saber da intenção. (SARTRE, 1996, p. 83)

Para Sartre (1996) só após conhecermos o objeto material é que podemos transpô-lo a uma consciência imaginante. Ele explica que por meio da percepção temos condições através

dos sentidos e de nossas experiências compor uma visão mais ampla do objeto observado. Desta forma, passamos de um estado de *nadificação* para um estado de preenchimento quando busco acessar em minha memória um objeto que já fora percebido. E farei esta construção do objeto por meio da intencionalidade. Pois, segundo Sartre (1996) para compormos nossa consciência imaginante acessamos o saber e a intencionalidade para construir a imagem que desejo em minha mente.

Outro fator considerado na vida imaginária é a afetividade. Sartre expõe que os sentimentos servem não como objeto para nossa consciência, mas sim como uma forma de consciência. Em uma das **IF** fotográficas da obra de Hamilton Rice é possível perceber os sentimentos de repulsa do autor pelos índios da fotografia: *Il y avait là quelque cinquante individus, dont un tiers de femmes courts et solides, toutes avec de très jeunes enfants, dont l'un n'avait que quelques semaines. Toutes étaient ignobles, et leur entassement n'étais pas beau à voir.*⁵⁶ (RICE, 1937, p. 60)

Após o momento da apreensão da imagem, ou seja, do distanciamento com as pessoas da **IF** é possível ainda sentir as sensações dispensadas a elas. O sentimento não cessa. Portanto, para Sartre não se trata de um objeto, pois ele não tem valor, ou significação material, ele é *nadificação* da consciência imaginante. Temos ainda um conjunto de sensações no movimento desempenhando que é o papel do *analogon*, a imagem mental:

Fecho os olhos e executo com o dedo movimentos análogos aos precedentes. Era de esperar que as impressões cinestésicas, liberadas das dominantes visuais, fossem aparece com força e nitidez. Ora, não acontece nada disso. Sem dúvida, a impressão visual desaparece, mas constatamos igualmente o desaparecimento da sensação cinestésica. O que surge em nossa consciência é a trajetória do movimento como uma forma prestes a se construir. Se traço um oito na ponta do indicador, o que aparece para mim é esse oito prestes a se formar, um pouco como fazem aquelas letras dos letreiros cinematográficos que vão se formando na tela. Claro, essa forma surge na ponta de meu dedo. Aparece como uma figura visual (SARTRE, 1996, p.107)

2.3.1.1 A função de símbolo e a relação com o pensar e o perceber

Já vimos que a imagem não tem uma ilustração ou um suporte para o pensamento segundo Sartre (1996). Ela não é heterogênea em relação ao pensamento, pois compreende uma

⁵⁶ Havia ali uns cinquenta indivíduos, sendo que um terço eram mulheres, baixas e fortes, todas com filhos muito pequenos, uma das quais com poucas semanas. Todos eram desprezíveis e seu amontoado não era belo de se ver. (tradução nossa)

série de saberes, julgamentos e decisões que fazem parte da consciência imaginante. Para exemplificar, Sartre afirma que durante o processo imaginante nós podemos exercer formas de julgamentos e tomar decisões que darão a imagem uma função simbólica. Encontramos em *L'Imaginaire* o seguinte exemplo:

Quando tento recordar da escadaria de uma casa não visitada há muito tempo, eu posso imaginar uma escada de pedra branca; percebo que há uma nevoa e não estou satisfeito, falta alguma coisa. Busco nas minhas lembranças e vejo que durante meu processo imaginante da consciência tomo uma decisão, uma atitude, que se assemelha a um engajamento e cubro a escada com um tapete vermelho. (SARTRE, 1996, p. 131)

E continua o filósofo [...] “trata-se aqui de um ato de pensamento, de uma decisão livre e espontânea” (SARTRE, 1996, p. 131). Este ato da consciência imaginante que nos faz tomar decisões e escolhas, e que por este motivo nos faz fornecer algum tipo de qualidade a uma imagem mental é compreendida por Sartre como uma função simbólica da imagem. A função imaginante do pensamento e da imagem mental está intimamente ligada entre si para Sartre. Segundo ele não há como separar os processos de concepção do pensamento com as imagens refletidas em minha mente após a tomada de decisão e escolhas.

O autor exemplifica esta máxima com o jogador de xadrez: ele pensa sobre cada jogada, sobre cada ato e decisão que tomar. E o modo como o jogador movimenta as peças para sobre o tabuleiro para realizar determinada combinação, e que cada combinação seria um símbolo, ou seja:

Não podemos aceitar uma concepção segundo a qual a função simbólica viria acrescentar-se de fora à imagem. Parece-nos, e esperamos já tê-lo indicado, que a imagem é simbólica por essência e em sua própria estrutura; que não seria possível suprimir a função simbólica de uma imagem sem dissolver a própria imagem. (SARTRE, 1996, p. 132)

Enquanto viso as **IF** da obra *Exploration en Guyane Brésilienne* ocorre um processo de percepção em que estou focado nos detalhes, texturas, cores, feições das pessoas envolvidas. Durante este processo de percepção, segundo Sartre não podemos vivenciar no mesmo momento o processo de criação de imagens mentais. A consciência imaginante. Só após a um afastamento destas imagens é que poderei realizar o processo de lembrança onde irei recordar o que percebi por meio de minhas memórias. Para o filósofo uma ação exclui a outra:

Já observamos que quando visamos Pierre como imagem através de um quadro, deixávamos por causa disso de perceber o quadro. Mas a estrutura das imagens ditas mentais, é a mesma das imagens cujo *analogon* é externo: a formação de uma consciência imaginante é acompanhada, como neste caso como no precedente por uma aniquilação da consciência perceptiva e vice-versa. (SARTRE, 1996, p. 140)

Sartre aborda também que há duas formas de compreensão: uma pura e simples, onde há utilização ou não de signos, e a compreensão pura com imagens, em que pode se ter o uso ou não de palavras. Quando vemos a legenda na obra de Hamilton Rice citada acima, onde ele diz: “Todos eram desprezíveis e seu amontoado não era belo de se ver”, (RICE, 1937, p. 60, tradução nossa), podemos inferir a compreensão pura sem mesmo perceber a imagem só por meio da descrição feita, através dos signos. Ao passo que quando percebemos a imagem deste amontoado de índios, inferimos uma compreensão pura com imagens, onde posso ou não fazer o uso das palavras e entender a mensagem.

2.3.1.2 O objeto irreal

Imaginar, criar imagens mentais, produzir uma consciência imaginante são atos mágicos para Sartre. O autor afirma que estes processos são realizados pelo nosso desejo, pela vontade, grande parte infantil, de tomar posse de algo que não pode ser visado (1996, p. 165). Sartre debruça-se sobre este aspecto de nossa consciência, pois acredita que quando estamos impossibilitados de ver alguém, ou um lugar, um objeto qualquer e desejamos ardentemente, surgem então as imagens de objetos irrealis, pois eles só existem em nossa consciência e dependem de nossa vontade para vir à tona.

Os objetos irrealis tais como são definidos por Sartre são as imagens produzidas por nossa mente, sempre que queremos lembrar de algo, buscar em nossa memória algum acontecimento, fato ou alguém. Quando visou uma **IF** do livro de Hamilton Rice e logo após o distanciamento com a obra eu passo a imaginar determinada **IF** a imagem criada para minha mente trata-se de um objeto irreal. E com este objeto irreal eu não posso interagir, ou melhor até posso, mas este ato torna-me, também, de alguma forma um irreal como explica Sartre (1996, p. 166):

Quanto ao resto, o objeto como imagem é um irreal. Sem dúvida, está presente, mas, ao mesmo tempo, está fora do alcance. Não posso tocá-lo, não posso muda-lo de lugar – ou melhor posso sim, mas com a condição de fazê-lo irrealmente. De renunciar de servir-me de minhas próprias mãos, para recorrer a mãos fantasmas que distribuirão sobre este rosto golpes irrealis: para agir sobre estes objetos reais, é preciso que eu me desdobre, que eu me torne irreal.

Esta ação perante determinado objeto é apenas uma decisão e escolha minha. Pois, o objeto irreal são pura passividade, eles não solicitam de mim nenhuma ação ou comportamento. É o que Sartre afirma com uma degradação do objeto irreal. Ele possui a inferioridade

metafísica. Ou seja, sempre um objeto irreal será inferior a um objeto real que pode ser visado (1996, p.169).

A intencionalidade pode ser percebida como motor da consciência imaginante, “não precisamos acreditar que há dois Pierre, o Pierre real na rua de Um e o Pierre irreal que é correlativo à minha consciência atual” (SARTRE 1996, p. 167); refutando desta forma a existência de dois homens diferentes. O Pierre que está em Paris é visado pela consciência imaginante, segundo o autor, é o primeiro. A consciência imaginante o visa, resultando no Pierre que é percebido pelos olhos, ou pela mente, e o Pierre que é acessado por meio da consciência imaginante, após um distanciamento são indistintos para o autor. Dessa forma, é pela qualidade ausente atribuída a Pierre que a consciência imaginante opera e visa um objeto enquanto irreal. Sartre aborda, também, questões como a nossa capacidade de qualificar o espaço e o tempo em relação a determinados objetos e cita o exemplo do centauro.

Eu, que estou representando para mim o centauro, eu mudo, sofro solicitações exteriores, mantenho diante de mim o objeto irreal com maior ou menor esforço - mas o centauro não varia, não envelhece: é um intemporal. Seremos tentados a dar-lhe meu presente da mesma maneira como demos, um pouco antes, meu espaço a Pierre enquanto imagem. Mas adivinhemos logo em seguida que iríamos cometer o mesmo erro. É claro que a consciência para a qual o centauro aparece está no presente. Mas o centauro não: ele não comporta nenhuma determinação temporal. (SARTRE, 1996, p 171)

Para o autor não há existência de diferenciação entre tempo e espaço entre um objeto real, visto que para eu saber a distância e a estatura de um objeto a menos que eu possa relacioná-lo a mim. E relação fica ainda mais fraca quando se trata de um objeto irreal, pois só existe em minha consciência imaginante e desta forma não se relaciona com o tempo e o espaço.

Outro ponto destacado pelo filósofo são os sonhos. Eles são uma espécie de consciência imaginante única, porque não existe de fato. Ocorre apenas em nossa consciência durante o sono e sabemos que a maior parte destes sonhos são curtos ou a nossa lembrança sobre eles é reduzida. E por que ficamos dias e dias lembrando sobre determinado sonho? Por que a extensão da consciência imaginante age de forma diferente sendo que nos dois casos trata-se de um objeto irreal? O Filósofo explica:

O erro vem da identificação entre imagem e consciência. Supõem-se então que uma sucessão muito rápida de imagens é, ao mesmo tempo, uma sucessão muito rápida de consciências e como por hipótese (pois quem dorme está separado do mundo), todo elemento de comparação faz falta, cremos que as relações entre os diversos conteúdos se mantêm. (SARTRE, 1996, p. 172)

O autor afirma que o nosso posicionamento perante a esta realidade está ligada as nossas crenças. Pois, acreditamos que estas cenas, sejam elas no sonho ou não, durem horas ou mesmo

que não passem de instantes. Este todo criativo correlacionado a um espaço temporal é determinado pelo meu inconsciente seguindo atos de crença de minha consciência imaginante.

2.3.1.3 Os comportamentos diante do irreal

Vejamos agora como são os comportamentos humanos diante de objetos irrealis. Sartre (1996, p. 181) define que a consciência humana reage de maneiras diferentes no momento da criação imaginante. Diversos sentimentos podem ser citados como vômitos, náuseas, dilatações pupilar, etc, quando pensamos em algo real, mas, que portanto torna-se um objeto irreal, pois atende apenas a um desejo nosso. O autor explica que é possível classificar as pessoas entre aquelas que vivem uma vida real e aquelas que vivem uma vida imaginária.

As evocações sensoriais por meio de objeto irrealis podem de fato causar reações fisiológicas nas pessoas. Uma pessoa que pense ou recorde de uma situação repugnante pode ter um acesso de vômito. Uma criança que tem um objeto luminoso apontado para seus olhos pode gerar uma retração da pupila. E um homem pode começar a salivar assim que imagina seu prato preferido sendo preparado. Todas estas hipóteses são para Sartre (1996, p.180) uma forma de mostrar que os objetos irrealis provocam tranquilamente reações mesmas de um momento de percepção perante um objeto real.

É o que o filósofo chama de sensação remanescente, mas fraca, esta que pode ser sentida ao acessarmos um objeto irreal. Pois, até as sensações perante um objeto irreal é também tem um sentido irreal. Não é possível tornar tocar, sentir, cheirar algo que não existe de fato. Porém, em um processo imaginante de nossa consciência nosso corpo reage como se real fosse aquela imagem: “Nada mais fácil de compreender se admitimos que a imagem não é um simples conteúdo da consciência, entre outros, mas uma forma psíquica (SARTRE, 1996, p.181).

Sartre explica que na constituição do objeto irreal o saber tem o papel de percepção. Pois, eu sei qual minha memória perante determinado objeto e a partir daí meu corpo reage a estas memórias. Podemos inferir que a frase citada da obra *Exploration en Guyane Brésilienne* é carregada de elementos cinestésicos perceptíveis por meio do saber de Hamilton Rice. O que faz ele descrever os índios como repugnantes e desprezíveis? Quais imagens irrealis foram criadas em sua consciência imaginante no momento da produção do livro que o fez lembrar da cena com um sentimento repulsivo e descreveu desta forma o povo citado? Talvez tenha vivenciado sensações fisiológicas também ao pensar na cena? “Portanto, o sentimento

comporta-se diante do irreal, tal como comporta-se diante do real. Procura fundir-se a ele, esposar seus contornos, alimentar-se dele. Só que este irreal, tão bem precisado, tão bem definido, é o vazio, ou, se quisermos é o simples reflexo do sentimento”. (SARTRE, 1996, p. 184)

Aprofundando os estudos sobre os aspectos psíquicos da consciência imaginante Sartre afirma que é possível, então, classificar os indivíduos em dois grupos: entre os que demonstraram levar uma vida imaginária e uma vida real. Na citação a seguir o filósofo exemplifica a escolha de uma vida imaginária de um esquizofrênico e do sonhador mórbido:

Preferir o imaginário não é apenas preferir uma riqueza, uma beleza, um luxo enquanto à mediocridade presente apesar de seu caráter irreal. É também adotar sentimentos e um comportamento “imaginários”, por causa de seu caráter imaginário. Não escolhemos apenas esta ou aquela imagem, não fugimos apenas do conteúdo do real (pobreza, decepções amorosas, fracassos de nossos empreendimentos, etc.) fugimos da própria forma do real, de seu caráter de presença de nossos comportamentos diante do objeto, da inesgotabilidade das percepções, de sua independência, da própria maneira como nossos próprios sentimentos se desenvolvem. Essa vida fictícia, cristalizada, diminuída, escolástica que, para a maior parte das pessoas é a pior possível, é exatamente a ela que o esquizofrênico deseja. (SARTRE, 1996, p. 193).

Diante do exposto refletido sobre a obra de Sartre podemos afirmar que a nossa consciência imaginante é a mesma percebida por objetos reais ou irrealis? Perceber uma cena durante a expedição de Hamilton Rice ao Vale do Rio Branco em 1924/25; ou perceber as **IF** da viagem em uma página do livro, de 1937; ou mesmo ter a consciência imaginante sobre esta cena visada são atos de mesma intenção cogitados por nossa essência? O que difere um do outro? Ou melhor existe diferença entre estas experiências? Indagações que tentaremos responder no processo reflexivo da análise.

3. MÉTODO SEMIÓTICO

A escolha do método no trabalho científico é o caminho entre o saber, a ciência e a verdade, ainda que a mesma seja subjetiva. E quem nos norteia neste percurso é o método semiótico desenvolvido por Charles Sanders Peirce (1839-1914). Peirce trabalhou durante 30 anos até encerrar um ciclo de estudos o qual foi posteriormente denominado: Semiótica e/ou Teoria dos Signos.

Peirce foi cientista, químico, matemático, historiador, filósofo. “Estudioso de vários campos do conhecimento, ele tinha uma visão pragmática do mundo e, durante os quarenta anos de trabalho, identificou a Lógica com a Semiótica, pois para ele toda interpretação é signo”. (SILVA, 2000, p. 20)

A busca incessante de Peirce foi para traçar os princípios fundamentais dos métodos aplicados nas ciências, pois para o cientista se o pensamento é a manifestação do conhecimento e o conhecimento busca a verdade, “então é necessário que haja regras para este pensar, de modo a garantir os procedimentos corretos para argumentações que culminam em conclusões, e que estas não são infalíveis e sujeitas a correções” (SILVA, 2000, p. 20).

A Semiótica é entendida como estudo de tudo que nos rodeia, ou faz parte de nossas vidas e possui uma significação. Pois, segundo Peirce, “Um signo ‘representa’ algo para a ideia que provoca ou modifica. Ou assim – é um veículo que comunica à mente algo do exterior” (CP 339). Mas também não se reduz a indicar a representações de algo para alguém. Visto que para entendermos o que é a semiótica precisamos também compreender o processo que é a semiose. “Peirce fala de um processo no qual o signo age como, ou tem a função de um mediador entre o objeto, que ele representa, e o interpretante, que resulta como seu efeito significativo no processo da semiose”. (SANTAELLA e NORTH, 2017, p. 39)

Logo a semiose é a construção contínua de significados e representações que os signos nos competem: “Nessa concepção, a representação é mediada, ela é terceira em meio a um segundo (seu objeto) e seu primeiro (signo). Esse modelo mental corresponde ao conceito de semiose em Peirce”. (GAMBARATO, 2005, p 212)

Por meio dos signos é possível realizar este processo mental, geralmente, imperceptível, na produção de significados: “Por isso, a semiótica peirciana não se define exatamente como

um estudo de signos, mas sim, como o estudo de processos de semiose” (SANTAELLA e NORTH 2017, p. 39).

O método a seguir nos dá embasamento para a análise de três páginas com **IF** da obra *Exploration en Guyane Brasilienné*. A teoria, baseada nos estudos de Peirce, foi escolhida, por fornecer infinitas possibilidades de interpretações considerando sua complexidade: [...] Semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido”. (SANTAELLA, 1983, p.9).

Para entender e desenvolver uma temática científica, como a proposta nesta dissertação, é necessário identificarmos, a priori, o método que será utilizado na trajetória investigativa. Na percepção e análise de imagens a semiótica é uma ferramenta evolvente, criativa e lógica na busca por respostas. Durante anos de estudos Peirce desenvolveu uma metodologia, a qual chamava de lógica e que poderia ser utilizada por todos os campos das ciências, e para tanto primou pela racionalidade do método. O pesquisador acreditava que quanto mais racional fosse o método mais econômica seria a pesquisa científica. Ou seja, desenvolver uma análise perceptiva com a abordagem de um objeto de pesquisa semioticamente constitui:

[...] relacioná-lo com o maior e o mais significativo número e natureza de possibilidades que ele comporta, buscando compreendê-lo em movimento, dinâmico e operante, ainda que tais relações possam, eventualmente, estabelecer paradoxos incontornáveis. É, pois, pensar para os lados, alastrando o espectro de sua atuação, adensando as possibilidades de sentido e projetando tendências e novas frentes de atuação desse mesmo objeto. (IASBECK, 2005, p.203)

Segundo Silva (2008), Santaella e North definiram por meio da semiótica a existência de três paradigmas da imagem. O segundo e o terceiro estão presentes na pesquisa. O primeiro paradigma é o pré-fotográfico que tem como característica o modo de produção artesanal, o desenho, a pintura e a escultura; o segundo é fotográfico, ou seja, o grande diferencial são os processos automáticos de captação da imagem, em que um determinado instante é captado pela **IF** – no ato do disparo do flash – e é fixado na memória de quem percebe a imagem; por fim o terceiro paradigma que é o pós-fotográfico, ou seja, uma prótese ótica, fruto das invenções tecnológicas ocorridas nos séculos XX e XXI que nos possibilita perceber imagens pela tela de um computador, por exemplo.

O paradigma fotográfico se releva na obra *Exploration em Guyane Brasilienné* ao passo que são utilizadas câmeras fotográficas, uma grande inovação para a época, quiçá para a região Amazônica, para o registro dos povos da região. Já o paradigma pós-fotográfico se apresenta

nas telas dos computadores onde temos acesso as **IF** impressas na obra primária. A utilização do método semiótico neste processo de construção de percepções das **IF** nos traz um vigor científico de inclusão no tocante as suas relações multidisciplinares:

Na contramão dos métodos que escravizam, há métodos que libertam. A semiótica é uma ciência que propõe metodologias para pesquisa em todas as ciências, sem agredir ou contestar os paradigmas de cada qual. Uma das características mais marcantes dessa parceria é o respeito e a inclusão produtiva de sistemas de organização e sistematização do conhecimento em formatos por vezes imprevisíveis porque multidisciplinares e multidirecionais. O resultado costuma ser uma ampliação das possibilidades exploratórias do objeto. (IASBECK, 2005, p. 194)

O método semiótico peirceano se dá pela organização do raciocínio e que segundo Peirce todo pensamento se dá em signos (Santaella e North, 1999). E este é o diferencial deste método. Peirce afirma que “*Now if exactitude, certitude, and universality are not to be attained by reasoning, there is certainly no other means by which they can be reached.*”⁵⁷ (CP 1.142). E se todo pensamento se dá por meio de signos; logo o homem sempre precisará de uma mediação para entrar em contato com seu objeto. A mediação que usamos neste estudo das **IF** é a semiótica. O método é a mediação entre os objetos – Imagens Fotográficas – e o que eles representam por meio de signos. Ou seja, nesta semiótica – ação do signo – podemos encontrar hipóteses para determinados símbolos apresentados a seguir. Porém, este processo de análise só é possível, devido a conexões de saberes e teorias envolvidas na pesquisa.

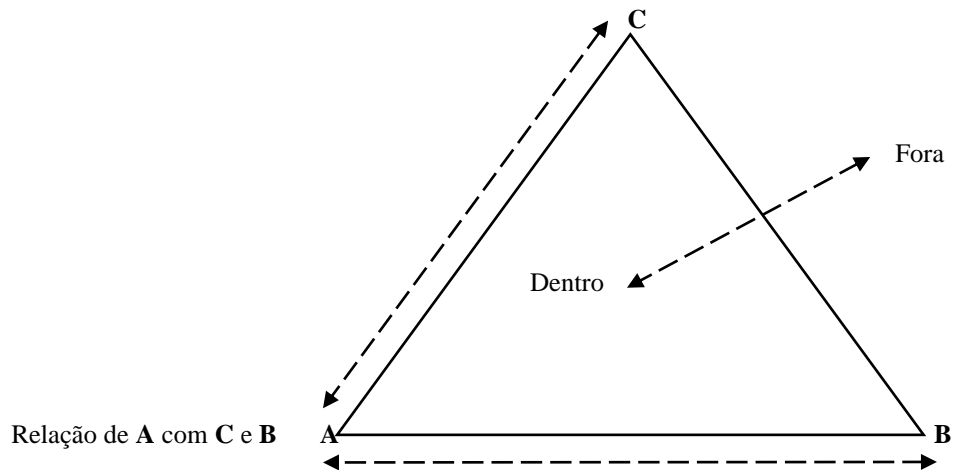
No presente trabalho as **IF** das páginas já mencionadas são percebidas como signos e, especialmente, por uma das naturezas dos signos que é o símbolo. No tocante ao símbolo passaremos pelas etapas características que regem o caráter simbólico, e que será esmiuçado a seguir.

As expressões gráficas empregadas para representarem o signo, como o triângulo (Gráfico 1) de Ogden-Richards (OGDEN-RICHARDS, 1923, p. 11 apud QUEIROS, 2004 p.53), possuem construções binárias que despojam o signo de sua capacidade triádica. Utilizamos durante nossa expressão gráfica denominada Tripod (Gráfico 2) (MERRELL 1998,2000). Numa tentativa para estabelecer as relações tridimensionais ao Tripod, o professor Dr. Floyd Merrell (Purdue University) com a colaboração do professor Dr. Maurício Zouein (Universidade Federal de Roraima) elaborou a expressão gráfica que relaciona o Tripod com nó borromeano (Gráfico 3) (1995b, p.39). Em seguida com as pesquisas realizadas no Núcleo de Pesquisa Semiótica da Amazônia a expressão gráfica do signo recebeu mais atenção e foram

⁵⁷ Ora, se exatidão, certeza e universalidade não devem ser alcançadas pelo raciocínio, certamente não há outro meio pelo qual possam ser alcançadas. (CP 1.142). Tradução nossa.

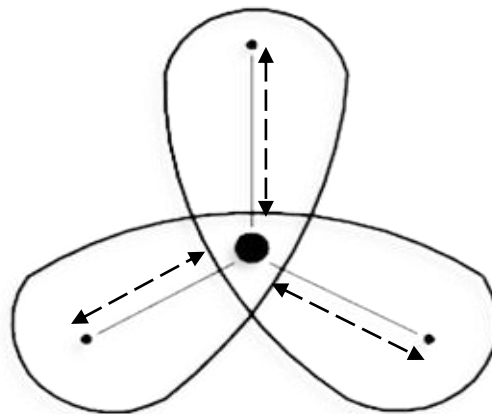
agregadas outras relações encontradas no edifício filosófico peirceano (Gráfico 4) A Tríade é uma evolução do (1995b, p.39). Os gráficos podem ser entendidos como ícones de relações, como sugere Spinks (apud QUEIROS) “[...] como construções hipotéticas usadas para entender e prever como um sistema de relações deve funcionar” (2007, p.50).

Gráfico 01 – Triângulo de Ogden-Richards.



Fonte: OGDEN-RICHARDS, 1923, p. 11 apud QUEIROS, 2004 p.53

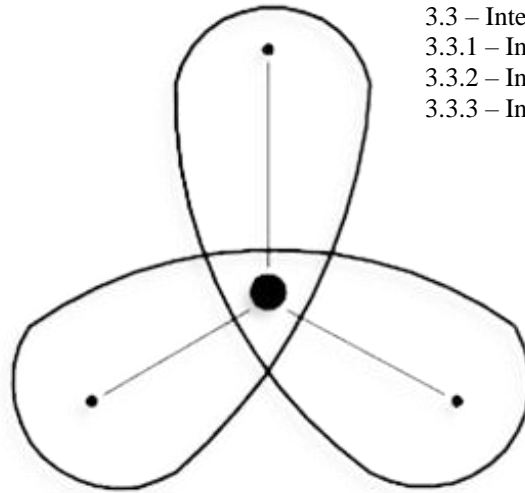
Gráfico 02 – Tripod.



Relação triádica de A com C e B

Fonte: Merrell (2009) <http://web.ics.purdue.edu/~fmerrell>. Created in collaboration with Mauricio Zouein of Boa Vista, Brazil

Gráfico 03 – Representação da estrutura do signo.



3 – Interpretante:

- 3.1 – Interpretante Imediato
 - 3.1.1 – Interpretante Hipotético
 - 3.1.2 – Interpretante Categórico
 - 3.1.3 – Interpretante Relativo
- 3.2 – Interpretante Dinâmico
 - 3.2.1 – Interpretante Emocional
 - 3.2.2 – Interpretante Energético
 - 3.2.3 – Interpretante Lógico
- 3.3 – Interpretante Final
 - 3.3.1 – Interpretante Gratificante
 - 3.3.2 – Interpretante Prático
 - 3.3.3 – Interpretante Crítico

1 – Representâmen

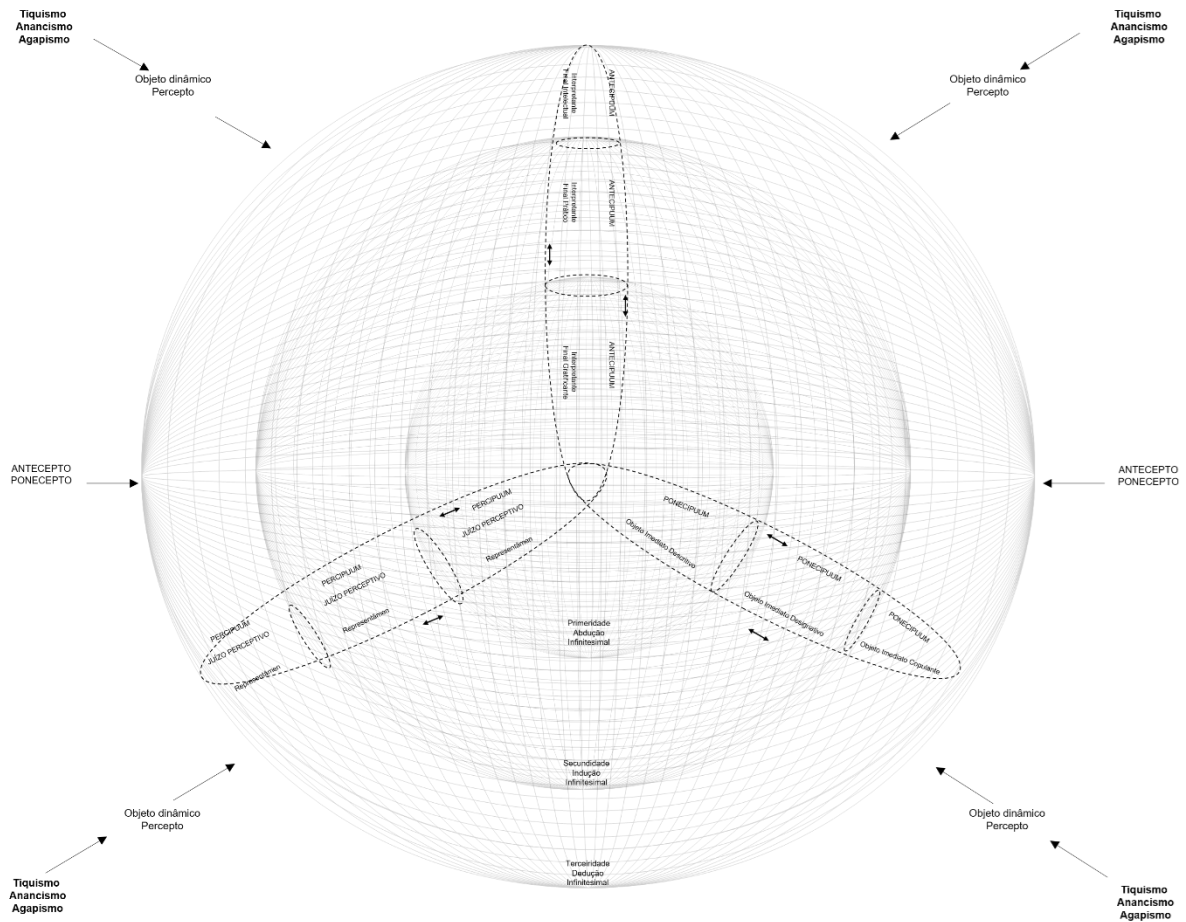
- 1.1 – Qualissignos
- 1.2 – Sinssignos
- 1.3 – Legissignos

2 – Objeto Semiótico

- 2.1 – Ícone
- 2.2 – Índice
- 2.3 – Símbolo
- 2.4 – Objeto Imediato
 - 2.4.1 – Objeto Descritivos
 - 2.4.2 – Objeto Designativos
 - 2.4.3 – Objeto Copulantes
- 2.5 – Objeto Dinâmico
 - 2.5.1 – Objeto Dinâmico Abstrativo
 - 2.5.2 – Objeto Dinâmico Concretivo
 - 2.5.3 – Objeto Dinâmico Necessitante

Fonte: Merrell (2009) <http://web.ics.purdue.edu/~fmerrell>. Created in collaboration with Mauricio Zouein of Boa Vista, Brazil

Gráfico 4 – Representação da Tríade Peirceana do signo.



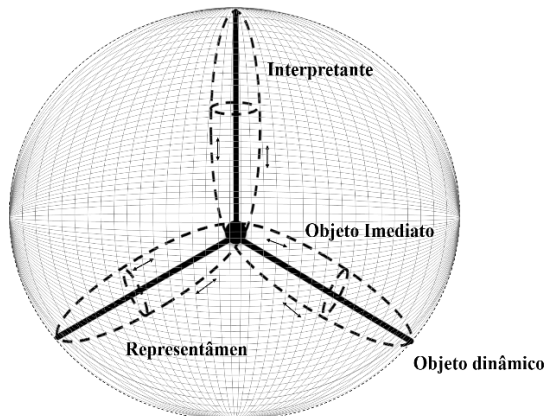
Concebido por: Prof. Dr. Maurício Zouein

Após delimitada a representação gráfica para a análise realizada com as **IF** da obra *Exploration en Guyane Bresilienné* passamos a sistemática para apreciação do signo. A procuramos com a metodologia semiótica entender o cenário sócio, político, cultural, das circunstâncias em que as **IF** foram elaboradas. Desta forma buscamos analisar semioticamente estes aspectos nas **IF** e como eles são percebidos ou não. Não é nossa intenção uma interpretação imparcial, porém acreditamos que a semiose nos trará significações ou sentidos que passariam despercebidos em outros métodos.

A pesquisa está em consonância com as três grandezas fenomenológicas de Peirce que destacam a tricotomia do signo: qualidade-existência-lei, porém a última será destacada na

análise perceptiva em representações simbólicas. A percepção transcura o objeto semiótico, o representamen e interpretantes que está representada na figura (Gráfico 5) abaixo.

Gráfico 05 – Representação das três fases de análise.



Fonte: Merrell (2009) <http://web.ics.purdue.edu/~fmerrell>. Created in collaboration with Mauricio Zouein of Boa Vista, Brazil

3.1 REPRESENTAMEN

Ao adentrarmos no mundo das significações e sentidos, que são relativos e diferentes para cada pessoa, faz-se necessário refletirmos sobre o representamen ou signo, que existe dentro desta relação triádica de ser determinado por algo, ou seja seu objeto, e determinar algo, isto é, seu interpretante para Peirce:

Genuine triads are of three kinds. For while a triad if genuine cannot be in the world of quality nor in that of fact, yet it may be a mere law, or regularity, of quality or of fact. But a thoroughly genuine triad is separated entirely from those worlds and exists in the universe of representations. Indeed, representation necessarily involves a genuine triad. For it involves a sign, or representamen, of some kind, outward or inward, mediating between an object and an interpreting thought. Now this is neither a matter of fact, since thought is general, nor is it a matter of law, since thought is living. (CP 1.480)⁵⁸

Para experimentarmos o exercício da representação é necessário um modo – seria o único? – que é o pensamento. A observação, análise, percepção são regidas por uma infinidade

⁵⁸ As tríades genuínas são de três tipos. Pois, embora uma tríade, se genuína, não pode estar no mundo da qualidade nem no de fato, pode ser uma mera lei, ou regularidade, de qualidade ou de fato. Mas uma tríade totalmente genuína é separada inteiramente desses mundos e existe no universo das representações. Na verdade, a representação envolve necessariamente uma tríade genuína. Pois envolve um signo, ou representamen, de algum tipo, externo ou interno, mediando entre um objeto e um pensamento interpretativo. Ora, isso não é um fato, visto que o pensamento é geral, nem é uma questão de lei, visto que o pensamento é vivo. (CP 1.480)

de conceitos, pré-conceitos, experiências, vivências e nossa própria essência para a construção de significados. Ou seja, a nossa cultura, conhecimentos, saberes constroem o representamen. A fotografia, destacou Peirce, é uma forma de observação deste processo semiótico por meio do olhar que nos força perceber se há ou não um só significado.

Photographs, especially instantaneous photographs, are very instructive, because we know that they are in certain respects exactly like the objects they represent. But this resemblance is due to the photographs having been produced under such circumstances that they were physically forced to correspond point by point to nature. In that aspect, then, they belong to the second class of signs, those by physical connection. (CP 2.281)⁵⁹

Durante a pesquisa percebermos o potencial simbólico das **IF** que constam na obra de Rice. E não só as **IF**, mas os textos escritos por Rice em seu diário de bordo. Pois cada frase, cada palavra também está, não por acaso, carregadas de significações simbólicas segundo Peirce:

A Symbol is a Representamen whose Representative character consists precisely in its being a rule that will determine its Interpretant. All words, sentences, books, and other conventional signs are Symbols. We speak of writing or pronouncing the word "man"; but it is only a replica, or embodiment of the word, that is pronounced or written. (CP 2.292)⁶⁰

A percepção da natureza, personagens, objetos, e todo meio que está envolvido nas **IF** nos remete a uma semiose muito particular que está conectada com os símbolos já conhecidos pelo observador. Desta forma cada observador encontrará símbolos próprios tanto nas **IF** quanto nos textos escritos por Rice e este exercício mental já é a vivência do representamen em nós. Signos categorizados como símbolos, que criam novos símbolos, assim sucessivamente como explica Peirce.

Symbols grow. They come into being by development out of other signs, particularly from icons, or from mixed signs partaking of the nature of icons and symbols. We think only in signs. These mental signs are of mixed nature; the symbol-parts of them are called concepts. If a man makes a new symbol, it is by thoughts involving concepts. So it is only out of symbols that a new symbol can grow. (CP 2.302)⁶¹

⁵⁹ As fotografias especialmente as do tipo instantâneo são muito instrutivas. Pois, sabemos que sob certos aspectos são exatamente como os objetos que representam. Esta semelhança, porém, deve-se ao fato de terem sido produzidas em circunstâncias tais que foram fisicamente forçadas a corresponder ponto por ponto à natureza. Nesse aspecto, então, eles pertencem à segunda classe de signos, aqueles por conexão física. (CP 2.281)

⁶⁰ Um símbolo é um Representamen cujo caráter representativo consiste exatamente em ser uma regra que determinará seu Interpretante. Todas as palavras, frases, livros e outros signos convencionais são símbolos. Falamos de escrever ou pronunciar a palavra "homem"; mas é apenas uma réplica, ou personificação da palavra, que é pronunciada ou escrita. (CP 2.292)

⁶¹ Os símbolos crescem. Retiram seu ser do desenvolvimento de outras signos, especialmente dos ícones, ou de signos misturados que compartilham da natureza dos ícones e símbolos. Só pensamos com signos. Estes signos mentais são de natureza mista; denominam-se conceitos suas partes-símbolo. Se alguém criar um símbolo, ele o faz por meio de pensamentos que envolvem conceitos. Assim a partir de outros símbolos que um novo símbolo pode surgir. (CP 2.302)

3.2 - OBJETO SEMIÓTICO

Depois de entendermos que o representamen ou signo é tudo aquilo que nos vem à mente ao vermos ou pensarmos em determinada coisa material ou não, vamos destacar a função do objeto semiótico que pode ser ainda dinâmico ou imediato. O objeto funciona como um “corpo”, uma “roupagem”, uma “imagem mental” daquilo que temos alguma significação. Se uma flor significa amor para mim, o objeto seria a própria flor. Porém, não se trata apenas de representações materiais para determinarmos um objeto. As cenas...

(...) gravadas na nossa memória são o objeto de um signo no momento em que nos lembramos delas. A decisão que tomamos ontem é o objeto de um signo quando executamos o plano. O repertório daquilo que sabemos ou conhecemos é o objeto dos pensamentos-signos no momento em que aplicamos esse repertório para tomar novas decisões com base nele. No repertório das nossas fantasias, que já animaram o nosso espírito, encontramos os objetos dos signos que representam objetos imaginários. (SANTELLA e NÖTH 2017, p. 42)

As fotografias analisadas durante a pesquisa são Objetos Dinâmicos de um Signo. Quando tenho acesso a fotografia publicada na obra *Exploration en Guyane Brasienné* de 1937, posso tocá-la e vê-la nas nuances – que meus aparatos perceptivos permitem –, o Objeto Dinâmico está fora da mente humana. Ao passo, que alguém, que observou as fotografias impressas no livro do Rice, pode estar utilizando o imaginário⁶² e a memória no processo interpretativo da página onde está a **IF**. Neste caso, a página é um Objeto Imediato. A **IF** percebida no livro ou na tela de um computador evoca o segundo e o terceiro paradigma da fotografia, respectivamente. O segundo paradigma – o fotográfico – no caso do Objeto Dinâmico elaborado pelo olhar do sujeito e o objeto percebido, foi revelado num processo químico onde a imagem...

(...) fixada na revelação é vestígio do real, um hiato, um recorte eternizado de um instante furtado, um arquivo para a posteridade, em que um momento vivo foi fixado e congelado no ato do disparo do flash; uma imagem testemunha de um instante que não mais voltará, porque ele se foi; [...] São imagens transformadas a partir de uma matriz de números em pontos elementares (pixels), visualizadas sobre uma tela de vídeo. Imagem sintética que prescinde do real empírico e busca a simulação da realidade com toda sua profundidade; a mudança fundamental trazida para esse meio de produção foi a possibilidade de simular experiências sobre um objeto (do real) fora do tempo e do espaço. (SILVA, 2008, p. 3-4)

E o terceiro paradigma da imagem encontra-se no processo da transformação de uma peça material, a fotografia, e uma imagem ótica na tela de um computador.

⁶² Ver página 47 segundo parágrafo.

Note que dentro das infinitas possibilidades de representações dos signos o objeto semiótico é entendido como Imediato e Dinâmico. O Objeto Imediato é tudo aquilo que num primeiro momento é possível perceber. O Objeto Dinâmico será entendido na medida em que o sujeito for conhecendo com mais vigor a materialidade e as circunstâncias em que o objeto da percepção está inserido, pois ele não se mostra por completo.

3.2.1 Objeto Imediato

O Objeto Imediato, como o próprio nome diz é quem media imediatamente a percepção entre o signo e objeto. Por exemplo: uma **IF** com uma dedicatória no verso. Perceber a **IF**, isto é, aquilo que está na frente sem enxergamos a dedicatória que está no verso. Aquilo que instantaneamente é perceptível. Porém, tudo que compreende a materialidade da fotografia, inclusive a dedicatória no verso está relacionado ao Objeto Dinâmico da **IF**. Por estar no interior do signo...

Por estar dentro do signo, o objeto só pode ser imediato, aquele que é primeiramente apreendido, uma vez que o signo ou representamen é sempre um primeiro na relação triádica. Para que se possa compreender essa bipartição dos objetos e sua validade, temos que levar em consideração que o signo não teria nenhum poder de representar ou indicar o objeto fora dele, se, dentro do próprio signo, não existisse alguma forma, algum traço de correspondência com o objeto que ele intenta representar ou indicar. (SANTELLA E NÖTH, 2017, p. 43):

3.2.2 Objeto dinâmico

O objeto dinâmico é aquilo que está fora da mente humana. É necessário uma experiencia de semiose do signo para que o sujeito perceba o objeto dinâmico.

We must distinguish between the Immediate Object, -- i.e. the Object as represented in the sign, -- and the Real (no because perhaps the Object is altogether fictive, I must choose a different term, therefore), say rather the Dynamical Object, which, from the nature of things, the Sign cannot express, which it can only indicate and leave the interpreter to find out by collateral experience. (CP 8.314)⁶³.

⁶³ Devemos distinguir entre o objeto imediato, - isto é, o objeto como representado no signo, - e o real (não, porque talvez o objeto seja totalmente fictício, devo escolher um termo diferente, portanto), digamos antes o Objeto Dinâmico, que, pela natureza das coisas, o Signo não pode expressar, que ele só pode indicar e deixar que o intérprete descubra por experiência colateral. (CP 8.314)

Podemos usar o mesmo exemplo da fotografia com uma dedicatória atrás. Faz parte do objeto dinâmico a dedicatória, posto que não podemos perceber de imediato esta qualidade do objeto. Mas ele está lá.

3.3 INTERPRETANTE

O interpretante está intimamente relacionado ao signo e ao objeto. Ele surge como um resultado desta relação triádica. Se o signo é o que eu sinto, ou penso, eu recordo quando percebo o objeto. O interpretante é a significação desta relação trina. Segundo Peirce, é aquilo que me causa quando percebo, reflito sobre o signo e o objeto. O terceiro correlato do signo, que Peirce denominou interpretante, é a interpretação significativa do signo. Algumas vezes Peirce fala de significância (CP 8.179), significado, ou interpretação (CP 8.184) do signo.

Se podemos ter as mais diversas e variadas percepções diante de um signo ou objeto podemos então ter o que chamamos de infinita 'semiose', que para Peirce gera uma nova reflexão, sentimento, percepção diante desde processo de construção de significados.

For the acceleration of the pulse is a probable symptom of fever and the rise of the mercury in an ordinary thermometer or the bending of the double strip of metal in a metallic thermometer is an indication, or, to use the technical term, is an index, of an increase of atmospheric temperature, which, nevertheless, acts upon it in a purely brute and dyadic way. In these cases, however, a mental representation of the index is produced, which mental representation is called the immediate object of the sign; and this object does triadically produce the intended, or proper, effect of the sign strictly by means of another mental sign; and that this triadic character of the action is regarded as essential is shown by the fact that if the thermometer is dynamically connected with the heating and cooling apparatus, so as to check either effect, we do not, in ordinary parlance speak of there being any semeiosis, or action of a sign, but, on the contrary, say that there is an "automatic regulation," an idea opposed, in our minds, to that of semeiosis. For the proper significate outcome of a sign, I propose the name, the interpretant of the sign. (CP 5.473)⁶⁴

⁶⁴ Porquanto a aceleração do pulso é um sintoma provável de febre e a subida do mercúrio num termómetro corrente ou a curvatura da dupla risca de metal num termómetro metálico é uma indicação ou, para usar o termo técnico, um indicador de uma elevação da temperatura atmosférica, a qual não obstante atua de modo cego e puramente diádico. Nestes casos, contudo, produz-se uma representação mental do indicador, a qual é denominada o objeto imediato do signo; e este objeto produz triadicamente o efeito pretendido do signo estritamente por meio de um outro signo mental; e que esta natureza triádica da ação é essencial fica patenteado pelo fato de que se o termómetro se acha dinamicamente ligado com o aparato da calefação e refrigeração para "checar" qualquer efeito, não temos por hábito falar de semiose, ou ação de um signo, mas, pelo contrário, dizemos que há uma "regulação automática", ideia oposta em nossos espíritos à de semiose. Para o significado resultante de um signo, proponho o nome, interpretante do signo. (CP 5.473)

3.4 - AS TRÍADES PEIRCEANAS

Logo após entendermos o desenvolvimento do pensamento Peirceano em torno do signo que compreende: o representamen, o objeto semiótico e o interpretante, seguimos para a explanação tipológica de signos elaborada por Peirce. O filósofo criou uma classificação por meio das características fenomenológicas do signo e que resultaram em tríades que veremos representada no Gráfico 6:

Gráfico 6 – Representação das 9 subclasses das 3 tricotomias de Peirce.

Categoria/ tricotomia	Do signo em si (representamen)	Do signo em relação ao seu objeto	Do interpretante do signo
Primeiridade	Qualissigno	Ícone	Rema
Secundidade	Sinssigno	Índice	Discente
Terceiridade	Legissigno	Símbolo	Argumento

Fonte: Santaella e Nöth (2017, p. 61)

Apesar da indexicalidade das **IF** do livro *Exploration em Guyane Bresilienne* realizaremos a análise sob o ponto de vista da Terceiridade, ou seja, “O geral é um fenômeno de Terceiridade porque generalidade implica continuidade. Ela é também a categoria da semiose e dos signos, da representação, da comunicação, das leis, das regras, da necessidade, do hábito e da síntese.” (Santaella e Nöth, 2017, pg. 38). Portanto, esta perspectiva de observação nos levará a análise de legissignos, em relação aos símbolos e decorrentes de determinados argumentos.

3.4.1 Legissignos

Os legissignos são os signos que ao percebermos logo nos vem a mente um objeto já conhecido por meio de uma norma, convenção. Peirce explicou...

A Legisign is a law that is a Sign. This law is usually established by men. Every conventional sign is a legisign [but not conversely]. It is not a single object, but a general type which, it has been agreed, shall be significant. Every legisign signifies through an instance of its application, which may be termed a Replica of it. Thus, the word "the" will usually occur from fifteen to twenty-five times on a page. It is in all

these occurrences one and the same word, the same legisign. Each single instance of it is a Replica. The Replica is a Sinsign. Thus, every Legisign requires Sinsigns. But these are not ordinary Sinsigns, such as are peculiar occurrences that are regarded as significant. Nor would the Replica be significant if it were not for the law which renders it so⁶⁵. (CP 2.246)

A letra do Hino Nacional contém inúmeros legisignos que são as palavras de cada estrofe, porém o Hino por si só é um legisigno de um símbolo nacional brasileiro.

3.4.2 Símbolo

Na representação dos signos em sua tríade ícone, índice e símbolo encontramos as formas de se expressar de cada signo. No contexto em estudo, faremos a análise dos símbolos encontrados na **IF** da obra de Rice. Enquanto os ícones representam a aproximação com o signo, *“The Icon has no dynamical connection with the object it represents; it simply happens that its qualities resemble those of that object, and excite analogous sensations in the mind for which it is a likeness”* (CP 2.299)⁶⁶. Podemos exemplificar tal como uma rosa tatuada no corpo, nos faz lembrar da rosa em si. Não é a rosa, a planta, é um desenho, no corpo de alguém, porém a imagem nos remete a rosa, que conhecemos da flora natural.

Quando pensamos no índice temos uma aproximação ainda maior. Pois trata-se de algo que ao percebemos, fazemos uma conexão imediata com o objeto: *“The index is physically connected with its object; they make an organic pair, but the interpreting mind has nothing to do with this connection, except remarking it, after it is established.”* (CP 2.299)⁶⁷. Um exemplo de índice pode ser a fuligem. Assim que percebemos uma fuligem no chão, em um objeto, uma roupa, logo nos remetemos à alguma queimada. Portanto a fuligem é um índice de queimadas.

⁶⁵ Um Legisigno é uma lei que é um Signo. Normalmente, esta lei é estabelecida pelos homens. O signo convencional é um Legisigno (porém a recíproca não é verdadeira). Não é um objeto singular, porém um tipo geral que se tem concordado, será significante. Todo Legisigno significa através de um caso de sua aplicação, que pode ser denominada Réplica. Assim, a palavra “o” normalmente aparecerá de quinze a vinte e cinco vezes numa página. Em todas essas ocorrências é uma e a mesma palavra, o mesmo Legisigno. Cada uma de suas ocorrências singulares é uma Réplica. A Réplica é um Sinssigno. Assim, todo Legisigno requer Sinssignos. Mas estes não são Sinssignos comuns, como são ocorrências peculiares que são encaradas como significantes. Tampouco a Réplica seria significante se não fosse pela lei que a transforma em significante. (CP 2.246)

⁶⁶ O ícone não tem conexão dinâmica alguma com o objeto que representa: simplesmente acontece que suas qualidades se assemelham as do objeto e excitam sensações análogas na mente para a qual é uma semelhança. (CP 2.299).

⁶⁷ O índice está fisicamente conectado a este objeto; formam, ambos, um par orgânico, porém a mente interpretante nada tem a ver com essa conexão exceto o fato de registra-la (CP 2.299).

Já o símbolo, um dos tipos de representações do signo estamos falando de algo que não tem conexão com o objeto, todavia a força da 'lei' nos faz automaticamente pensar no objeto. Bem como lemos a palavra bandeira, logo vem à mente um dos símbolos nacionais brasileiros. Entretanto, a palavra por si só bandeira não está relacionada ao objeto, mas por convenção já sabemos que se trata de um símbolo. *“The symbol is connected with its object by virtue of the idea of the symbol-using mind, without which no such connection would exist”* (CP 2.299)⁶⁸.

Logo, nas **IF** da obra estudada faremos a análise dos símbolos representados nas imagens escolhidas de índios e não-índios. Na percepção dos símbolos vamos analisar elementos sócio-históricos e culturais dos personagens retratados na **IF**. Como ferramenta utilizaremos a tabela a seguir que nos auxiliará no encontro das representações sógnicas a serem interpretadas.

3.4.3 - Argumento

A terceira tricotomia de Peirce revela a fase de desdobramento da lei e dos símbolos. Chegamos ao Argumento: “Um argumento conecta a informação de signos discentes por uma necessidade lógica. Ele é um signo do discurso racional.” (Santella e North, 2017, pg 60). Exemplificamos com as seguintes afirmações: “as mulheres são fortes”. E mais: “roraimenses são mulheres”. Portanto, chegamos a consideração que as mulheres roraimenses são fortes.

3.5 - REPRESENTAÇÃO DO SIGNO

Para que possamos adentrar as camadas mais sutis do signo iremos trabalhar com o esquema abaixo na representação do signos identificados nas **IF** da obra primária em estudo. Como a percepção será analisada em torno dos símbolos, desta forma a linha que expressa as qualidades dos signos será a última da tabela. Sendo assim detalharemos agora do que se trata

⁶⁸ “O símbolo está conectado com seu objeto por força da ideia da mente que usa o símbolo sem a qual esta conexão não existiria”. (CP 2.299).

quando abordamos as representações: legi- signo, objeto dinâmico necessitante, objeto imediato copulante, interpretante dinâmico significativo, interpretante imediato relativo e o interpretante final pragmático.

Gráfico 7 – Estrutura do Signo.

<p>1 – Fundamento do Signo</p> <p>1.1 Representâmen</p> <p>1.1.1 – Qualissignos</p> <p>1.1.2 – Sinssignos</p> <p>1.1.3 – Legissignos</p>		
<p>2 – Objeto Semiótico (Em relação ao signo)</p> <p>2.1 – Ícone</p> <p>2.2 – Índice</p> <p>2.3 – Símbolo</p>	<p>2 –Objeto Semiótico</p> <p>2.4 – Objeto Imediato</p> <p>2.4.1 – Descritivos</p> <p>2.4.2– Designativos</p> <p>2.4.3 – Copulantes</p>	<p>2 –Objeto Semiótico</p> <p>2.5 – Objeto Dinâmico</p> <p>2.5.1 – Objeto Abstrativo</p> <p>2.5.2 – Objeto Concreto</p> <p>2.5.3 – Objeto Necessitante</p>
<p>3 –Interpretante:</p> <p>3.1 – Interpretante Imediato</p> <p>3.1.1 – Hipotético</p> <p>3.1.2 – Categórico</p> <p>3.1.3 – Relativo</p>	<p>3 –Interpretante:</p> <p>3.2 – Interpretante Dinâmico</p> <p>3.2.1 – Emocional</p> <p>3.2.2 – Energético</p> <p>3.2.3 – Lógico</p>	<p>3 -Interpretante:</p> <p>3.3 – Interpretante Final</p> <p>3.3.1 – Gratificante</p> <p>3.3.2 – Prático</p> <p>3.3.3 – Crítico</p>

Fonte: Prof. Dr. Maurício Zouein

3.5.1 - Fundamento do signo

A noção primeira que teremos do signo em seu fundamento é o Representamen. Como já vimos, anteriormente, o Representamen é senão a representação dos signos, ou seja...

Um signo, ou representamen, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez, um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado, denomino interpretante do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu objeto. (SANTAELLA, 2000, p. 12)

Desta forma, o primeiro contato que temos ao perceber as **IF** é que signos elas projetam em nossa mente, que sensações, sentimentos, lembranças, memórias. E a classe de signos ou representamen que iremos analisar são os Legissignos.

3.5.1.1 - Legissigno

Já vimos nas classificações das categorias dos signos que o Legissigno funciona como um balizador para que saibamos que se trata de uma regra, uma norma, assim que nos deparamos com o objeto. A ideia que nos vem à mente está relacionada a uma lei e por isso já representamos mentalmente o objeto, pois sabemos a ligação entre lei-objeto que este signo nos representa:

Um legi-signo é um signo considerado no que diz respeito a um poder que lhe é próprio de agir semioticamente, isto é de gerar signos interpretantes, sendo que sua identidade particular se dá pela margem de signos interpretantes que ele é capaz de gerar. (SANTAELLA, 2000, p. 101)

3.5.3 – O objeto semiótico

Dentre as faces do objeto semiótico podemos entendê-lo como dinâmico ou imediato. Quando o objeto dinâmico é um Necessitante, ou seja, possui um caráter de generalidade, o Objeto pressupõe um infinito número de mediações entre ele, o Objeto, e o signo. O objeto dinâmico Necessitante, surge como uma espécie sgnica de regressão infinita. Por exemplo: o objeto dessa análise é a obra *Exploration in Brazilian Guyana* de 1937 de

Hamilton Rice, o objeto da obra são as **IF** de Silvino Santos e Albert W. Stevens qual o objeto das **IF** de Silvino Santos e Albert W. Stevens?... e assim sucessivamente.

Por sua vez os Objetos Imediatos, que neste caso indicam os Objetos Dinâmicos necessitantes, são os “*Copulants, which neither describe nor denote their Objects, but merely express the logical relations of these latter to something otherwise referred to. Such, among linguistic signs, as "If -- then -- , " " -- is -- , " " -- causes -- , " " -- would be -- , " " -- is relative to -- for -- " "Whatever" etc*”. (CP 8.350)⁶⁹. Por exemplo: O significado, a representação da imagem fotográfica de um Índio Macuxi na história dos Macuxi.

3.5.4 – O Interpretante

Dentre as representações dos signos e as interpretações que resultam em nossa mente, temos ainda três modalidades a explicar os interpretantes imediato, dinâmico e o final. Quando estamos diante de um legissigno e interpretante imediato é denominado relativo, pois a nossa interpretação está diretamente ligada a uma relação entre o signo e o objeto.

Se o signo transmite informação relativa uma classe universal de casos, seu interpretante imediato só pode ser da natureza de uma lei ou regra. “as pedras caem” é o exemplo que Peirce forneceu. Mas ele acrescentou que a terceiridade, características de signos deste tipo, está presente em todas as nossas percepções, base para a generalidade de nossos julgamentos de percepção, regra interpretativa que gerará um tipo determinado de interpretação, preenchidas nestas condições. Esse interpretante, que só os legi-signos estão aptos a produzir, Peirce chamou de relativo. (SANTAELLA, 2000, p. 140)

Por exemplo: pensar a imagem fotográfica dos Macuxi impressa na página da obra *Exploration in Brazilian Guyana* de 1937.

Podemos estar diante também de um legissigno mas que a sua relação com o objeto nos dará como interpretante uma relação mais completa e detalhada como no caso do interpretante dinâmico. Esta relação receberá o nome de significativo, já que sua interpretação terá uma afinidade cognitiva.

Já o legi-signo é aquele que vai apelar para seu interpretante dinâmico de maneira cognitiva. Foi chamado de indicativo ou **significativo**. É um signo que está

⁶⁹ Copulantes, que não descrevem nem denotam seus Objetos, mas meramente expressam as relações lógicas destes últimos com algo de outra forma referido. † 20 Tal, entre os signos linguísticos, como "Se - então -, " " - é -, "" - causa -, "" - seria -, "" - é relativo a - para - "" Qualquer etc. (CP 8.350)

relacionado com o interpretante lógico, embora possa pressupor os níveis sugestivos e imperativo. (SANTAELLA, 2000, pag 140)

Por exemplo do Interpretante Dinâmico Lógico: O sujeito que olha uma imagem fotográfica dos Macuxi impressa na página da obra *Exploration in Brazilian Guyana* de 1937 experimentar por si mesmo, ajustar seu diagrama mental para assimilar um hábito existente ou originar um novo hábito de como perceber a imagem.

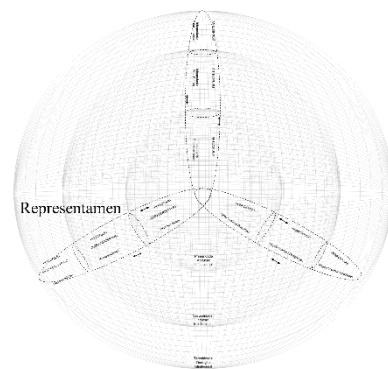
Ao passo que o signo nos gera representações e interpretações, a semiose nos leva a um interpretante final. Como o signo relacionado trata-se de um signo de Terceiridade, ou seja, um Legissigno, teremos como interpretante final a designação pragmática. Pois, nos leva a uma interpretação lógica, porém advinda de reflexões lógicas prévias e que nos levam a uma concepção mais profunda e crítica do signo relacionado.

O propósito último de um signo cognitivo ou intelectual é produzir controle crítico deliberado sobre os hábitos e crenças. As normas críticas, relevantes aqui, são princípios condutores da lógica. A consistência de um conjunto de interpretantes e a validade das inferências são julgadas à luz desses princípios orientadores. O interpretante lógico último, ou melhor, o interpretante final crítico, como Peirce o chamou, é o hábito controlado de uma autocrítica deliberada. Isso vale tanto para lógica, para os produtos do intelecto, quanto para vida. (SANTAELLA, 2000, p. 143)

Um exemplo interessante é a forma de ações denominadas por hábitos que poderá, sob certas circunstâncias, serem repetidas indefinidamente. O hábito ocidental de ler da esquerda para direita. Tal hábito induz o olhar e também define o que tem maior peso para o inconsciente – sobre o que percebemos visualmente.

4 ANÁLISE

4.1 SIGNO/ REPRESENTAMEN



Ser mulher, mãe, dona de casa, profissional e pesquisadora são atributos que fazem parte de minha essência e são fatores determinantes na construção de minha experiência mental e material. Nasci em São Paulo, mas aos 5 anos mudei-me com minha família para Roraima, lugar que também escolhi para viver, trabalhar e criar meus filhos. Ter começado a trabalhar muito cedo, e na época já com comunicação, me faz lembrar o quanto o trabalho com imagens está presente em minha vida.

Primeiro foram os vídeos, depois com a fotografia aprendi a revelar, fotografar com câmera profissional e os sentimentos que pairavam eram de nostalgia, apreço e encanto perante as **IF** produzidas e guardadas. Cada fotografia antiga que vejo e/ ou descubro é uma forma de refletir sobre o passado, aquele tempo, aquele momento, os instantes... únicos e imperfeitos. Talvez aí esteja a maior qualidade.

A materialidade de uma fotografia acaba produzindo em nossa mente em uma outra imagem, após termos olhado para ela. Depois do mirar, o recordar está ligado a produção da consciência imaginante, o imaginário como explica Hoste (2017, p. 39) “Algumas imagens, por exemplo, poderão apresentar-se naturalmente como atemporais, no sentido de que um centauro em imagem permanecerá totalmente imutável enquanto a consciência imaginante que lhe produz continuará fluindo em sua duração real”. Portanto, perceber **IF** e analisar seus significados, está intimamente conectado com nosso imaginário.

Em 2018, tive a oportunidade de ter acesso a obra “*Exploration En Guyane Brésilienne*” (imagem 06) edição francesa, na época com 81 anos de publicação. Recordo-me até hoje a primeira vez que a segurei em minhas mãos! Um misto de alegria, surpresa, gratidão, medo e apreensão. Como não me encantar com uma obra primária do início do século passado e que está escrita na língua francesa que tanto me cativa. A mistura de sensações e pensamentos por estar diante de tão rara obra sobre o estado de Roraima, com as primeiras **IF** aéreas da região, com um diário tão minucioso escrito por Dr. Hamilton Rice e **IF** de índios e não-índios. O receio estava no foliar cada página, pois sabia o quão precioso é poder ter acesso a um livro

octogenário. A apreensão em saber a responsabilidade que estava em minhas mãos ao realizar uma pesquisa que trouxesse à tona significados, memórias, identidades, sentimentos, sensações, indícios e símbolos sobre aquela época e, principalmente, sobre a nossa gente.

Imagem 06: *Exploration en Guyane Brésilienne*.

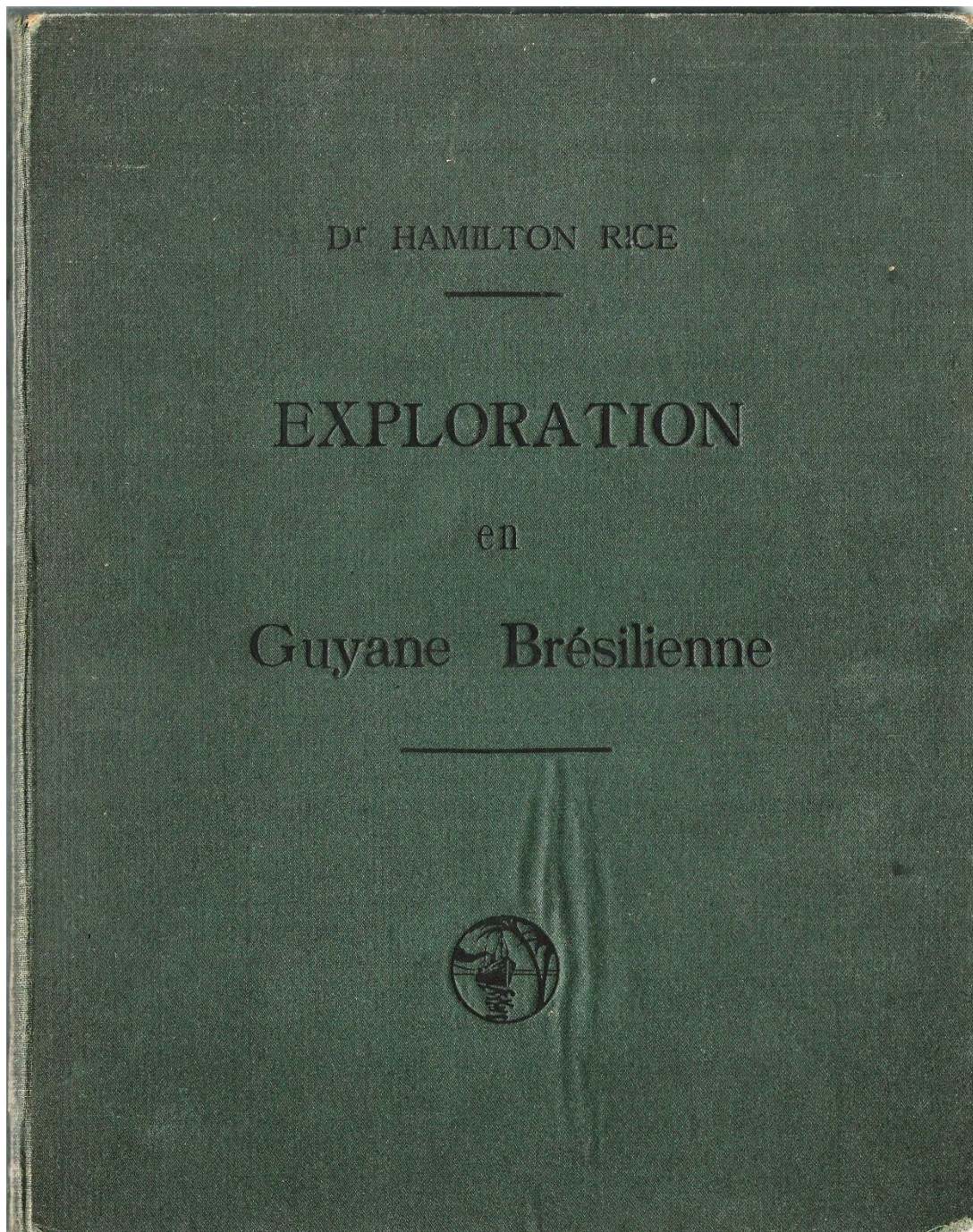


Imagem: Capa (Dura) do livro *Exploration en Guyane Brésilienne*. Cor: verde musgo. Impressão gráfica: letras em baixo relevo nos tons de verde escuro. Dimensões: 22,5 cm X 28,5 cm; lombada; 5cm. Peso: 1quilo e 300 gramas; papel tipo acartonado; gramatura do papel: 200g. Fonte: *Exploration en Guyane Brésilienne*, Rio Branco, Uraricoera, Parima. 1937. Acervo Particular- Maurício Zouein.

Logo após a aproximação com a obra original tive acesso ao volume semelhante em pdf disponível na internet e o livro traduzido para a língua portuguesa da editora Itatiaia, Exploração na Guiana Brasileira em 1978. A sensação de alegria foi grande por descobrir o fácil acesso a todos que buscarem o livro digital de 1937, e por ter o conhecimento que a obra em português já fora explorada por outros pesquisadores no Brasil.

Porém, uma pesquisa com a obra francesa causou-me uma energia a mais pelo ineditismo do trabalho, em nosso país. Estas sensações estão conectadas a primeira categoria do signo a Primeiridade. “O efeito estético produzido em nós pelas obras de arte, certos filmes, a audição da música, muitos poemas levam esse estado ao seu limiar mais bem realizado quando se dá a suspensão dos nossos julgamentos na demora do sensível”. (SANTAELLA, 2005, p. 30)

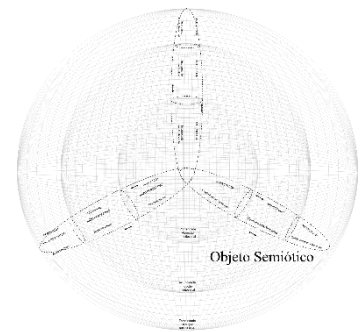
A capa do livro envelhecida do tempo, o cheiro de livro antigo, as páginas amareladas, mapas dobrados com esmero, uma linguagem própria da época, novas tecnologias para a impressão do papel, **IF** reveladas e impressas com definição admirável para a época. Ingredientes magníficos para percepções de significados, significações e produção de imaginário sobre aquele tempo.

Dispor-me a pesquisar sobre o início do século passado, eventos importantes, pessoas que marcaram a época, a cultura no mundo e local trouxeram o vigor necessário para a análise das páginas escolhidas na obra.

As 94 **IF** da natureza do Vale do Rio Branco cativaram-me pela inédita utilização do hidroavião na época. Todavia as 81 **IF** de índios e não-índios arrebataram-me pelo preciosismo. Rice em todo diário traz características positivas sobre o povo local, contudo a maior parte das definições são depreciativas. Entender parcialmente quais sentimentos, sensações, significados culturais, econômicos, políticos e sociais que Rice trazia na bagagem e expôs na obra é um grande desafio.

A forma como o autor retratava os índios locais souu-me por várias vezes grotesca, preconceituosa e até cruel, entretanto entender mais sobre a realidade de uma expedição como a de Rice, seus perigos, desafios, entraves, motivaram-me cada dia mais realizar a percepção das **IF**. Tanto é que escolher as três páginas do livro com **IF** de índios e não-índios entre as mais de 80 imagens foi complexo, se não fosse pela primeira página escolhida.

4.2 OBJETO SEMIÓTICO



Logo que tive acesso a obra primária de Hamilton Rice a minha maior curiosidade era contemplar as **IF**. Numa noite quente do verão roraimense, em novembro, tomei emprestada a obra e rapidamente confirmei minha vontade pregressa que era trabalhar **IF** no meu pré-projeto de mestrado. O peso do livro impressionou-me. Seu cheiro chamou-me atenção não era só por ser um livro antigo, mas trata-se de um raro exemplar! Cheguei em casa e logo fui ao escritório. Coloquei a obra em cima da bancada, pus dois livros abaixo da capa e da contracapa para não rasgar o miolo do livro e a aprecie-o com largo sorriso! Quanto privilégio deparar-me com preciosa obra!

Tocar sua capa em baixo relevo tão bem traçados fez-me viajar ao século passado. O imaginário agindo e organizando as cenas em minha mente. Busquei nas gavetas da memória as informações que sabia sobre o século XX e pus-me lentamente a olhar folha por folha. Passeando pelas páginas logo achei os mapas dobrados e desenhados cuidadosamente. Toquei-os com delicadeza. Rasgar uma página da obra jamais poderia abarcar esta experiência. Conferi o diário de bordo na ansiedade de chegar as **IF**. E foram tantas de cidades, vilas, florestas, rios e serras. Eis que então eu encontrara as **IF** de índios e não-índios que seriam a razão da minha pesquisa. Encontrá-las foi meu primeiro contato com o objeto semiótico em estudo. Santaella explica que este momento inicial de explorar o objeto **IF** há também um segundo aspecto que é a materialidade da fotografia.

Ao examinar as **IF** da obra de Dr. Hamilton Rice – como descrito na capa – percebo que para conhecê-las com mais profundidade é necessário também conhecer mais sobre a história e vida do expedicionário. E o que o trouxe ao Vale do Rio Branco. Com a pesquisa descubro que a obra não é consequência apenas de um planejamento, organização e muita coragem de todos que participaram desta expedição, mas também o resultado de um trabalho desenvolvido, há muitos anos, em Harvard como professor e pesquisador na área da hidrologia. Apesar de ser médico Rice tinha grande encanto pela geografia e o estudo dos rios, e por isso

foi indicado para cumprir a missão de vir ao Vale do Rio Branco, juntamente com sua equipe de pesquisadores.

Dedicar esforço e estudos em uma área não valorizada por Harvard na época como a geografia, realizar seis expedições a América Latina antes do Vale do Rio Branco, lançar a obra em inglês, em 1928, para então em 9 anos depois ser lançada a edição francesa faz parte da construção histórica e social da edição francesa. O livro em estudo, mede 22,5 x 5 x 28,5 cm, tem composição em capa dura verde musgo e letras em baixo relevo verde escuro. A gramatura do papel 200 g, na tonalidade branca, porém com o envelhecimento do papel a tonalidade se modifica para um tom amarelado. O prefácio (RICE, 1937) escrito por Dr. Raoul Blanchard⁷⁰ (1877-1965), professor da Universidade de Grenoble e da Universidade de Harvard expressa toda sua satisfação e alegria da obra ter sido traduzida para o francês.

Je suis heureux de présenter au public français l'éminente contribution à l'étude d'une des plus difficiles régions du monde que nous a apportée mon collègue et ami le professeur. A. Hamilton Rice. Une version en avait été publiée en anglais en 1928; le docteur Rice a tenu à ce qu'elle fut complétée, traduite em français et magnifiquement illustrée. C'est là une attention qui ira au coeur de tout Français. (RICE, 1937 p. I)⁷¹.

Além da apresentação feita pelo geógrafo e explorador Hamilton Rice, há dois mapas diagramas explicativos sobre a região e dois mapas dos rios percorridos. A partir da página 22 segue-se a descrição do diário de bordo do explorador até a página 83. As três folhas seguintes ao mapa consistem em um glossário com termos utilizados no texto. A partir da página 94, apresentam-se 94 **IF** aéreas da natureza roraimense retratadas em matas, florestas, rios, da Vila de Boa Vista, serras, cachoeiras, aldeias. As fotografias medem 15 cm x 20 cm e possuem tons de cinza (com a ação do tempo a cor tende a ser parecida com sépia). As 81 **IF** finais de índios e não- índios da região e possuem tamanhos que variam de 8 cm x 13 cm, 8 cm x 10 cm, 6 cm x 9 cm, também em tonalidade cinza.

4.2 .1 Objeto Dinâmico

Primeiro olhar e depois perceber cada página escolhida da obra *Exploration em Guyane Bresilienne* faz parte da investigação sobre nosso objeto dinâmico: “Quando olhamos para uma

⁷⁰ Blanchard foi o criador da geografia alpina francesa, fundando a Revue de géographie alpine, que publicou as primeiras obras nos Alpes franceses. Fonte: <https://www.encyclopedia.com/people/science-and-technology/geography-biographies/raoul-blanchard>. Acesso em 29 de Junho de 2019.

⁷¹ Estou muito feliz em apresentar a publicação em francês que é uma eminente contribuição aos estudos de uma das regiões mais difíceis do mundo trazidas pelo meu colega e amigo o professor Alexander Hamilton Rice. Uma versão que já foi publicada em inglês em 1928, o doutor Rice melhorou o que já estava completo, traduzindo em francês e magnificamente ilustrada. É uma atenção que ficará para sempre no coração de toda França. (tradução nossa).

fotografia, lá se apresenta uma imagem. Essa imagem é o signo e o objeto dinâmico é aquilo que a foto capturou no ato da tomada a que a imagem na foto corresponde” (SANTAELLA, 2005, p. 15).

O livro é composto por belas, marcantes e intrigantes **IF**, porém três páginas prenderam-me por não só por instantes, mas por grandes momentos. Olhar, perceber, debruçar-me sobre os detalhes. Encontrar os ícones, índices e símbolos de cada uma delas foi tarefa prazerosa, todavia também uma empreitada intensa, pois o olhar científico nos traz responsabilidades muito além de meras descrições. A semiótica proporciona um caminho, um método para a análise das **IF**. Já a análise é fruto da minha percepção sobre o real, que por meio da minha consciência imaginante, o torna um objeto irreal:

De tal forma, uma imagem só pode ser produzida sobre um fundo de mundo, em relação ao mundo, a partir de determinada situação. Mesmo sendo negação do real, a consciência imaginante deve manter necessariamente uma relação com ele, já que toda imagem se constitui tendo a própria realidade como paradigma. (HOSTE, 2017, p. 43).

A construção do imaginário deu-se início quando ao folhear as 94 imagens de natureza da região, alcancei as **IF** que mais me chamavam a atenção na obra: as de índios e não índios da época. A primeira página escolhida a de número PL XCV⁷² é também a primeira página com pessoas no livro (imagem 06). Destaca-se aí seu grau de importância na obra e o porque tê-las escolhido como uma das páginas a serem analisadas. A **IF** superior traz uma família tradicional do Vale do Rio Branco. Todos são não-índios estão sentados e trajados para uma ocasião especial. Possivelmente, serem fotografados pelos expedicionários de Rice tenha sido uma honra para eles. A página escolhida inicia uma grande ruptura do contexto anterior só ocupado por **IF** de natureza e cidades ribeirinhas. Quis entender por que ele escolheu estas pessoas? O que teria levado Rice a escolher estas **IF** para estampar o início deste bloco de imagens apenas com índios e não-índios?

Os signos podem conter índices midiáticos, ou seja, serem efêmeros enquanto o ser que produz os significados existe, ou serem ícones da arte, “Um escritor, um pintor, um cineasta, ao contrário, tornam-se mais vivos depois de mortos. Essa é a diferença crucial entre os signos indiciais produzidos pela mídia e as obras de arte que são preservadas para a posteridade” (SANTAELLA 2005, p.107, 108). No caso da obra de Rice, apesar de conter índices eles não são midiáticos, e sim ícones da arte. Por isso que apesar da obra em 2021 completar 84 anos e

⁷² 95.

Hamilton Rice ter falecido, em 1956, sua obra, as **IF** ficaram a disposição da sociedade que o sucedeu.

Imagem 07: Família de fazendeiro e jovem com violão na rede.

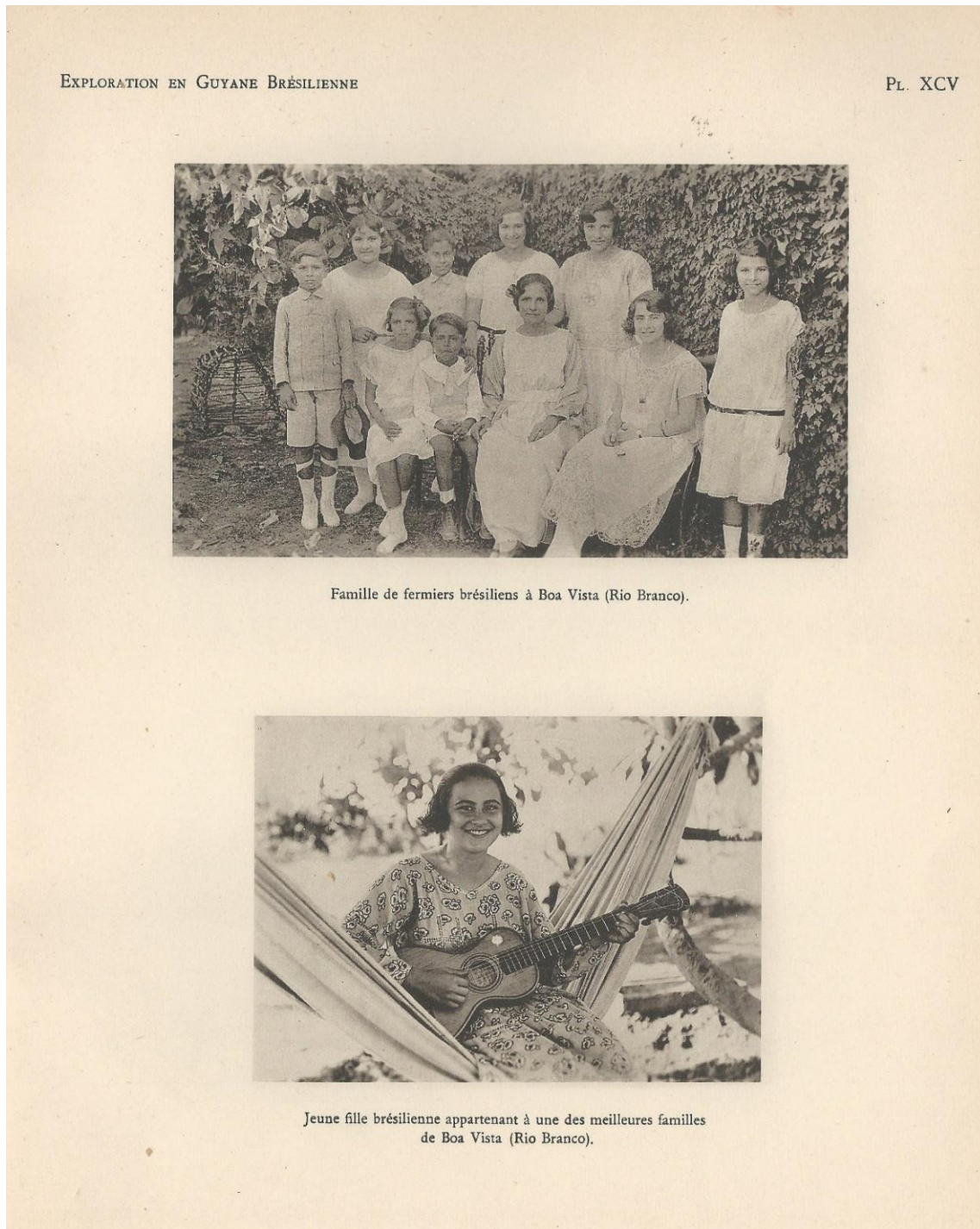


Imagem fotográfica: Composição de imagens na página XCV – Gramatura do papel: 200g. Dimensão da página: 27,5cm x 22cm. Mancha gráfica: 21cm x 18cm. Imagem na parte superior: *Famille de fermiers brésiliens à Boa Vista (Rio Branco)*. Impressão fotográfica: dimensão 13cm x 8cm, cor: tons de cinza amarelecido por ação do tempo; legenda em cor preta, fotógrafo: Albert Stevens. Imagem na parte inferior: *Jeune fille brésilienne appartenant à une des meilleures familles de Boa Vista (Rio Branco)*. Impressão fotográfica: dimensão 10,5 cm x 7,5 cm, cor: tons de cinza amarelecido por ação do tempo; legenda em cor preta, fotógrafo: Albert Stevens. Fonte: Exploration en Guyane Brésilienne. Rio Branco - Uraricuera - Parima. 1937. Acervo particular – Maurício Zouein

A página seguinte escolhida PL CVII⁷³ foi encontrada depois de uma sequência de **IF** com homens em embarcações durante travessias e também às margens dos rios. A **IF** destaca a força dos homens da expedição. Durante a viagem Hamilton Rice contratou 100 índios para compor sua equipe e alguns deles estão nesta **IF**. Seis índios e um não índio lutam para sobrepor a canoa até a margem do igarapé de Purá. As corredeiras foram muito enfatizadas por Rice como um dos locais mais difíceis para passar com as embarcações. A vegetação retorcida que caíra sobre o rio são provas da natureza selvagem e inóspita. Escolher esta página é uma forma de homenagear os homens audazes daquele tempo. Muitos que pagaram com suas vidas a conquista da expedição até a serra Parima:

En franchissant un mauvais passage l'avant du premier canot fut un moment lâché, je ne sais pourquoi, si bien que la position de l'arrière permit au courant de faire basculer et sombrer l'embarcation. On vit filer rapidement vers les tourbillons d'aval tout ce qui pouvait flotter, sacs à vêtements, boîtes de provisions et caisses d'essence, et tout aurait été perdu sans la présence d'esprit et la vivacité des Indiens qui sautèrent à la nage et empêchèrent le chargement. (RICE, 1937, p. 48)⁷⁴

A **IF** abaixo destaca-se pela grande quantidade de índios em frente a sua moradia: uma maloca. A mata fechada bem típica de onde encontram-se as comunidades indígenas. Mais característico ainda por se tratar do início do século XX quando não havia tantas devastações. Ali encontram-se 26 índios. É a **IF** com a maior quantidade de índios da edição. Nove homens, dez mulheres e sete crianças. Percebe-se no semblante de alguns indígenas um desconforto com olhares perdidos, mãos na cabeça, mãos na cintura e crianças encaixadas nas ancas das mães. Escolher esta página é reverenciar os povos nativos da região (Imagem 07) e que, por diversas vezes, retratados de maneira rude por Hamilton Rice, mas que auxiliou-os sobremaneira em toda jornada no Valle do Rio Branco como destacou na passagem acima.

⁷³ 107

⁷⁴ Ao cruzar uma passagem ruim, a frente do primeiro barco foi liberada por um momento, não sei por que, de modo que a posição da popa permitiu que a corrente tombasse e afundasse o barco. Tudo o que podia flutuar, sacos de roupas, caixas de provisões e caixas de gasolina, foi visto girando rapidamente em direção aos vórtices à jusante, e tudo teria se perdido sem a presença de espírito e a vivacidade dos índios que nadavam e apressavam a carga. (tradução nossa)

Imagem 08: Composição de imagens da Página PL CVII.

EXPLORATION EN GUYANE BRÉSILIENNE

PL. CVII



Le canot est hissé à bras d'hommes sur le rivage à hauteur de Pura



Indiens Shirianas devant leur malloca à l'igarape Linepenon.

Imagem fotográfica: Composição de imagens na página CVII – Gramatura do papel: 200g. Dimensão da página: 28cm x 22cm. Mancha gráfica: 20cm x 18cm. Imagem na parte superior: *Le canot est hissé à bras d'hommes sur le rivage à hauteur de Pura*. Impressão fotográfica: dimensão 13cm x 8cm, cor: tons de cinza amarelecido por ação do tempo; legenda em cor preta, fotógrafo: Albert Stevens. Imagem na parte inferior: *Shirianas devant leur maloca à l'igarape Linepenon*. Impressão fotográfica: dimensão 13cm x 8cm, cor: tons de cinza amarelecido por ação do tempo; legenda em cor preta, fotógrafo: Albert Stevens. Fonte: Exploration en Guyane Brésilienne. Rio Branco - Uraricuera - Parima. 1937. Coleção particular – Maurício Zouein.

A terceira página PL CXXXII⁷⁵ selecionada para análise é uma das últimas do livro. Chegar até ela depois de perceber a importância depositada ao não índio na obra, e ao mesmo tempo a presença e o auxílio marcante dos índios durante toda expedição foi sentir um aperto no peito misturado a uma inspiração. A **IF** inferior e a única na vertical entre as **IF** selecionadas é composta por 4 histórias centrais, apesar de Rice só destacar as mulheres nesta imagem. Ela foi a primeira **IF** que me chamou atenção nesta página. Possivelmente, a foto mais marcante para mim. E a que mais tempo passei percebendo, não intencionalmente, mas por uma proximidade maternal. A **IF** acima compõe diversas crianças em instantes de descontração e curiosidade ao redor de um não-índio. Mais uma vez a pureza da criança acertou-me o coração.

O formato da página com uma **IF** abaixo (imagem 08) e uma na horizontal acima traz a impressão visual de um tronco e sua cabeça. Onde acima estão a inocência juvenil e no corpo a rigidez e a dureza da vida. Quiçá esta seja a melhor de forma de vivermos? Com sonhos vívidos da fase pueril, mas também com a força e a coragem de um adulto pronto para qualquer batalha.

⁷⁵ 127

Imagem 09: Índios da Tribo Makú e Maiongongue.

EXPLORATION EN GUYANE BRÉSILIENNE

Pl. CXXXII



Enfants de tribu Makú à Tokixima.



Femmes de tribu Mayongong.

Imagem fotográfica: índios da tribo Makú e Maiongongue da página CXXXII – Gramatura do papel: 200g. Dimensão da página: 28cm x 22cm. Mancha gráfica: 20cm x 18cm Imagem na parte superior: *Enfants de tribu Makú à Tokixima*. Impressão fotográfica: dimensões: 13cm x 8cm (Superior) cor: tons de cinza amarelecido por ação do tempo; legenda em cor preta, fotógrafo: Albert Stevens. Imagem na parte inferior: *Femmes de tribu Mayongong*. Impressão fotográfica: 8cm x 13cm, cor: tons de cinza amarelecido por ação do tempo; legenda em cor preta, fotógrafo: Albert Stevens. Fonte: *Exploration en Guyane Brésilienne*. Rio Branco - Uraricuera - Parima. 1937. Coleção particular – Maurício Zouein.

4.2.2. Objeto imediato

A forma como cada página se apresentou para mim é a ação do objeto imediato. Logo que peguei o livro transbordaram em mim uma série de sensações e sentimentos. O medo de que algo pudesse acontecer a obra tão rara, o receio de não estar intelectualmente à altura deste desafio, mas também a satisfação e alegria de poder trabalhar com uma obra em língua francesa a qual deposito um sincero apreço.

Na passagem dos dedos em cada página apreciei com contentamento e surpresa tão belas e preciosas **IF**. Quando cheguei na primeira página com **IF** onde se encontravam moradores da região foi como tentar entrar num túnel com passagem para o passado. Mirar aquelas pessoas com jeito próprio do século passado, roupas, cabelos, as condições naturais suscitaram em mim sentimentos de afeição, admiração, respeito, compaixão. Esforcei-me para imaginar como eram aquelas pessoas de fato, suas vidas. Porém a **IF** nos indicia uma parte, mas não o todo:

Objeto imediato do índice é a maneira como o índice é capaz de indicar aquele outro existente, seu objeto dinâmico, com o qual ele mantém uma conexão existencial. Para que a imagem da montanha possa estar, de algum modo, na foto, houve uma conexão de fato entre a montanha e a foto. Mas a foto não é a montanha, apenas a indica dentro de certos limites que são próprios da fotografia. Esse recorte específico que a foto faz do objeto fotografado é o objeto imediato. (SANTELLA, 2005, p. 19)

Portanto, sabemos que só podemos ter acesso a uma parte do que o objeto imediato nas **IF** nos remete. Algumas reflexões me ajudaram a perceber as **IF**. Se nos dias de hoje não é fácil viver em um mundo com tantas adversidades, escassez de recursos para todos, atendimentos médicos, a garantia dos direitos fundamentais, como seria viver em 1924/25, no Valo do Rio Branco? Esta mesma terra por onde eu caminho, vivo, cresço, trabalho, crio meus filhos. Estivemos nos mesmos lugares? Posso ter cruzado a mesma rua? Ou navegado pelos mesmos rios que aquela gente? Além destas sensações e sentimentos que hoje podemos analisar por meio da semiótica, meu imaginário viajou no século passado e tentou buscar toda minha bagagem para examinar tais **IF**.

As três páginas escolhidas apresentam algo muito próprio em si. Para mim não é possível apreender o momento das **IF**. A temperatura, os gostos, os sons, o estado de saúde de cada um, problemas que enfrentavam, alegrias, angústias. O que podemos considerar é o o que cada **IF** representa. Para mim, para você leitor. A página XCV representou na primeira percepção uma vantagem. Índices de que os não-índios tinham privilégio aos olhos de Rice. A família de fazendeiros logo acima. Todos bem trajados, mesmo habitando numa terra tão

longínqua como o Vale do Rio Branco. O sorriso no rosto um ícone de satisfação, assemelhando um bem-estar por serem fotografados pela expedição americana.

A disposição das **IF** da primeira página proporciona um direcionamento do olhar do leitor. Naturalmente olhamos as imagens, letras, entre outros elementos, em formato de um triângulo invertido.

Portanto, olhamos automaticamente o menino na **IF** acima, depois a menina da outra ponta, e, então desço para a jovem na rede. Porém, a composição da imagem da rede em que a jovem está sentada, em formato de V por conta dos punhos, nos faz fixar o olhar nela. Pois, nos chama atenção para aquilo que é instantâneo em nosso cérebro que é a forma deste triângulo invertido.

A **IF** inferior uma jovem que me encantou pela doçura. Declarada por Rice como um jovem das melhores famílias de Boa Vista, rapidamente pensei: o que seria melhor família para ele? Naquele tempo? Em uma situação de expedição? Em uma cultura tão diferente da dele?

Estas respostas não teremos, todavia, a **IF** representa um situação de relaxamento próprio de quem não passava por grandes dificuldades, uma intimidade com as lentes do fotógrafo, talvez já ter sido fotografada em outro momento, e índices de uma situação financeira confortável, representada no vestiário e na artefato musical.

Quando Rice decidiu estampar as **IF** citadas na primeira página com pessoas locais, estas **IF** percebidas por nós agem na nossa consciência criando outros objetos, ou seja, objeto irrealis. A jovem sentada na rede não é a mesma do meu imaginário, nem possivelmente, a do imaginário de um outro observador:

Quer dizer, mesmo em obras que figuram algo realmente existente, o intuito do artista não é simplesmente o de imitar o real, mas sim de criar um objeto novo, um objeto irreal. Os elementos de uma obra de arte sempre se impõem como objetos irrealis, a diferença é que na arte abstrata esses objetos não utilizam figuras reais para se mostrar, mas se manifestam como. (Hoste, 2017, p. 46-47)

A página CVII foi percebida com um misto de admiração e dúvida. Na **IF** superior a força indiciada pelos homens na luta contra a correnteza, ocasionou-me também um símbolo de servidão naquela época. E a hesitação perante a **IF** da parte inferior com inúmeros índios reunidos em um só clique.

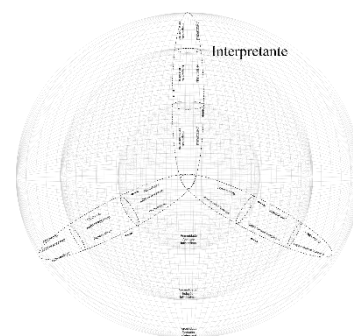
Como teriam conseguido este flagrante? Se é que foi um flagrante? A possível recusa para empreenderem as câmeras perante a comunidade? O próprio explorador relatou em seu diário a aversão dos índios pelas lentes.

Au camp, ils se mirent incontinent à tout examiner, la cuisine, le logement des hommes (des Blancs comme des Indiens), le dîner en train de cuire, les armes à feu, les instruments de pêche, les vêtements, tout enfin, sauf les appareils photographiques dont ils paraissaient avoir une sainte horreur⁷⁶ (Rice, 1937, p.78)

Na última página escolhida encontram-se dois fatores que indiciam algo presente em minha realidade. A pureza da infância e a força da mulher. Não contive a curiosidade em refletir o que se passava naquela cena. Na **IF** superior da página quem seria o não índio sentado? Estava contando algo? Em que língua? Como eles se entendiam? Talvez apenas mostrasse algo que trouxera na viagem para os atentos meninos e meninas.

E na parte inferior da página encontrei a forte representação construída em meu imaginário. A matriarca sofrida, indícios de uma vida áspera nestes rincões do país. Ela, possivelmente, batalhara a vida toda pela união, aprendizados e bem-estar da família. O homem zeloso com o bebê ao colo, com um olhar atroz acaricia sua prole, mais espreita o inimigo. E por fim a jovem guerreira, com marcas das batalhas diárias no corpo, olhar destemido e a força de quem está pronta para lutar quando preciso.

4.3 INTERPRETANTE



4.3.1 Interpretante Imediato

Para compreender a obra de Hamilton Rice, perceber as páginas com as **IF** de índios e não índios foi necessário um processo de interpretação imediata destes objetos. Trata-se de algo instantâneo, de fato imediato. O livro era um novo universo que se abria naquele instante. Imediatamente sabia que se tratava de uma obra rara, octogenária pelo seu ano de publicação, e a partir disso buscar entender este mundo desconhecido. Compreendia que havia não índios pela cor da pele, traços corporais, trajes. Da mesma forma sabia que havia índios nas **IF**. As vestes, pigmentação no corpo, adereços, gestos, forma de carregar os filhos eram perceptíveis que se tratava de integrantes das comunidades indígenas brasileiras. Interpretações alcançadas

⁷⁶No acampamento, eles imediatamente começaram a examinar tudo, a cozinha, o alojamento dos homens (brancos e índios), o jantar, as armas de fogo, os instrumentos de pesca, as roupas, tudo de fato, exceto as câmeras das quais eles pareciam ter um horror sagrado. (tradução nossa)

apenas com o potencial do signo, não sua totalidade: “Sendo interno ao signo, esse interpretante fica no nível das possibilidades, apenas latente, à espera de uma mente interpretadora que venha efetivar, no nível logicamente subsequente, o do interpretante dinâmico ou atual, algumas dessas possibilidades.” (SANTAELLA, 2005, p. 38)

Toda esta interpretação é possível por meio da minha bagagem intelectual, cultural, social, familiar construída ao longo dos anos. Em razão delas consegui perceber e logicamente saber do que se tratavam. Porém, ao mesmo tempo surgia em minha mente numa fase de Primeiridade os seguintes sentimentos e sensações: dúvidas, incertezas, curiosidades, admiração, respeito em todo e todo aquele cenário e pessoas.

Ao passo que numa ação de Secundidade passei a racionalizar quem poderiam ser os personagens, as histórias, por meio dos índices presentes nas **IF**. E por fim, na etapa de Terceiridade interpretei os símbolos presentes como o avanço científico que foi para época esta expedição, a condição de comunidades ditas como selvagens presentes nas **IF** e a utilização de meio de captação de instantes que é a fotografia e com isso construiria toda história de uma época.

4.3.2 Interpretante Dinâmico

Do momento que eu vislumbrei pela primeira vez cada página até, hoje, quando vos escrevo foi necessário passar por um processo de construção mental. O esforço intelectual foi duro para quem estava tanto tempo longe da Universidade e das leituras acadêmicas. Cada novo livro teórico que pus-me a ler fez parte desta construção que resulta agora nestas páginas escritas. E a fusão de saberes me auxilia quando percebo em cada novo instante as **IF**.

Interpretar os objetos em estudo que são as **IF** das páginas descritas foi um processo de ressignificação. O empenho em decifrar as **IF** escolhidas custou-me quase dois de estudos direcionados ao tema, fora os saberes já construídos em minha essência durante todos estes anos de vida. Para chegar ao Interpretante Dinâmico Santella (2005, p. 40), explica que são necessários 3 níveis:

Os níveis interpretativos efetivos distribuem-se em três camadas: a camada emocional, ou seja, as qualidades de sentimento e a emoção que o signo é capaz de produzir em nós; a camada energética, quando o signo nos impele a uma ação física

ou puramente mental; e a camada lógica, está a mais importante quando o signo visa produzir cognição.

E para chegar ao nível da cognição foi preciso além da percepção das **IF**, adquirir conhecimento técnico, histórico, cultural e social daquela época. Sinto-me, hoje, ao perceber as **IF** como uma estudante de arte olha um quadro de um artista. Ao primeiro olhar muitas dúvidas, uma visão turva dos objetos, desfocada para aquilo que realmente representava aquele instante. Conhecer um pouco mais sobre o mundo naquele momento trouxe um vigor científico para escrever estas laudas.

4.3.3 Interpretante Final

Os processos que envolvem a construção de sentidos e significações, a semiose, acontecem tão rapidamente em nossa mente que não temos consciência deles. Porém quando paramos, observamos, percebemos e refletimos sobre todas as etapas podemos edificar como saímos de um e chegamos a outro. Desde o momento em que tive acesso a obra primária *Exploration en Guyane Bresilienne*, até este momento que escrevo as últimas laudas da dissertação realizei uma viagem científica graças ao Interpretante Final. Nesta etapa da semiose decidi investigar todos aspectos ligados as **IF** da obra de Rice para que pudesse entender mais sobre aquela fase no mundo, no Brasil e no Vale do Rio Branco. Quem eram aquelas pessoas? Por que estavam ali? Como viviam? Por que eram denominados como tal nas legendas no diário de bordo de Rice?

Descobrir o planejamento da expedição, um pouco da sua história, dos seus fotógrafos, ler todo seu diário de bordo antes de perceber mais profundamente cada **IF**, foram fatores essenciais e decisivos para a percepção das **IF**. Não é intenção dizer que percebo a representação completa de cada instante clicado, pois esta tarefa creio que não seja possível. Nem para mim, nem outro pesquisador. Saber o que de fato acontecia naqueles segundos, fica a cargo de quem o vivenciou. Mas, cabe a nós pesquisadores entender por meio do saber científico como os aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos da época nos auxiliam a nos aproximar de cada representação das **IF**.

A minha essência e consciência possibilitou realizar esta análise. Diferentes pesquisadores fariam ou farão outras percepções. E esta é a beleza da ciência. Auxiliar cada um

de nós partindo de nossos saberes a entender o mundo com uma visão própria e única, e saber que o interpretante de um objeto não chegará a um fim.

Por isso mesmo, o interpretante final é um interpretante em aberto. Por estarem no mundo, por fazerem parte dos desígnios da vida, os efeitos que os signos poderão porventura produzir no seu devir são tão enigmáticos quanto o próprio desenrolar da vida. (SANTAELLA, 2005, p. 97)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo com a pesquisa foi compreender as **IF** das páginas XCV, CVII e CXXXII, seus significados e o que elas representam por meio de uma percepção a partir da semiótica peirceana. Vamos pensar cada uma das **IF** separadamente.

Detalhamos a obra, analisamos e percorremos as páginas selecionadas, e por fim explicitaremos o entendimento sobre as **IF**, e o que representam considerando o tempo, a história, a cultura e a sociedade.

Quando olhei a página XCV a primeira **IF** que me chamou a atenção foi a de uma bela moça, cativante sorriso, um violão, uma rede. Como já explicado no objeto imediato a composição da rede na imagem dando o formato visual em V auxilia o olhar a fixar ali nossa atenção.

Mulher, jovem e sorridente. O fato de ser não-índia deram-me a sensação de semelhanças com a jovem da **IF**. Porém, a legenda da **IF** surpreendeu-me desde a primeira leitura, por acreditar ter uma conotação preconceituosa com as demais famílias, ou jovens da época, sendo elas índias ou não.

Na obra a jovem é descrita na legenda da **IF**: “Jeune fille brésilienne appartenant à une des meilleures familles de Boa Vista (Rio Branco)” (RICE, 1937, p. PL XCV)⁷⁷, ou seja, uma moça de umas das melhores famílias de Boa Vista. O que indicia nestas imagens ela ser de umas das melhores famílias?

No texto do diário de bordo encontramos que para ele os não-índios são civilizados, usam bons trajes e tem uma moralidade diferente das comunidades indígenas descritas como selvagens, talvez aí esteja a nossa resposta:

L'influence des Sœurs et des Pères Bénédictins résidant à Boa Vista est réelle dans les relations sociales et familiales, car le degré de moralité est élevé; la population blanche et les « Mamelucos » sont vraiment des civilisés. On le remarque à leurs vêtements, leurs manières, leur amabilité, qualités qui ne sont pas l'apanage habituel des communautés sauvages⁷⁸. (RICE, 1937, p. 26)

⁷⁷ Menina brasileira pertencente a uma das melhores famílias de Boa Vista (Rio Branco) (tradução nossa).

⁷⁸ A influência das Irmãs e Padres Beneditinos residentes em Boa Vista é real nas relações sociais e familiares porque o grau de a moralidade é elevada; a população branca e os "mamelucos" são pessoas realmente civilizadas. Você pode ver isso em suas roupas, suas maneiras, sua simpatia, qualidades que não são prerrogativas usuais de comunidades selvagens. (tradução nossa)

Imagem 10 - Menina brasileira.



Jeune fille brésilienne appartenant à une des meilleures familles de Boa Vista (Rio Branco).

Imagem fotográfica: *Jeune fille brésilienne appartenant à une des meilleures familles de Boa Vista (Rio Branco)*. Detalhe inferior da página XCV – Gramatura do papel: 200g. Impressão fotográfica: dimensão 10,5 cm x 7,5 cm, cor: tons de cinza amarelecido por ação do tempo; legenda em cor preta, fotógrafo: Albert Stevens. Fonte: *Exploration en Guyane Brésilienne*. Rio Branco - Uraricuera - Parima. 1937. Acervo particular – Maurício Zouein

Ao usar o adjetivo “melhores” na legenda e que possui uma considerável força lexical por separar o que é melhor do que é pior. Determina o que é bom em oposição ao que é ruim. Desta forma Rice ratifica na legenda o teor preconceituoso e rude com os povos indígenas em suas descrições. Não estamos aqui para julgar o mérito da questão, nem as motivações de Rice, porém o olhar científico nos faz refletir sobre a validação destes termos. E o caminho da análise, apesar de falível, nos faz perceber as nuances de todos os personagens da **IF** buscando sempre uma percepção mais equânime com cada realidade e cultura.

A postura leve ao sentar-se, alegre mirando as lentes do fotógrafo, cabelos bem aparados e presos com penteado, pernas unidas típicas das mulheres consideradas civilizadas no séc. XX, contrasta com a atitude rígida, fechada e quem sabe sofrida da índia Maiogongue da **IF** da

página CXXXII. Duas jovens, duas mulheres, num mesmo período histórico, mesma região. Porém, com culturas, história, vida familiar, social e financeira bem distintas como podemos perceber.

A **IF** na vertical é composta por duas mulheres, um homem e um bebê, apesar da legenda de Rice afirmar: *Femmes de tribu Mayongong*. Para ele, possivelmente, o homem com o bebê no colo em segundo plano é descartado da **IF**. Contudo, à nossa percepção soa como uma surpresa agradável aos olhos e ao coração.

Numa sociedade patriarcal ainda machista, onde mulheres são expostas a violência doméstica, recebem salários menores e vivem, diariamente, sob o olhar crítico da sociedade por trabalhar e estudar e deixar os filhos em casa; ter um homem com um bebê no colo, enquanto a jovem posa em primeiro plano em forte atitude é sim um alento.

São quatro expressões extremamente marcantes. A sensação sentida é de luta e bravura destas mulheres que cuidavam de suas casas e filhos e trabalhavam na roça para o sustento da maioria. A artefato de pano usado pelas índias para carregarem seus filhos, se assemelha como um ícone, a uma ‘capa de super-heroína’⁷⁹; também índice de coragem e força das mulheres amazônicas.

A índia matriarca que está disposta em pé; olhar sofrido, pele enrugada, sol forte sobre a face franzida representa o símbolo da cultura indígena milenar. A jovem com olhar audaz, lábios cerrados, seio jovem, abdômen proeminente, pé esquerdo desforme, e braços cruzados numa posição de defesa nos geram signos de força e coragem.

O homem disposto logo atrás lança um olhar desconfiado, rolo de tabaco aos lábios, segura um bebê em suas ancas, fazendo emergir índices de que os homens também acalentavam seus filhos. O quarto e doce personagem espia fixo e delicadamente as lentes do fotógrafo, enquanto desperta-me as categorias de Primeiridade e Secundidade: o apreço e a vontade de tomá-lo no colo e fazer-lhe um carinho.

⁷⁹ Grifo nosso.

Imagem 11: Índios Maiogongue.



Femmes de tribu Mayongong.

Imagem Fotográfica: *Femmes de tribu Mayongong*. Impressão fotográfica: 8cm x 13cm, cor: tons de cinza amarelecido por ação do tempo; legenda em cor preta, fotógrafo: Albert Stevens. Fonte: *Exploration en Guyane Brésilienne*. Rio Branco - Uraricuera - Parima. 1937. Acervo particular – Maurício Zouein

Na obra Rice (1937, p. 66) descreve as mulheres maiogongue de maneira depreciativa: *Les fenunes étaient sans grâce et maussades: cheveux tondus allure trapue, membres épais, lourds et mornes visages.*⁸⁰, em oposição a forma como descreveu na legenda e no texto do diário de bordo como eram as famílias civilizadas: as melhores famílias.

Imagem 12: integrantes de uma família de fazendeiros.



Famille de fermiers brésiliens à Boa Vista (Rio Branco).

Imagem fotográfica: *Famille de fermiers brésiliens à Boa Vista (Rio Branco).* Detalhe superior da página XCV – Gramatura do papel: 200g. Impressão fotográfica: dimensão 13cm x 8cm, cor: tons de cinza amarelecido por ação do tempo; legenda em cor preta, fotógrafo: Albert Stevens. . Fonte: *Exploration en Guyane Brésilienne*. Rio Branco - Uraricuera - Parima. 1937. Acervo particular – Maurício Zouein

⁸⁰ As mulheres era sem graça e grosseiras: seus cabelos eram cortados, membros atarracados, grossos e pesados e rostos desolados.

A **IF** superior da página XCV está disposta uma família. Rice os descreve com uma família de fazendeiros. Ver uma **IF** com uma família despertam sensações como nostalgia, curiosidade em saber quem eram aquelas pessoas, e ao mesmo tempo um sentimento de pertencimento, pois o padrão daquela família se assemelha a de grande parte de todos nós. Meus pais têm fotografias semelhantes com esta **IF**. Assim sendo, ela além de nos indicar ser uma família, ela assume a iconicidade de um vínculo ainda que distante.

Os aspectos simbólicos são percebidos quando vejo que se trata de: não-índios. Estão com roupas, estilos da época e possuem pele clara. Rice (1937, p 26) chegou citar ter se hospedado em uma bela casa enquanto esteve em Boa Vista, “Pendant la période du séjour à Boa Vista (fin octobre-début décembre), la mission fut logée dans une grande maison confortable, [...]”⁸¹. Poderia esta ser a mesma residência desta família da **IF**? Daí a honraria de serem as primeiras pessoas a aparecerem na obra? Seria uma forma de Rice agradecer a gentileza?

Outro aspecto percebido na **IF** e a ausência do pai. Estaria ele também em missão? No trabalho da fazenda? Já havia falecido? O que percebemos é a figura forte da mãe numa sociedade em que o homem é o contorno central das famílias desde a colonização.

É notável também a intimidade e alegria ao pousarem para as lentes do fotógrafo. Realidade bem diferente descrita por enquanto andavam nas aldeias e registravam índios e índias:

Nos nouvelles connaissances restaient en effet rebelles à toute nouvelle avance sur leur sentier, ainsi qu'à l'emploi de l'appareil photographique porté par Santos. Leurs désirs furent respectés scrupuleusement, avec l'espoir que leur confiance une fois conquise, ils ne verraient plus d'inconvénients à nous laisser photographier et aller et venir.⁸² (Rice, 1937, p. 77)

⁸¹ Durante o período de permanência em Boa Vista (final de outubro a início de dezembro), a missão ficou hospedada em uma grande e confortável casa [...]. (tradução nossa)

⁸² Nossos novos conhecidos permaneceram realmente rebeldes a qualquer novo avançar em seu caminho, bem como o uso da câmera usado por Santos. Seus desejos foram escrupulosamente respeitados, com a esperança de que, uma vez que sua confiança fosse conquistada, eles não veriam mais inconveniente para nos deixar fotografar e ir e vir. (tradução nossa)

Imagem 13: índios Xirianas em frente a maloca.



Imagem fotográfica: *Shirianas devant leur maloca à l'igarape Linepenon*. Detalhes da página CVII. Impressão fotográfica: dimensão 13cm x 8cm, cor: tons de cinza amarelecido por ação do tempo; legenda em cor preta, fotógrafo: Silvino Santos. Fonte: *Exploration en Guyane Brésilienne*. Rio Branco - Uraricuera - Parima. 1937. Acervo particular – Maurício Zouein

Imaginamos como fora difícil portanto flagrar este momento com considerável número de índios, índias e crianças. Ao todo somam 26 pessoas, todos juntos diante sua moradia. As palavras de Rice construíram um imaginário com severas dificuldades para a apreensão das **IF**. Deste modo ao primeiro olhar minha consciência imaginante confrontou-se com este objeto. E logo veio-me a questão: eles estavam ali posando para a fotografia ou realmente tinham o costume de se posicionarem daquele jeito em um semi- círculo? Observem que eles não olham para o fotógrafo. Talvez estivessem em um momento de contato inicial com os expedicionários e Silvino Santos conseguira este flagrante. Dentre as escolhidas por Rice para a obra é a única com uma grande quantidade de índios. Este foi um dos motivadores para a escolha da **IF** acima. Mas, também para traçarmos mais um paralelo. Ou melhor uma polarização?

Logo em seguida da página XCV com a família de fazendeiros, Rice estampa nas páginas seguintes: XCVI uma família de seringueiro e balateiro, com os criados indígenas;

XCVII família de colonos brasileiros no Uraricoera; e nove páginas depois a **IF** com a ‘família’ de índios xirianas. Entretanto, Rice não a classifica como família. Apenas descreve que são índios da tribo xiriana em frente a sua maloca. Possivelmente nem todos sejam da mesma família. Ou seriam? Mas fica claro que Rice não teve a preocupação em registrar este modelo de família, ou pelo menos destacar na legenda. Hamilton fez menção ao encontro com os índios xirianas com desdém:

Il y avait là quelque cinquante individus, dont un tiers de femmes courtes et solides, toutes avec de très jeunes enfants, dont l'un n'avait que quelques semaines. Toutes étaient ignobles, et leur entassement n'était pas beau à voir⁸³. (RICE, 1937, p. 60)

O autor destacou mais uma vez a dificuldade de emprenderem as **IF**.

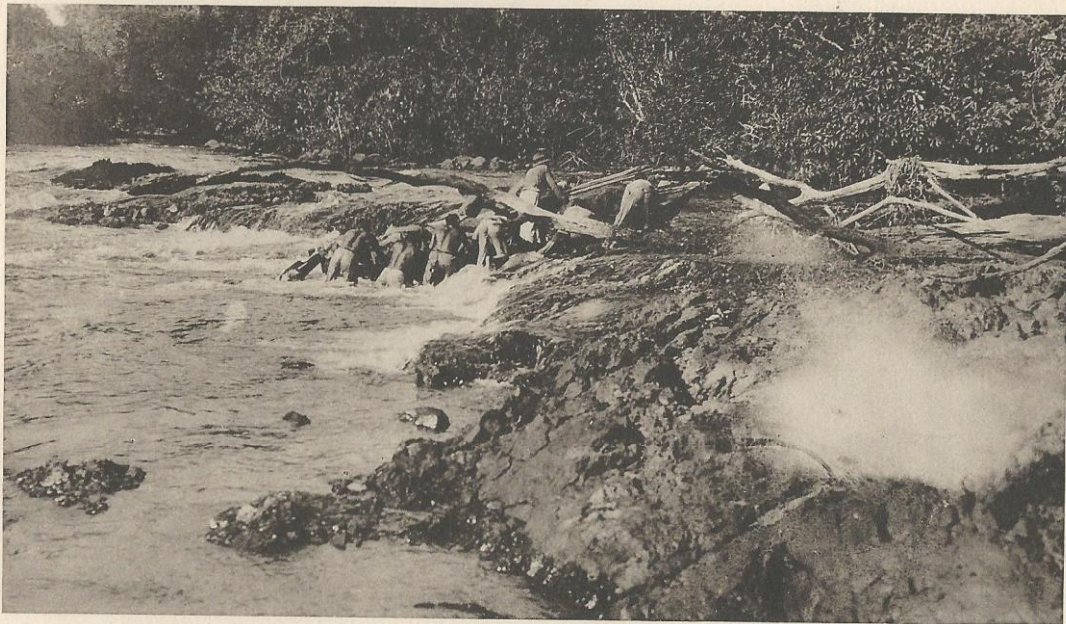
tous trois restèrent jusqu'à la tombée de la nuit, examinant tout, se soumettant volontiers aux mensurations et acceptant qu'on leur coupe des mèches de cheveux ; mais ils s'entêtèrent en un refus énergique de se laisser photographier et déjouèrent toutes nos tentatives de les prendre au vol.⁸⁴ (RICE, 1937, p 79)

Portanto, claramente, percebe-se a refuta dos índios em serem registrados e o despreço de Rice pela forma de viver, aparência, cultura dos índios que conheceu. Não são unanimemente negativas as declarações do autor. Em algumas passagens ele reconhece a dificuldade de vida desta gente e sua bravura ao viver na selva. No entanto, percebemos em trechos da obra um esmero e apreço pelos não-índios em contraposição aos índios. Foi notado também que esta mesma **IF** que designa os índios como Xirianas na página CVII, é repetida na página CXXXI declarando que são índios Macus. Além de deixar o leitor em dúvida de que aldeia se tratam na verdade os índios da **IF**, demonstra a falta de apuro na seleção de **IF** dos índios.

⁸³ Havia cerca de cinquenta indivíduos lá, um terço deles mulheres baixas e robustas, todas com filhos muito pequenos, um dos quais tinha apenas algumas semanas de idade. Todos eram desprezíveis e sua aglomeração não era uma visão bonita. (tradução nossa)

⁸⁴Os três ficaram até o anoitecer, examinando tudo, submetendo-se de boa vontade às medidas e concordando em cortar as mechas dos cabelos; mas eles persistiram em uma recusa enérgica de serem fotografados e frustraram todas as nossas tentativas de pegá-los em flagrante. (tradução nossa)

Imagem 14: Canoa içada por homens na costa alta do Pura.



Le canot est hissé à bras d'hommes sur le rivage à hauteur de Pura

Imagem fotográfica: *Le canot est hissé à bras d'hommes sur le rivage à hauteur de Pura*. Detalhe da página CVII – Gramatura do papel: 200g. Dimensão da página: 28cm x 22cm. Mancha gráfica: 20cm x 18cm. Impressão fotográfica: dimensão 13cm x 8cm, cor: tons de cinza amarelado por ação do tempo; legenda em cor preta, fotógrafo: Albert Stevens. Fonte: *Exploration en Guyane Brésilienne. Rio Branco - Uraricuera - Parima. 1937*. Acervo particular – Maurício Zouein

A **IF** superior da página CVII temos um impressionante flagrante. Uma corrente de seis homens busca vencer a correnteza de um rio. Percebemos a força da natureza e a dos homens indígenas que conseguiram içar uma canoa até as margens mesmo com toda dificuldade que a correnteza lhes infligia. Escolher a **IF** acima é uma forma de buscar representar todo esforço e coragem dos índios que acompanharam a expedição de Hamilton Rice.

Imaginamos como eles conseguiram vencer tantos obstáculos subindo o rio Negro, passando pelo Branco e chegando até o objetivo de Rice a Serra Parima? É certo que o objeto irreal, ou seja, a imagem criada por mim não é a da **IF**, nem mesmo a cena real daqueles instantes, minutos ou horas. Não sabemos... Porém, é por meio desta construção de imaginários que podemos desvendar as representações contidas numa **IF**. Ou pelo menos se aproximar do que vivenciado ali. Rice (1937, p.64) citou o entusiasmo dos homens que os auxiliaram na

expedição. *Les Makûs étaient beaucoup plus coulants et plus agréables à manier, raisonnables et prêts a des concessions réciproques; à coup sûr honnêtes, vifs, et bons travailleurs.*⁸⁵.

Imagem 15: Crianças Macús reunidas.

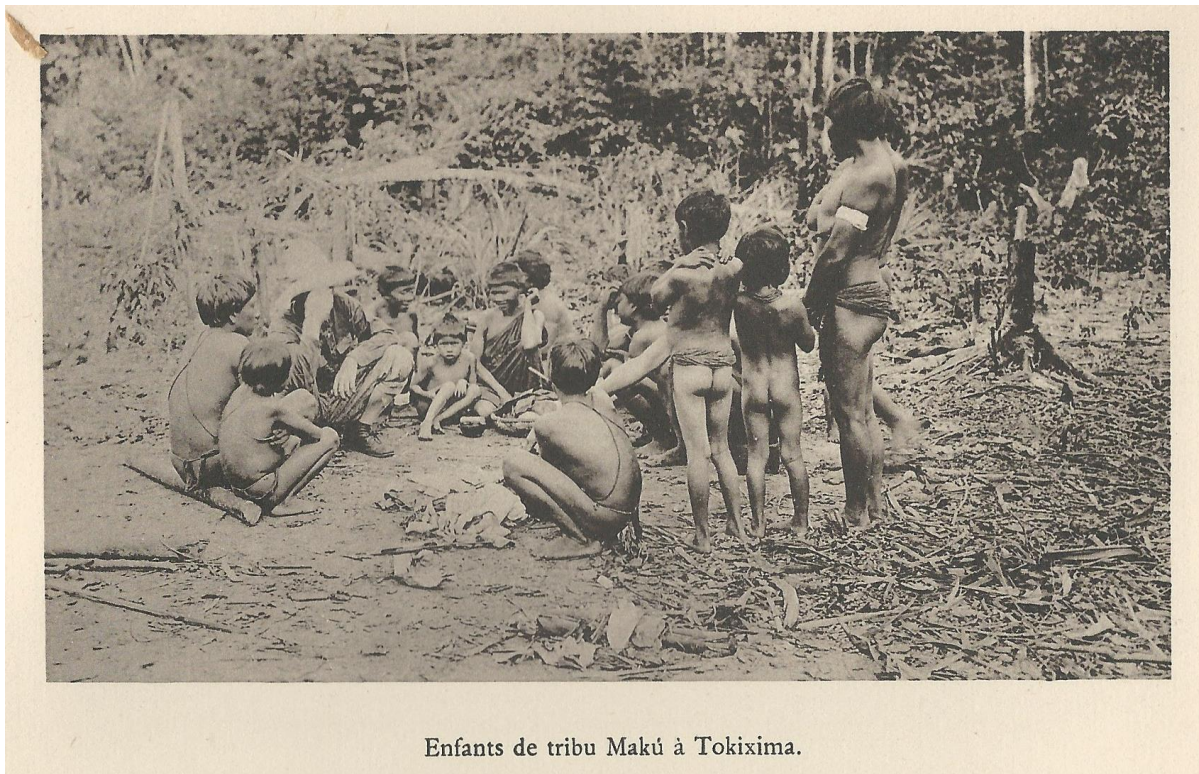


Imagem fotográfica: *Enfants de tribu Makú à Takixima*. Detalhe da página CXXXII – Gramatura do papel: 200g. Dimensão da página: 28cm x 22cm. Mancha gráfica: 20cm x 18cm. Impressão fotográfica: 13cm x 8cm, cor: tons de cinza amarelado por ação do tempo; legenda em cor preta, fotógrafo: Albert Stevens. Fonte: *Exploration en Guyane Brésilienne*. Rio Branco - Uraricuera - Parima. 1937. Acervo particular – Maurício Zouein

A **IF** acima da página CXXXII nos traz a oposição a força e a coragem. Treze pessoas estão reunidas numa provável conversa amigável entre um não-índio e os demais índios. Adultos, adolescentes e crianças juntos em torno de uma mesma condição. A posição sentado ao chão do adulto não-índio demonstra uma entrega de tempo, atenção e possivelmente uma descontração. Uma **IF** que os traz sensações de leveza, simplicidade, relaxamento.

A selva é o cenário e a cortesia a um dos expedicionários desperta a curiosidade sobre o que conversavam e riam. A **IF** é um flagrante de um momento de extroversão, onde apenas um pequeno Macú que olha para as lentes do fotografo. Nesta **IF** Rice também desconsidera os demais personagens e destaca apenas as crianças na legenda. Os personagens infantis estão em

⁸⁵ Os Makûs eram muito mais fluidos e mais agradáveis de manejar, razoáveis e prontos para concessões recíprocas; certamente trabalhadores honestos, animados e bons

27 das 81 **IF** com índios e não-índios do livro. O que pode demonstrar um apreço do autor pelo universo juvenil.

Nosso objetivo com essa pesquisa foi analisar o Signo **IF** dentro das páginas do livro *Exploration en Guyane Brésilienne*, compreendido como conjunto de ícones, índices e símbolos que são projetados em nossa mente e perceber como índios e não-índios representavam os povos do Vale do Rio Branco, neste período.

Para tanto, empregamos o edifício filosófico da Teoria da Imagem de Jean Paul Sartre e a Semiótica de Charles Sanders Peirce. Na análise empreendida percebemos que o índio fora representado nas **IF** escolhidas como um povo rude e selvagem, abandonado à própria sorte, enquanto os não-índios como detentores de boas qualidades morais muito devido ao convívio com os clérigos da época. Ficou demonstrado também a preferência em registrar as **IF** dos não-índios pela escolha das primeiras páginas no livro de Rice. Observamos ainda a falta de cuidado com as **IF** dos índios e até uma insistência em registrá-los, quando os mesmos não desejavam.

A partir das **IF** cultivamos índices, ícones e símbolos frutos da nossa consciência imaginante, e que só pode ser produzida por meio das nossas essências e vivências anteriores. Por fim estas experiências determinam como percebemos o objeto semiótico (dinâmico e imediato) que, por sua vez, coloca numa relação triádica o interpretante e o signo. Ou seja, perceber as **IF** é um caminho único, próprio e recompensador a cada descoberta. Ao fim, nossos votos é que mais **IF** da obra ainda sejam objeto de análise por outros pesquisadores e nos tragam à tona diversas reflexões.

Ao longo da obra Rice fez considerações desabonadoras em relação aos povos indígenas, contudo vamos finalizar nossa pesquisa com este trecho em que ele mesmo reflete sobre as necessidades e desamparo dos índios, inclusive citando a educação precoce dos pequenos..

L'Indien, abandonné seul au milieu des solitudes, peut non seulement survivre et se procurer tout ce qui est nécessaire à son existence, se protéger des animaux sauvages, endurer toutes les privations, mais encore affronter et tourner à son avantage toute éventualité qu'un blanc ne saurait surmonter. Toutefois, lorsqu'il faut prendre une simple décision qu'un blanc effectuerait presque automatiquement, l'Indien reste muet, immobile, apathique, sans énergie ni réflexes. Son adaptation à l'ambiance est admirable, mais son initiative et sa capacité d'assimilation s'annihilent de bonne heure. Si on veut jamais faire quelque chose pour les Indiens de l'Amérique du Sud, il faudra les éduquer dès l'enfance, car la période de formation est bien plus précoce chez eux que chez l'enfant des blancs ou des métis.⁸⁶ (RICE, 1937, p. 33)

⁸⁶ O índio, abandonado sozinho em meio à solidão, não só pode sobreviver e obter tudo o que é necessário para sua existência, proteger-se de animais selvagens, suportar todas as privações, as ainda enfrenta e vira a seu favor

Possivelmente, muito além de educar os índios naquele período ou nos dias de hoje, faz-se essencial o respeito e o conhecimento da diversidade cultural, étnica, econômica, política e social em todo mundo. O que nos faz considerar que no século XX, e nos dias de hoje, símbolos de cultura, recursos financeiros e a vida social ainda nos separam uns dos outros. Nos dividem não só em hierarquias ou classes, mas nos distanciam do saber e do conhecimento. Provavelmente os únicos capazes de nos libertar da ignorância e nos unir como seres humanos.

qualquer eventualidade de que um o branco não pode superar. No entanto, quando é necessário tomar uma decisão simples que uma pessoa branca tomaria quase automaticamente, o índio fica calado, imóvel, apático, sem energia nem reflexos. Dele a adaptação ao ambiente é admirável, mas sua iniciativa e habilidade a assimilação é aniquilada cedo. Se algum dia quisermos fazer algo para os índios da América do Sul, eles terão que ser educados desde a infância, pois o período de formação é muito anterior com eles do que com os filhos de brancos ou mestiços.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- American Geographical Society, AGS. **História.** c2019. Disponível em <https://americangeo.org/about-us/history/> e acessado em 10 de jul. 2019
- ALTAMAN, Max. **Hitler é condenado pelo Putsch de Munique.** 2010. <https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/3480/hoje-na-historia-1924-hitler-e-condenado-pelo-putsch-de-munique> acesso em 27.05.19 às 21h57.
- BARBOSA, R.I.; FERREIRA, E. G.; CASTELLON, E. (eds.). **Historiografia das expedições científicas e exploratórias no vale do Rio Branco.** Homem, Ambiente e Ecologia no Estado de Roraima. Manaus, INPA- 1997. pp. 193-216.
- BARBOSA, Reinaldo Ambrósio. **Expedições Naturalistas e Exploratórias na Construção Histórica do Vale do Rio Branco.** MENS AGITAT | HISTÓRIA DA CIÊNCIA 3 Volume 5, Número 1 e 2, 2010, p.157.164. Fonte:repositorio.inpa.gov.br/bitstream/123/6192/1/Expedicoes_naturalistas_e_exploratorias.pdf Acessado em 29.06.19.
- CIDADE E CULTURA. **Revolta de 1924.** Disponível em: <https://www.cidadeecultura.com/revolta-1924/> . Acesso em: 27 maio 2019.
- CASAGRANDE, Vinícius. **Sem aeroportos, aviões tinham de pousar na água; hoje hidroavião é raro.** UOL. São Paulo, 11 de maio de 2019. Blogosfera. Disponível em: <https://todosabordo.blogosfera.uol.com.br/2019/05/11/hidroaviao-historia-da-aviacao/?cmpid=copiaecola> Acesso em: 27 de fevereiro de 2021.
- DUDOGNO, Aurélia. **O Imaginário Ou A Nadificação Do Mundo** Por Jean Paul Sartre. Traduzido do francês para o português por Jacqueline Siano. Ano 2 | Nº 8 | Jan 2014 ISSN 2316-8102.
- Encyclopedia Titanica (2004) **ALEXANDER RICE, EXPLORER, WAS 80** (New York Times, terça-feira, 24 de julho de 1956, publicado em 20 de julho de 2004, gerado em 31 de janeiro de 2021 03:42:15 PM); URL: <https://www.encyclopedia-titanica.org/alexander-rice-explorer-was-80.html>
- Exército apreende quatro aviões usados em garimpo ilegal na Terra Indígena Yanomami em RR.** G1. Boa Vista/ Roraima. 04 de setembro de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2020/09/04/exercito-apreende-quatro-avioes-destinados-ao-garimpo-ilegal-na-terra-indigena-yanomami-em-rr.ghtml> Acesso em 02 de março de 2021.
- FERNANDES, Marcia. **Movimento Pau-Brasil.** Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/movimento-pau-brasil/> Acesso em: 30 jun. 2019.
- GAMBARATO, Renira Rampazzo. **Signo, significação, representação.** Contemporânea N4 |2005.1
- GIRAUD, Laire. **A Marinha do Brasil e o telégrafo sem fio.** Porto Gente. 02 de Junho de 2008. Disponível em <https://portogente.com.br/colunistas/laire-giraud/18107-a-marinha-do-brasil-e-o-telegrafo-sem-fio#:~:text=Poucos%20sabem%20que%20Marinha%20do,28%20de%20setembro%20de%201905>. Acesso em 27 de fevereiro de 2021.

GUGLIELMO, Marconi. **Britânica Escola. Artigo.** Disponível em : <https://escola.britannica.com.br/artigo/Guglielmo-Marconi/481834#:~:text=Guglielmo%20Marconi%20foi%20o%20cientista,mandava%20mensagens%20atrav%C3%A9s%20do%20ar.&text=Marconi%20criou%20o%20tel%C3%A9grafo%20sem,atrav%C3%A9s%20de%20ondas%20de%20r%C3%A1dio>. Acesso em 27 de fevereiro de 2021.

HOSTE, Vinicius Xavier. **ESTÉTICA DO IRREAL:** Considerações sobre a arte em Jean-Paul Sartre. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filosofia do Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia. Vitória 2017.

IASBECK, L. C. A. **Método Semiótico.** In: JORGE DUARTE; ANTONIO BARROS. (Org.). Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. 001 ed. São Paulo: ATLAS, 2005, v. 1, p. 193-205.

KOSSOY, Boris. **Dicionário Histórico Fotográfico Brasileiro: Fotógrafos e ofício da fotografia no Brasil (1833-1910).** São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2002.

MAGAZINE, The National Geographic. **Exploring the Amazon Valley in a Hydroplane.** Edição XLIX, número 4, 1926.

MAXWELL, KENNETH. **O verdadeiro Indiana Jones.** FOLHA DE SÃO PAULO, 2009. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz1009200906.htm> Acesso em: 02 de fevereiro de 2021.

MILHEROU, Dominique. **Henri Fabre, l'Inventeur Marseillais de l'Hydravion** Tourisme marseille. Disponível em: <https://www.tourisme-marseille.com/fiche/henri-fabre-l-inventeur-marseillais-de-l-hydravion/> Acesso em: 27 de fevereiro de 2021.

MONTEIRO, Carla Souza. S20 **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 38, supl., p. S19-S32, nov. 2012

NEW YORK TIMES. **Alexander Rice explorer was 80**, Special to The New York Times, New York - EUA, Pg. 25, 24 de julho de 1956.

OLIVEIRA, Rafael Alves De. **OBRAS DE ARTE E A MEMÓRIA IMAGÉTICA:** uma análise dos métodos de representação. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre. RECIFE 2014.

Peirce, Charles Sanders, **Collected Papers**, compilação em CD ROM. Indiana University. 2000 _____ . **Escritos Coligidos. Sobre a Justificação Científica de uma conceitografia.** Os fundamentos da Aritmética. Tradução Luis Henrique dos Santos. Coleção Os Pensadores. São Paulo; Abril Cultural, 1974.

_____. 1839-1914. **Semiótica - Charles Sanders Peirce** ; [tradução José Teixeira Coelho Neto]. - São Paulo : Perspectiva, 2005. -- (Estudos ; 46 1 dirigida par J. Guinsburg)

RICE, Hamilton. **Exploration en Guyane Brésilienne.** Paris-France, Societé D'Éditions Géographiques, Maritimes et Coloniales, 1937.

_____. **Exploração na Guiana Brasileira.** Tradução e notas Lacy Schettino; Prefacio de Mário G. Ferri – Belo Horizonte: Ed, Itatiaia; São Paulo; Ed da Universidade de São Paulo, 1978

SANTAELLA, Lucia . **Introdução à semiótica: passo a passo para compreender os signos e a significação** / Winfried Nóth, Lucia Santaella. — São Paulo: Paulus, 2017. — Coleção Introduções.

_____. **Semiótica aplicada**. - São Paulo: PioneiraThomson Learning, 2005.

_____. **O que É Semiótica** - Volume 103. Coleção Primeiros Passos (Português) Capa Comum – 1983.

SANTAELLA, Lúcia e NÖTH, Winfried. **Imagem – cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, (1999).

SANTANA, Ana Lucia. **Escola de Frankfurt**. [201?] Disponível em: <https://www.infoescola.com/filosofia/escola-de-frankfurt/> acesso em: 30 jun. 2019

SANTOS, Silvino. **NO RASTRO DO ELDORADO**. Cinemateca Brasileira. Disponível em: <http://bases.cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=p&nextAction=lnk&eXprSearch=ID=002817&format=detailed.pft> Acesso em: 28 de fevereiro de 2021.

SARTRE, Jean Paul. **A imaginação**; Tradução de Paulo Neves. 1 edição. Porto Alegre, RS: L&PM, 2008.

_____, Jean Paul. **O Imaginário**. Psicologia Fenomenológica da Imaginação. Tradução Duda Machado. São Paulo: Editora Ática S.A, 1996.

SILVA, Rosane. **Uma percepção do olhar: os três paradigmas da imagem à luz da semiótica peirceana**. Revista eca XIII 3_Miolo.indd 19 . 24.09.08 14:31:34.

SOCIETY, American Geographical, AGS. **História. c2019**. Disponível em: <https://americangeo.org/about-us/history/> e acessado em 10 de jul. 2019.

SOUZA, Carla Monteiro de. **Uma visão da Guiana Brasileira: a expedição de Hamilton Rice pela Amazônia**. Estudos Ibero-Americanos, PUCRS, v. 38, supl., p. S19-S32, nov. 2012.

SOUZA, Luciana Coutinho Pagliarini de. **A trama do texto e da imagem: um jogo de espelhos**. São Paulo: Annablume, 2010.

SOUZA, Marcio. Silvino Santos. **O cineasta do ciclo da borracha**. Rio de Janeiro: Funarte, 1999.

STOCO, Sávio Luis. **O Cinema “Comprometido” e a Cavação Flexibilizada de Silvino Santos**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Manaus, AM – 4 a 7/9/201

TITANIA, Enciclopédia. **Alexander Rice, explorador, partiu aos 80 anos**. The New York Times. Julho de 1956. Disponível em: [encyclopedia-titanica.org/alexander-rice-explorer-was-80.html](https://www.encyclopedia-titanica.org/alexander-rice-explorer-was-80.html) acesso em 01 de ago de 2019.

TITANIA, Enciclopédia. **Explorador fala sobre índios de língua rara**. Fonte: <https://www.encyclopedia-titanica.org/explorer-rice-back-saw-white-indians.html> e acessado em 29 de junho de 2019.

UFRR - **Núcleo de Educação à Distância (site institucional)**. Disponível em: <https://www.nead.ufrr.br/index.php/boa-vista/94-criacao-do-municipio> . Acesso em 26 de fevereiro de 2021.

ZOUEIN, Maurício Elias. **A IDEIA DE CIVILIZAÇÃO NAS FOTOGRAFIAS, CARTÕES POSTAIS E ÁLBUNS OFICIAIS DOS GOVERNOS DO AMAZONAS E PARÁ ENTRE 1865 E 1908**. Tese de doutoramento apresentada ao Curso de Doutorado do

Programa de Pós-graduação em História Social do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de doutor em História Social. RIO DE JANEIRO: 2016.

_____. **O Vale do Rio Branco**. Edição especial com estudos críticos. Maurício Elias Zouein, Andrea Casa Nova Maia. – Boa Vista: editora da UFRR, 2017.

ANEXO

Imagem: Hamilton Rice

